SET OSCAR 98

CINEMA & VÍDEO

OSCAR *70 ANOS*
os vencedores do maior prêmio do cinema

EDITORA AZUL

ISSN 0104-1592

Março, 1998 - Ed. 129 - Ano 12 - Nº 3 - R$ 5,70

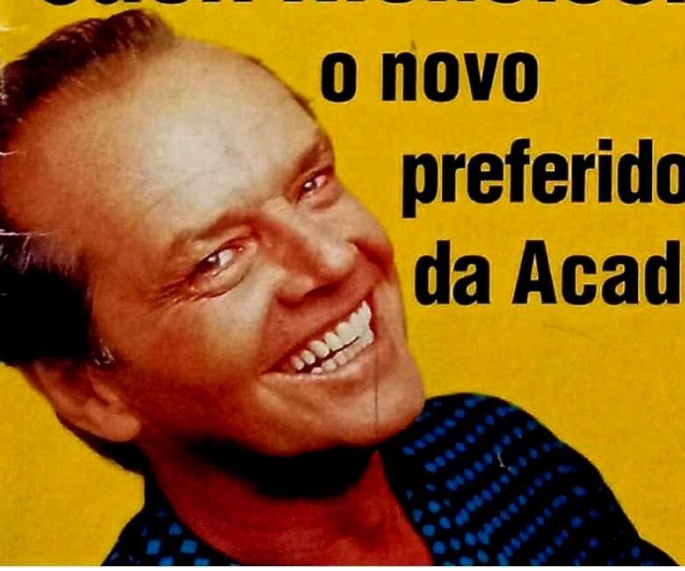
Será que é desta vez, companheiro?

MATHEUS NACHTERGAELE

PEDRO CARDOSO

ALAN ARKIN

FERNANDA TORRES



Jack Nicholson o novo preferido da Academia

Sob a direção de Bruno Barreto, o Brasil volta a sonhar com sua primeira estatueta

EMBARQUE EM MAIS UMA AVENTURA

R$ 24,90

Os Três Porquinhos

Bernardo e Bianca
R$ 25,90 (cada)

R$ 24,90

Aristogatas

R$ 24,90

Mogli o Menino Lobo

R$ 24,90

Os Filhotes da Selva

R$ 24,90

Robin Hood

R$ 24,90

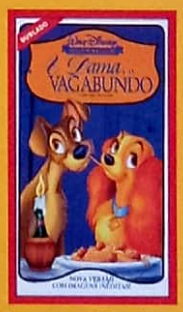
Volta ao Mundo com Timão e Pumba

R$ 24,90

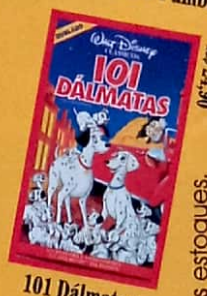
Pateta o Filme

Jantando Fora com
Timão e Pumba - R$ 25,90

Oliver e sua Turma
R$ 25,90



A Dama e o Vagabundo
R$ 25,90



R$ 24,90

101 Dálmatas

OFERTA

A Bela Adormecida
R$ 24,90

O Corcunda de Notre Dame
R$ 14,90

Toy Story
R$ 14,90

101 Dálmatas - O Filme
R$ 24,90

Gasparzinho
R$ 24,90

Ofertas válidas enquanto durarem os estoques.

Faça já o seu pedido (011) 290 0811
E-mail: jointvideo@jointvideo.com.br
Site: http://www.jointvideo.com.br

JOINTVIDEO
CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO/SP - FONE/FAX:(011) 290 0811

Entrega via Sedex (despesas por conta do destinatário).

em CARTAZ

Os principais filmes dos cinemas este mês

AMISTAD No século passado, uma rebelião de escravos num navio negreiro dá início a um emocionante julgamento, no qual estão em jogo a vida e a liberdade de um grupo de africanos. Direção de Steven Spielberg, com Anthony Hopkins, Morgan Freeman e Matthew McConaughey.

MELHOR É IMPOSSÍVEL Um escritor de sucesso (Jack Nicholson) tem sua vida mudada quando se descobre apaixonado por uma garçonete (Helen Hunt), ao mesmo tempo em que se aproxima de seu vizinho, um artista homossexual (Greg Kinnear). Comédia dirigida por James L. Brooks.

OU TUDO OU NADA Para tentar se livrar do desemprego, um grupo de operários ingleses decide montar um show de striptease. Um dos maiores sucessos do ano passado em todo o mundo, com Robert Carlyle e Mark Addy.

TEMPESTADE DE GELO Em 1973, Nova York enfrenta uma de suas piores tempestades de gelo – o cenário no qual são revelados os conflitos de uma família da classe média. Kevin Kline, Joan Allen e Sigourney Weaver protagonizam esse drama do chinês Ang Lee.

THE BOXER Depois de passar mais de uma década na prisão, um boxeador reencontra a mulher que ama numa Irlanda abalada pela guerra civil. O filme é a terceira parceria do diretor Jim Sheridan com o ator Daniel Day-Lewis. A inglesa Emily Watson completa o elenco.

O HOMEM QUE FAZIA CHOVER Um advogado idealista enfrenta uma grande corporação em mais uma adaptação de um romance de John Grisham, o mesmo de *Tempo de Matar*. A direção é de Francis Ford Coppola. Com Matt Damon, Danny DeVito e Jon Voight.

BOOGIE NIGHTS Espetacular drama do diretor Paul Thomas Anderson, que mostra a ascensão e queda de um astro do cinema pornô durante os anos 70. Com Mark Wahlberg, Julianne Moore e Burt Reynolds.

TROPAS ESTELARES No futuro, um grupo de jovens soldados parte para um planeta distante para combater uma estranha e perigosa raça de insetos alienígenas. Muita violência marca essa volta do diretor Paul Verhoeven (*RoboCop, O Vingador do Futuro*) à ficção.

O MENSAGEIRO
No futuro, num mundo devastado pela guerra, um nômade encontra um carro dos correios, veste as roupas do carteiro morto e decide entregar a correspondência restante com o objetivo de conseguir comida. Mas ele se torna um símbolo involuntário da restauração dos Estados Unidos. Ficção pós-apocalíptica dirigida e protagonizada por Kevin Costner.

→

em CARTAZ

MEIA-NOITE NO JARDIM DO BEM E DO MAL Neste novo filme dirigido por Clint Eastwood, um jornalista vai para a cidade de Savanah para cobrir uma notória festa de Natal, mas acaba envolvido pelos excêntricos habitantes do local e por um caso de assassinato. Com Kevin Spacey e John Cusack.

REVIRAVOLTA A caminho de Las Vegas para quitar uma dívida de jogo, um estranho tem seu carro quebrado e acaba isolado numa pequena cidade, onde é perseguido pelos homens e seduzido pelas mulheres. Direção de Oliver Stone, com Sean Penn, Nick Nolte e Jennifer Lopez.

CINZAS DO PARAÍSO Um juiz comete o que aparenta ser suicídio. Uma jovem é encontrada morta na casa dele, e cada um dos três filhos deste se responsabiliza pelo assassinato. Cabe a uma juíza resolver esse intrincado mistério. Surpreendente thriller argentino, com direção de Marcelo Piñeyro. Com Hector Alterio e Cecilia Roth.

TORMENTA DE FOGO Um bombeiro especializado em incêndios em florestas – chamado *smoke jumper* –, tenta conter a fúria da natureza, enquanto um prisioneiro usa o inferno em chamas para arriscar uma audaciosa fuga. *Tormenta de Fogo* é o primeiro filme como protagonista do ex-jogador de futebol americano Howie Long – que foi um dos vilões de *A Última Ameaça*.

UM LOBISOMEM AMERICANO EM PARIS Um turista americano salva uma jovem da morte na torre Eiffel, mas descobre que ela é filha de um lobisomem. Pior ainda: ela puxou ao pai! Continuação do clássico *Um Lobisomem Americano em Londres*, com Tom Everett Scott e Julie Delpy.

MESTRE DOS DESEJOS Wes Craven produz este filme de terror, que mostra um demônio de outra dimensão disposto a escapar e transformar nosso mundo num inferno. Para isso, ele concede desejos a mortais que desconhecem seu plano e é combatido por uma arqueóloga. Direção de Robert Kurtzman.

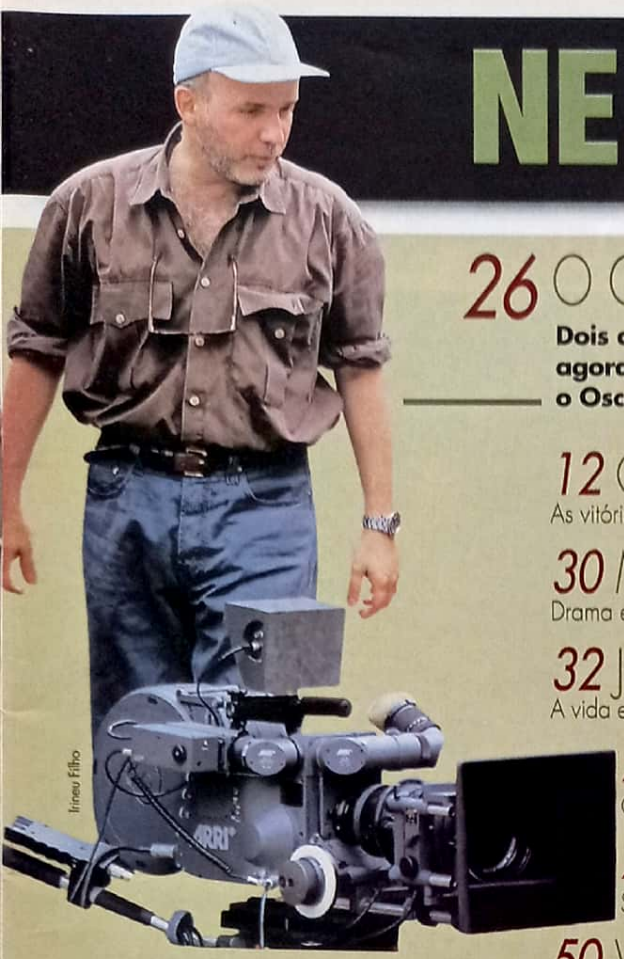
MORTAL KOMBAT: ANNIHILATION Depois de derrotar o perverso feiticeiro Shang Tsung, um grupo de lutadores descobre que o mestre do vilão, o maligno Shao Khan, está tentando dominar a Terra. Baseado no jogo de videogame *Mortal Kombat* – que já havia gerado um bem-sucedido filme em 1995.

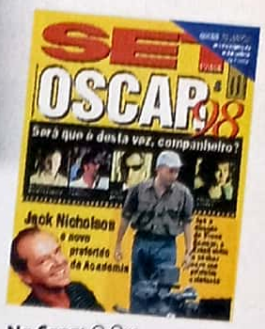
GÊNIO INDOMÁVEL Órfão e pobretão, o jovem Will Hunting (Matt Damon) trabalha como zelador numa conceituada universidade americana. Mas ele também é um gênio da matemática e literatura. Um psicólogo (Robin Williams) tenta ajudá-lo a lidar com sua raiva, ao mesmo tempo em que ele se apaixona por uma estudante (Minnie Driver). A direção é de Gus Van Sant.

JACKIE BROWN Uma aeromoça (Pam Grier) tenta se apoderar de 500 mil dólares de um traficante de armas (Samuel L. Jackson). Nesse meio tempo, ela é observada pela polícia. O novo filme de Quentin Tarantino possui uma trilha sonora marcante e ainda traz Robert De Niro, Bridget Fonda e Robert Forster no elenco.

Leia mais sobre alguns destes filmes nesta edição

NESTA edição


Irineu Filho



Na Capa: *O Que É Isso, Companheiro?* (Columbia TriStar); Jack Nicholson (Stills)

26 O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?
Dois anos após a indicação de *O Qu4trilho*, o Brasil, agora sob a direção de Bruno Barreto, volta a disputar o Oscar. E nossas chances nunca foram tão grandes

12 OS 70 ANOS DE OSCAR
As vitórias, derrotas e histórias que marcaram o prêmio máximo do cinema

30 MELHOR É IMPOSSÍVEL
Drama e comédia convivem em sintonia no novo filme de Jack Nicholson

32 JACK NICHOLSON
A vida estranha e as opiniões fortes do astro mais polêmico de Hollywood

40 OU TUDO OU NADA
O bom humor de um sucesso-surpresa vindo da Inglaterra

44 AMISTAD
Spielberg faz de um obscuro episódio verídico um filme emocionante

50 WAG THE DOG
Robert De Niro, Dustin Hoffman e Anne Heche tentam salvar o presidente norte-americano de (para variar) um escândalo

52 BOOGIE NIGHTS
Um novo diretor narra a trajetória de um astro pornô e prova que veio para ficar

56 O LUTADOR
O astro Daniel Day-Lewis e o diretor Jim Sheridan retomam sua parceria

58 O HOMEM QUE FAZIA CHOVER
Francis Coppola empresta novo fôlego a uma trama do escritor John Grisham

62 UM PASSEIO EM NOVA YORK
Os cenários mais famosos de uma cidade que nasceu para ser filmada

OSCAR

Reprodução

Columbia TriStar

UIP

Warner

Araquem Alcântara

sempre em SET

Warner

5 TAKES Uma volta pelo mundo do cinema

68 NOVOS FILMES O chinês Ang Lee arrebata e devasta a platéia em *Tempestade de Gelo*, com Sigourney Weaver

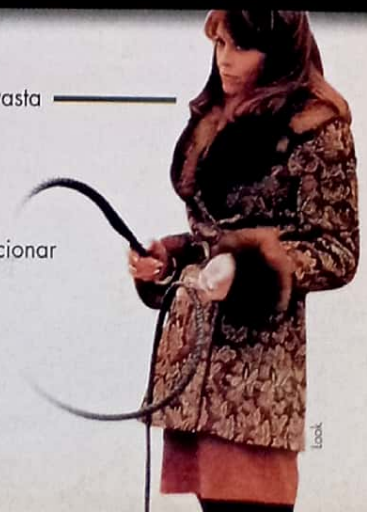
72 HOLLYWOOD BOULEVARD
As lembranças de Dulce Damasceno de Brito

75 VIDEOLANÇAMENTOS Jodie Foster tenta solucionar um dos grandes enigmas da humanidade em *Contato*

83 MAIS TAKES E a voltinha pelo cinema continua

88 CARTAS Os leitores dizem o que pensam

90 NOSTALGIA Uma imagem para guardar


Look

VOCÊ NÃO VAI ESCAPAR DESSA TRAMA.

DONALD SUTHERLAND

CHARLIE SHEEN

LINDA HAMILTON

CONSPIRAÇÃO

(SHADOW CONSPIRACY)

Na atuação mais vibrante de sua carreira, Charlie Sheen é Bobby Bishop, um alto funcionário da Casa Branca que descobre uma terrível conspiração armada contra o presidente dos EUA e se vê envolvido em um perigoso labirinto.
Com um super elenco que também conta com Linda Hamilton e Donald Sutherland, Conspiração é um filme eletrizante, que vai prender sua atenção do começo ao fim. Alugue Conspiração e prepare-se para entrar em uma trama envolvente ao lado de três grandes astros de hollywood.

HOLLYWOOD PICTURES HOME VIDEO

CINERGI™

JÁ NA SUA LOCADORA

abril video

©Cinergy Pictures Entertainment, INC. e Buena Vista Pictures

TAKeS

Cidade em frangalhos: Nova York é destruída pela fúria de Godzilla

Fotos: Columbia/TriStar

Sai de baixo: Matthew Broderick encara o monstro, que arrasa tudo à sua frente (*acima*)

Godzilla arrasador

A criatura na Internet

Com uma campanha de marketing milionária, a Sony quer fazer do clássico monstrengo o filme do ano

Ele é enorme, forte, rápido e destrói tudo que encontra pela frente. Inclusive a competição! Estamos falando de *Godzilla*, a superprodução de Roland Emmerich e Dean Devlin – criadores de *Independence Day* – que tem tudo para ser o filme do ano. Com as filmagens já concluídas, *Godzilla* está nas mãos de mestres em efeitos especiais que estão empenhados em colocar em celulóide a mais apavorante e espetacular ameaça já concebida para o cinema.

Godzilla vai chegar às telas precedido de uma campanha de marketing, já iniciada há meses, tão monstruosa quanto a própria criatura. Em primeiro lugar, ninguém vai ver o monstro antes de o filme estar prontinho – embora uma ilustração do novo Godzilla tenha circulado pela Internet no finalzinho do ano passado. A produção também é de arrasar. A Sony, responsável pelo filme, divulgou imagens de uma Nova York em frangalhos após a passagem do bichão, mais as suas pegadas do tamanho de uma casa e de multidões apavoradas sem ter como fugir da ameaça. Pouco se sabe do roteiro. Aparentemente, o monstro foi despertado por testes nucleares franceses e chegou até Nova York arrasando tudo o que encontrou pela frente – inclusive o Panamá! Se nada se colocar no caminho do bicho, *Godzilla* chega ao Brasil em julho. ■

Mãos ao alto: o exército americano se coloca na rota de Godzilla

TAKES

KEVIN COSTNER
SÓ O AMOR CONSTRÓI

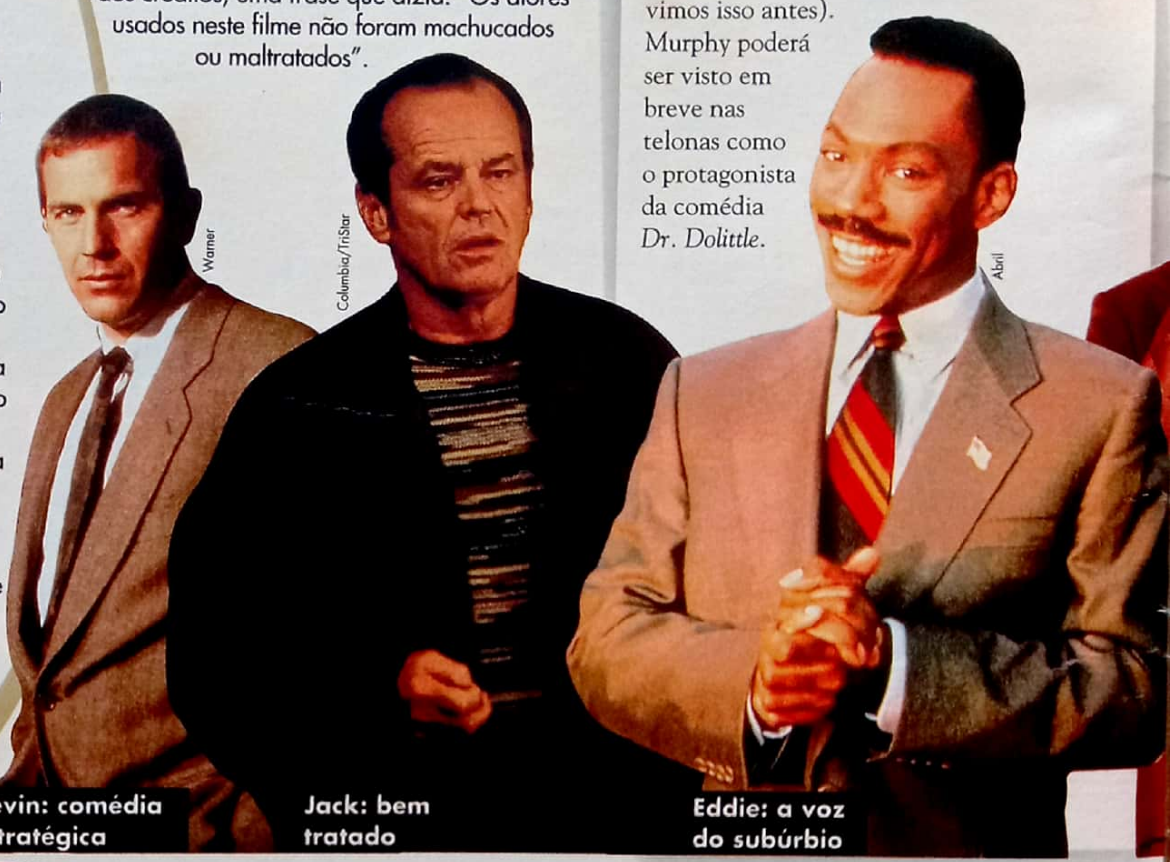
Preocupado – e com razão – com o fraco desempenho da ficção pós-apocalíptica *O Mensageiro*, Kevin Costner já está de olho em uma "saída de emergência" mais imediata e inofensiva possível: uma comédia romântica. O astro de *O Guarda-Costas* está em negociações com a Warner para protagonizar *Message in a Bottle*, que é baseado no livro de Nicholas Sparks (e não na canção do The Police!) sobre "a busca do amor verdadeiro". No filme, uma jornalista de férias encontra uma garrafa com uma mensagem de amor de um homem para sua mulher nas areias de uma praia. Ela fica tão sensibilizada pela carta que decide partir em busca do sujeito que a escreveu. O filme deve estrear nos Estados Unidos no Natal.

JACK NICHOLSON
SEM NENHUM ARRANHÃO

Enquanto os executivos de Hollywood continuam levando muito a sério o bem-estar dos animais no set de filmagens, o exagero pode acabar se tornando uma piada – que o digam os produtores do último filme de Jack Nicholson, *Melhor É Impossível*, no qual ele divide a cena com Helen Hunt, Greg Kinnear... e um cachorro. Para assegurar aos fãs que o astro não correu riscos durante a produção, eles colocaram, bem no final dos créditos, uma frase que dizia: "Os atores usados neste filme não foram machucados ou maltratados".

EDDIE MURPHY
VOLTANDO ÀS RAÍZES

Eddie Murphy está prestes a voltar a trabalhar na televisão. Ou melhor, quase. Mais de dez anos depois de abandonar a telinha – ele começou sua carreira no programa *Saturday Night Live* –, o astro será o produtor de *The PJs*, uma série animada em *stop-motion* que será exibida pela rede de televisão Fox. Além de produzir, ele deverá fazer a voz do personagem principal, um pai de família que vive no subúrbio (hmm... já vimos isso antes). Murphy poderá ser visto em breve nas telonas como o protagonista da comédia *Dr. Dolittle*.



Kevin: comédia estratégica | **Jack: bem tratado** | **Eddie: a voz do subúrbio**

NADA DE BOND

"James Bond é um canalha. Tudo o que ele faz é usar uma mulher atrás da outra, para depois abandoná-las. Elas sempre acabam morrendo, o que simplifica sua vida – e geralmente a culpa é dele!"

De James Cameron, explicando por que ele nunca vai dirigir um filme de 007

NEVE CAMPBELL
SALÁRIO ASSUSTADOR

Mesmo com o sucesso do filme de terror *Pânico 2* – que já está encostando nos 100 milhões de dólares de bilheteria nos Estados Unidos – é provável que a gracinha Neve Campbell não dê as caras em *Scream 3*, que encerraria a trilogia com chave de ouro. O motivo? Neve queria participar de *Rounders*, ao lado de Edward Norton e Matt Damon, mas a Miramax bateu o pé e exigiu que ela fizesse também o terceiro *Scream* – mas a atriz não gostou da imposição e pulou fora. Problema número dois: o diretor Wes Craven só se compromete com *Scream 3* se Neve estiver no filme. Encurralados, os manda-chuvas da Miramax agora pensam em oferecer a ela um salário que pode chegar a 13 milhões de verdinhas! Brrr...

Neve: pagamento recorde

COMO É MESMO O NOME DELE?

LAURENCE FISHBURNE

PONDO UM FIM NA CONFUSÃO

Ele não é Denzel Washington nem Danny Glover e muito menos Morgan Freeman. Em 1996, ele costumava sair às ruas e ser abordado por pessoas que o cumprimentavam pelo papel em *Pulp Fiction* (o ator, no caso, era Samuel L. Jackson). Este ator está cansado de ser confundido com outros ou simplesmente não ser reconhecido. E não é por falta de currículo! Laurence Fishburne estreou na TV com apenas oito anos de idade; seu primeiro filme para cinema foi completado quando tinha quatorze e, logo em seguida, ele mentiu sobre a sua idade: ainda "de menor", participou das conturbadas filmagens nas Filipinas de *Apocalypse Now*. Nas duas décadas seguintes, o ator fez quase quarenta filmes e foi indicado ao Oscar pelo papel de Ike Turner na cinebiografia *Tina*. Nascido em 1961, na Georgia, Lawrence Fishburne III (seu nome verdadeiro) participou de vários filmes importantes (*A Cor Púrpura, Jardins de Pedra, O Rei de Nova York*) antes de chamar a atenção no polêmico *Boyz N the Hood – Os Donos da Rua*. Entre os filmes que protagonizou, estão *Othello* e *O Enigma do Horizonte*. No ano passado, Fishburne estreou também como produtor, tanto do premiado telefilme *Cobaias* quanto do ainda inédito *Hoodlum*. Esta nova função indica que ele está preocupado em conduzir bem a sua carreira. Quem sabe se alguém, em breve, o reconhecerá nas ruas?

ADVOGADO DO DIABO

BELEZA ROUBADA

Por essa a Warner não esperava. O escultor americano Frederick Hart está acusando os produtores do sucesso *Advogado do Diabo* de terem plagiado uma de suas obras – uma escultura que enfeita a entrada da catedral nacional de Washington, criada em 1974, idêntica àquela existente no apartamento do personagem de Al Pacino. No filme, a escultura – que mostra homens e mulheres angelicais em posições sensuais – toma vida no clímax, o que deixou Hart ainda mais furioso: "Eles envenenaram o trabalho de toda uma vida". A Warner nega as acusações, mas o artista garante que vai levar o processo adiante.

Pam: a beleza madura que seduziu Quentin Tarantino

PAM GRIER

SENSUAL MATURIDADE

Quentin Tarantino merece calorosos aplausos por ter recolocado Pam Grier no mapa de Hollywood com *Jackie Brown*. Mais ainda: pudemos constatar que a beleza rebelde de Pam, explorada nos filmes black dos anos 70, deu lugar a uma mulher madura, sensual, independente e apaixonante, capaz de cativar o mais frio dos homens com um simples olhar. Além de *Jackie Brown*, Pam será vista este ano em *Woo*, da diretora Daisy von Scherler Mayer, ao lado de Isaac Hayes e Jada Pinkett.

TAKES

Los Angeles URGENTE

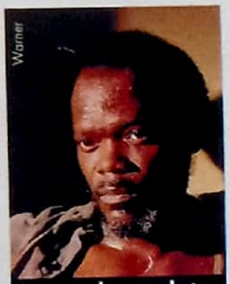
José Emilio Rondeau

URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE

Warner

Dustin: no banheiro

★ Reflexos do baile: três dos astros principais de *Ou Tudo ou Nada* foram barrados na festa pós-Globos de Ouro promovida pela Miramax, distribuidora do próprio filme nos Estados Unidos. Como se já não fosse grosseria o bastante, *Ou Tudo ou Nada* era para ser um dos homenageados da festa, por ter figurado entre os indicados para o prêmio de melhor comédia ou musical. ★ Reflexos 2: dentro do banheiro dos homens do salão imperial do hotel Beverly Hilton, Dustin Hoffman fazia as vezes de "agente" do funcionário que distribuía toalhas de mão aos freqüentadores do mictório. "Vamos abrir a carteira e dar dinheiro para este homem – já!", ordenava Dustin. ★ Samuel L. Jackson dá andamento à sua carreira como produtor de filmes, trabalhando por trás e na frente das câmeras no drama *Training Day*, ao lado do queridinho da mídia ianque, Matt Damon. ★ Os membros remanescentes da trupe britânica de humorismo surreal Monty Python – Eric Idle, John Cleese, Terry Gilliam, Michael Palin e Terry Jones – reuniram-se durante o festival de comédia de Aspen, no Colorado, para um show em tributo à sua carreira. ★ A Disney deu a partida no pré-lançamento de *An Alan Smithee Film: Burn Hollywood Burn* – o documentário de mentirinha escrito por Joe "Instinto Selvagem" Eszterhas – com uma campanha singular – e não menos difícil de ler: o estúdio do Mickey publicou frases escondidas no pé das primeiras páginas do jornal *The New York Times*, do tipo "Eu sou um produtor, não um gigolô". ★ Como parte da sentença que o juiz deu a Christian Slater recentemente – noventa dias de cadeia –, o ator é obrigado a lavar os carros dos policiais da cidade californiana de La Verne, além de dar uma mão aos outros presos na hora de lavar os banheiros. Que dureza!



Warner

Samuel: produtor

Abril

Christian: atrás das grades

AEROSMITH

A UM PASSO DAS TELAS

Os roqueiros do Aerosmith estão prestes a começar uma carreira em Hollywood – e o caminho é o escritor Elmore Leonard, que está trabalhando em *Be Cool*, uma continuação de seu livro *Get Shorty*, que deu origem ao filme *O Nome do Jogo*. Desta vez, o ex-gângster Chili Palmer – interpretado na telona por John Travolta – decide deixar o cinema de lado para se tornar um empresário do mundo do rock 'n' roll, representando o Aerosmith. Embora *Be Cool* ainda não tenha data para ser publicado, é certo que chegará às telas bem rapidinho – com o Aerosmith nas telas e na trilha.

Reina

Aerosmith: cantando no cinema

HARRISON FORD

BEIJOS NADA COBIÇADOS

A atriz Helen Mirren despedaçou os sonhos molhados de milhares de fãs do astro Harrison Ford. Em uma entrevista a uma rádio inglesa, Helen – que foi parceira de Ford no filme *The Mosquito Coast*, de 1986 – disse que ele é um doce de pessoa, mas que não sabe beijar! Mais ainda: a atriz disse que ela não é a única com essa opinião, e garante que outras companheiras de cena de Ford lhe confidenciaram a mesma coisa. Que coisa feia Helen, nunca te disseram que é falta de educação beijar e sair contando?

CIC

Harrison: mau beijoqueiro

MATT DAMON
NÃO APENAS UM BOM RAPAZ

O jovem ator Matt Damon quer se livrar do rótulo de bom moço cultivado em produções como *Gênio Indomável* e em *O Homem que Fazia Chover*. Em *The Talented Mr. Ripley*, novo filme do diretor Anthony Minghella (de *O Paciente Inglês*), Damon interpreta um homicida bissexual que, ao ser contratado para encontrar o filho de um milionário, decide tomar o seu lugar – e também a sua amante. O elenco de *The Talented Mr. Ripley* conta ainda com Jude Law, Cate Blanchett e Gwyneth Paltrow.

Damon: mudança radical

UIP

MILLA JOVOVICH
A HEROÍNA DA REVOLUÇÃO

Parece que o diretor Luc Besson vai deixar a ficção de lado para se concentrar numa história bem mais realista. Depois da boataria que dava conta do fim da sua carreira após o lançamento de *O Quinto Elemento*, eis que ele anuncia seu próximo projeto: uma biografia de Joana D'Arc, a heroína da Revolução Francesa. Para o papel principal, Besson quer ninguém menos que sua musa, a gracinha Milla Jovovich. Com um orçamento de 30 milhões de dólares, *Joan of Arc* só deve chegar aos cinemas gringos no ano que vem.

Milla: à espera da fogueira

Columbia/TriStar

Cannes

Warner

Capa e espada: a aposta animada da Warner

QUEST FOR CAMELOT
AVENTURA MEDIEVAL

A Disney que se cuide! Depois de passar muito tempo anos-luz à frente de outros estúdios hollywoodianos na área da animação, os responsáveis por sucessos como *O Rei Leão* vão enfrentar uma competição pesada em 1998 – especialmente depois do sucesso de *Anastasia*, lançado pela Fox no final do ano passado. E é a Warner que sai na frente com *Quest for Camelot*, que mostra a busca da espada Excalibur por dois adolescentes. A fórmula da Warner é a mesma explorada até a exaustão pela Disney: heróis adoráveis, um vilão engraçado e coadjuvantes fofinhos. Na cola de *Quest for Camelot*, a DreamWorks lança o ambicioso *Príncipe do Egito*, enquanto a Disney contra-ataca com *Mulan*. Que vença o melhor.

mais TAKes na pág. 79

Cromos gentilmente cedidos por: T.E.C., Playarte, Bravo, Eurochannel, ESPN Brasil, ESPN International, History Channel, BBC, 1992 TBS Inc., 1992 H-B Prod. Inc., Columbia, CNN, Emídio Luisi/Fotograma, CMT, CMT Brasil, Warner Bros, Helcio Toth

"Do Nosso Sofá, Assistimos A Uma Verdadeira Revolução"

Pedro C. M. Alvarenga, administrador de empresas, Marina H. L. Alvarenga, dentista, e a filha, Ana Carolina, assinantes da TVA

A Ana Carolina, a Marina e o Pedro Alvarenga nem se lembram mais de como eram as coisas antes da revolução. Até pouco tempo eles não tinham acesso às novidades, tinham pouca diversão. Não tinham nem mesmo liberdade de escolha, tendo que assistir as mesmas coisas todos os dias. Mas aí ela chegou. Mais uma revolução baseada em três princípios - que desta vez foram Liberdade, Qualidade e Variedade. Acabou a ditadura da televisão e começou a diversão.

A Marina e o Pedro já podem observar tudo da sala de TV. Ao lado da sua filha, Ana Carolina, eles acompanham os lances dos esportes, os grandes filmes, as últimas notícias. Nada escapa da sala deles. É lá que foi instalada a TVA. E é graças a ela que eles têm acesso a tudo que gostam e diversão que não acaba mais.

TVA faz parte da vida da família Alvarenga. E de qualquer pessoa que não se contenta com a rotina e com pouca informação. Não importa o gosto ou a idade: com a TVA, o que não falta para o assinante é variedade de programação. Filmes, esportes, desenhos, notícias, músicas, o melhor das artes, seriados, entrevistas exclusivas. É tanta coisa que, se o assinante quiser, nenhum dia vai ser igual ao outro. A não ser por um detalhe: a qualidade.

TVA faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem acha que liberdade é só o nome de uma grande estátua.

Faz parte da vida de quem assiste TV - além da TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · QUATRO RODAS · DIRECTV · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · MTV

Guia QUATRO RODAS · FLUIR · DIGISAT · SET · VIP · CAPRICHO · listel · SHOWBIZZ · ELLE · Abril Vídeo · DATA LISTAS · Pelo Brasil

HBO BRASIL · Ação GAMES · Arquitetura & Construção · MusiClub · contigo! · ESCOLA · SUPER INTERESSANTE · Bravo Brasil · HORÓSCOPO · AD · Universo Online · Terra · EURO CHANNEL

CARAS · Viagem · BOA FORMA · CASA · carícia · CMT · Saúde! · ALMANAQUE ABRIL · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA · PLACAR

70 anos de Oscar

Os vitoriosos, os injustiçados, as gafes e as lendas que compõem a história do maior prêmio do mundo do cinema

Por Suzana Uchôa Itiberê

Ele é baixinho, tem 33,75 centímetros de altura, é magrinho, pesa 3,85 quilos, é careca e, a seu favor, só se pode dizer que tem os músculos no lugar certo. O que faz este sujeito, então, ser mais cobiçado que astros como Tom Cruise e Brad Pitt? A resposta está em seu nome, que nem sobrenome tem: Oscar. A famosa estatueta – que nasceu de um rascunho feito em um guardanapo pelo diretor de arte da Metro, Cedric Gibbons, e ganhou forma nas mãos do escultor George Stanley – representa um homem em pé segurando uma espada de dois gumes, que perfura o rolo de filme que sustenta a imagem. O Oscar em si não vale muito. Composto de estanho e cobre, ele é folheado a ouro, e sua produção não custa mais de 250 dólares, uma bobagem perto do que ele representa: só quem possui um conhece a preciosidade do pequeno objeto. Um Oscar não é apenas o reconhecimento pelo trabalho de um artista: é um prêmio com um potente poder transformador; é uma catapulta para o sucesso; é um ímã para a mídia e um fator determinante na carreira de qualquer profissional da indústria cinematográfica – seja um Oscar técnico, seja o de melhor diretor.

A cerimônia de entrega das estatuetas é um show à parte. Os críticos podem condená-la e até diminuir seu valor se comparada a festivais como os de Cannes e de Veneza, mas a verdade é que nenhuma festa de premiação do cinema jamais alcançou tamanho prestígio e popularidade quanto a aguardada cerimônia de entrega do Oscar, criada pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood e realizada pela primeira vez em 16 de maio de 1929. Até os perdedores saem vitoriosos dessa festa, pois uma indicação também já significa muito. Para as cerca de um bilhão de pessoas que se prostram frente à TV todo mês de março, no entanto, o Oscar é a realização de um sonho. É a oportunidade de encontrar os maiores astros reunidos e compartilhar com eles os momentos de apreensão, emoção, felicidade e tristeza. O grande charme do Oscar está na possibilidade de viver o mesmo momento que seu artista predileto, de experimentar suas emoções e sentimentos naquele exato instante.

Em seus setenta anos de história, o Oscar evoluiu. Hoje, por exemplo, numa tentativa de diminuir o caráter competitivo da festa, não se diz mais "The winner is..." (O vencedor é...), mas "The Oscar goes to... " (O Oscar vai para...). Houve marcantes modificações no critério de votação, que antes ficava a cargo de um número seleto de membros da Academia e que agora é feita secretamente pelos mais de cinco mil associados e é controlada pela firma de auditoria Price Waterhouse. Muitas das 24 categorias hoje existentes, como a de melhor ator e atriz coadjuvantes e melhor filme estrangeiro, foram introduzidas no decorrer dos anos. A principal mudança, porém, ocorreu em 1941, quando os resultados passaram a ser divulgados somente na hora da premiação – antes, os vencedores eram anunciados semanas antes da cerimônia. E foi a partir de 1953 que a festa invadiu os lares dos cinéfilos ao ser transmitida ao vivo pela rede de televisão NBC.

O circo, enfim, estava armado – e a cada ano se torna ainda mais irresistível. A cerimônia se transformou em um palco de magia: as homenagens aos grandes nomes dos áureos tempos provocam emoção, há sempre algum apresentador engajado que cria polêmica ao não resistir à tentação de fazer um protesto, e os números musicais respondem por momentos por vezes luxuosos e surpreendentes. Acima de tudo, porém, a noite do Oscar consegue reunir todos os ingredientes de um filme de sucesso: suspense, humor, ação e drama. A entrega do Oscar é a deliciosa festa na qual Hollywood se curva diante de si mesma.

70 anos de Oscar

Ben-Hur: quase quarenta anos na dianteira do Oscar

O épico de William Wyler, *Ben-Hur*, de 1959, continua imbatível com o recorde de onze estatuetas: filme, diretor, ator (Charlton Heston), ator coadjuvante (Hugh Griffith), fotografia, trilha sonora, efeitos especiais, figurino, direção de arte, som e montagem. Em sua cola vem *Amor, Sublime Amor*, a versão moderna de *Romeu e Julieta* dirigida por Robert Wise, que arrebatou dez Oscar dois anos depois.

***Ben-Hur*: há 39 anos o campeão permanece invicto**

***Um Estranho no Ninho*: um dos três únicos vencedores nas cinco principais categorias do Oscar**

Dorothy Chandler Pavilion, a sede favorita da cerimônia

Por quinze anos, a festa foi realizada durante um banquete no The Ambassador Hotel ou no Biltmore Hotel. Mas o custo geral, com o tempo, foi inviabilizando o evento, e a Academia acabou cortando a comida do cardápio. A partir de então, a cerimônia passou a ser feita em teatros, como o glamouroso Grauman's Chinese Theater e o espaçoso Los Angeles Shrine Auditorium. Mas foi o Dorothy Chandler Pavilion que por mais vezes recebeu as estrelas para a entrega dos prêmios: 25, no total.

E o Oscar foi para...

1929
Filme: ***Asas***
Diretor: **Frank Borzage** (*Sétimo Céu*)
Diretor de Comédia: **Lewis Milestone** (*Dois Cavaleiros Árabes*)
Ator: **Emil Jannings** (*Tentação da Carne*)
Atriz: **Janet Gaynor** (*Sétimo Céu*)

1930
Filme: ***Melodia da Broadway***
Diretor: **Frank Lloyd** (*A Divina Dama*)
Ator: **Warner Baxter** (*No Áureo Arizona*)
Atriz: **Mary Pickford** (*Coquete*)

1931
Filme: ***Sem Novidades no Front***
Diretor: **Lewis Milestone** (*Sem Novidades no Front*)
Ator: **George Arliss** (*Disraeli*)
Atriz: **Norma Shearer** (*A Divorciada*)

1932
Filme: ***Cimarron***
Diretor: **Norman Taurog** (*Skippy*)
Ator: **Lionel Barrymore** (*Uma Alma Livre*)
Atriz: **Marie Dressler** (*Lírio do Lodo*)

1933
Filme: ***Grande Hotel***
Diretor: **Frank Borzage** (*Mulher Má*)
Ator: **Fredric March** e **Wallace Beery** (*O Médico e o Monstro/Dr. Jekyll and Mr.Hyde*)
Atriz: **Helen Hayes** (*O Pecado de Madelon Claudet*)

1934
Filme: ***Cavalgada***
Diretor: **Frank Lloyd** (*Cavalgada*)
Ator: **Charles Laughton** (*Os Amores de HenriqueVIII*)
Atriz: **Katharine Hepburn** (*Manhã de Glória*)

1935
Filme: ***Aconteceu Naquela Noite***
Diretor: **Frank Capra** (*Aconteceu Naquela Noite*)
Ator: **Clark Gable** (*Aconteceu Naquele Noite*)
Atriz: **Claudette Colbert** (*Aconteceu Naquela Noite*)

1936
Filme: ***O Grande Motim***
Diretor: **John Ford** (*O Delator*)
Ator: **Victor McLagen** (*O Delator*)
Atriz: **Bette Davis** (*Perigosa*)

Os privilegiados que arrebataram o 'Big Five', ou os cinco principais prêmios

Apenas três filmes até hoje conseguiram sair premiados nas cinco principais categorias do Oscar: melhor filme, diretor, ator, atriz e roteiro: *Aconteceu Naquela Noite*, de 1934, dirigido por Frank Capra, com Clark Gable e Claudette Colbert; *Um Estranho no Ninho*, que Milos Forman dirigiu em 1975 e que rendeu o prêmio para Jack Nicholson e Louise Fletcher; e *O Silêncio dos Inocentes*, de 1991, orquestrado por Jonathan Demme e estrelado por Anthony Hopkins e Jodie Foster.

E quem era esse tal de Oscar, afinal?

Dizem que foi a secretária da Academia de Hollywood, Margaret Herrick, quem inventou o nome da famosa estatueta, ao ter comentado, quando a viu pela primeira vez: "Nossa, mas como esse sujeito se parece com o meu tio Oscar!". Mas a atriz Bette Davis nega essa versão e afirma que o mérito é seu, pois ela é quem teria observado que o bumbum da estátua lembrava muito o de seu primeiro marido, Harmon Oscar Nelson Jr. O que importa, porém, é que o nome vingou.

Os premiados e indicados que já tinham passado desta para a melhor

James Dean, Spencer Tracy e o italiano Massimo Troisi receberam indicações póstumas de melhor ator por *Vidas Amargas*, *Assim Caminha a Humanidade* (ambos estrelados por Dean), *Adivinhe Quem Vem para Jantar* e *O Carteiro e o Poeta*, respectivamente. Peter Finch, vencedor em 1977 por sua grande atuação no drama *Rede de Intrigas*, ganhou na votação, mas jamais pôs as mãos na estatueta: ele morreu semanas antes da premiação.

A Cor Púrpura* (à esq.) e *A Malvada

Muita moral, nada de estatueta

Pode parecer injusto, mas está assim de filme que entrou na disputa cheio de moral e saiu de mãos vazias. Os maiores perdedores da história do Oscar são o drama familiar de Herbert Ross, *Momento de Decisão*, e *A Cor Púrpura*, de Steven Spielberg, ambos com onze indicações. Curiosidade: *A Malvada*, de Joseph L. Mankiewicz, é a produção recordista em indicações – quatorze –, mas levou apenas seis prêmios. Consolo: entre eles estava o de melhor filme.

1937
Filme: ***Ziegfeld, O Criador de Estrelas***
Diretor: **Frank Capra** (*O Galante Mr. Deeds*)
Ator: **Paul Muni** (*A Vida de Louis Pasteur*)
Atriz: **Luise Rainer** (*Ziegfeld, O Criador de Estrelas*)

1938
Filme: ***Émile Zola***
Diretor: **Leo McCarey** (*Cupido É Moleque Teimoso*)
Ator: **Spencer Tracy** (*Marujo Intrépido*)
Atriz: **Luise Rainer** (*Terra dos Deuses*)

1939
Filme: ***Do Mundo Nada se Leva***
Diretor: **Frank Capra** (*Do Mundo Nada se Leva*)
Ator: **Spencer Tracy** (*Com os Braços Abertos*)
Atriz: **Bette Davis** (*Jezebel*)

1940
Filme: ***...E o Vento Levou***
Diretor: **Victor Fleming** (*...E o Vento Levou*)
Ator: **Robert Donat** (*Adeus, Mr. Chipps*)
Atriz: **Vivien Leigh** (*...E o Vento Levou*)

1941
Filme: ***Rebecca, A Mulher Inesquecível***
Diretor: **John Ford** (*As Vinhas da Ira*)
Ator: **James Stewart** (*Núpcia de Escândalo*)
Atriz: **Ginger Rogers** (*Kitty Foyle*)

1942
Filme: ***Como Era Verde o Meu Vale***
Diretor: **John Ford** (*Como Era Verde o Meu Vale*)
Ator: **Gary Cooper** (*Sargento York*)
Atriz: **Joan Fontaine** (*Suspeita*)

1943
Filme: ***Rosa da Esperança***
Diretor: **William Wyler** (*Rosa da Esperança*)
Ator: **James Cagney** (*A Canção da Vitória*)
Atriz: **Greer Garson** (*Rosa da Esperança*)

1944
Filme: ***Casablanca***
Diretor: **Michael Curtiz** (*Casablanca*)
Ator: **Paul Lukas** (*Horas de Tormenta*)
Atriz: **Jennifer Jones** (*A Canção de Bernadette*)

1945
Filme: ***O Bom Pastor***
Diretor: **Leo McCarey** (*O Bom Pastor*)
Ator: **Bing Crosby** (*O Bom Pastor*)
Atriz: **Ingrid Bergman** (*À Meia-Luz*)

70 anos de Oscar

Quando vencer dá azar

Abraham: sumido

"Foi como nascer de novo", disse Frank Sinatra sobre o prêmio de coadjuvante por *A um Passo da Eternidade*, com o qual resgatou sua carreira nas telas. Houve vencedores, porém, que praticamente sumiram, como Marlee Matlin, que não fez quase nada após ser eleita melhor atriz por *Filhos do Silêncio*. Pior sorte teve Haing S. Ngor, de *Os Gritos do Silêncio*, que viveu anos de ostracismo e morreu assassinado. Outros premiados que não cumpriram tudo o que prometiam foram F. Murray Abraham (*Amadeus*), Louis Gosset Jr. (*A Força do Destino*) e Brenda Fricker (*Meu Pé Esquerdo*).

Algumas gafes inesquecíveis

Em 1951, Shelley Winters estava tão certa de que iria ganhar por sua participação em *Um Lugar ao Sol* que, no momento em que abriram o envelope, ela se levantou e foi em direção ao palco. Seu então marido, Vittorio Gassman, agarrou-a e os dois acabaram caindo no chão. Shelley só entendeu quando ele sussurrou "Shelley, é Vivien Leigh" e ela voltou engatinhando para a sua poltrona. Vexame maior passou o diretor Frank Capra, que em 1934 concorria por *Dama por um Dia*. O apresentador Will Rogers abriu o envelope e disparou: "Suba aqui e pegue o prêmio, Frank". Capra obedeceu, mas no meio do caminho descobriu que o vencedor era seu xará, Frank Lloyd, que ganhou por *Cavalgada*. "Foi a volta mais longa e dolorosa que já percorri", disse o derrotado. Em 1977, o apresentador Marty Feldman entregava o prêmio de melhor curta e deixou a estatueta escorregar de sua mão – ela se espatifou no chão. Em outras ocasiões, Cecil B. DeMille chamou o representante da China de "embaixador do Japão", enquanto o apresentador David Niven teve de lidar com a desconcertante travessia de um homem totalmente nu pelo palco. "Não é fascinante que provavelmente a única risada que este sujeito vai arrancar na vida seja ao fazer um striptease e revelar seus pequenos dotes?", comentou Niven com seu humor britânico.

Quem tem estatuetas para dar e vender

Alguns livros dizem 29, outros 32, mas não há dúvida que Walt Disney deva ter perdido a conta de quantas vezes subiu aos palcos para pegar a estatueta: é ele o artista que mais prêmios levou, com seus desenhos animados e documentários. Em uma mesma categoria, porém, o vencedor é o diretor de arte da Metro, Cedric Gibbons, responsável pelo visual de obras como *Sinfonia de Paris* e *Júlio César*. Gibbons levou onze Oscar, seguido de perto pela figurinista Edith Head, com oito. São dela, por exemplo, as roupas do elenco de *A Princesa e o Plebeu* e *A Malvada*.

Sinfonia de Paris, com direção de arte de Cedric Gibbons e o campeão Walt Disney: exemplos de sucesso

E o Oscar foi para...

1946
Filme: ***Farrapo Humano***
Diretor: **Billy Wilder** (***Farrapo Humano***)
Ator: **Ray Milland** (***Farrapo Humano***)
Atriz: **Joan Crawford** (***Alma em Suplício***)

1947
Filme: ***Os Melhores Anos de Nossas Vidas***
Diretor: **William Wyler** (***Os Melhores Anos de Nossas Vidas***)
Ator: **Fredric March** (***Os Melhores Anos de Nossas Vidas***)
Atriz: **Olivia de Havilland** (***Só Resta uma Lágrima***)

1948
Filme: ***A Luz É para Todos***
Diretor: **Elia Kazan** (***A Luz É para Todos***)
Ator: **Ronald Colman** (***Fatalidade***)
Atriz: **Loretta Young** (***Ambiciosa***)

1949
Filme: ***Hamlet***
Diretor: **John Huston** (***O Tesouro de Sierra Madre***)
Ator: **Laurence Olivier** (***Hamlet***)
Atriz: **Jane Wyman** (***Belinda***)

1950
Filme: ***A Grande Ilusão***
Diretor: **Joseph L. Mankiewicz** (***Quem É o Infiel?***)
Ator: **Broderick Crawford** (***A Grande Ilusão***)
Atriz: **Olivia de Havilland** (***Tarde Demais***)

1951
Filme: ***A Malvada***
Diretor: **Joseph L. Mankiewicz** (***A Malvada***)
Ator: **Jose Ferrer** (***Cyrano de Bergerac***)
Atriz: **Judy Holliday** (***Nascida Ontem***)

1952
Filme: ***Sinfonia de Paris***
Diretor: **George Stevens** (***Um Lugar ao Sol***)
Ator: **Humphrey Bogart** (***Uma Aventura na África***)
Atriz: **Vivien Leigh** (***Uma Rua Chamada Pecado***)

1953
Filme: ***O Maior Espetáculo da Terra***
Diretor: **John Ford** (***Depois do Vendaval***)
Ator: **Gary Cooper** (***Matar ou Morrer***)
Atriz: **Shirley Booth** (***A Cruz da Minha Vida***)

Henry Fonda e Katharine: prêmio em dose dupla

Alegria em dobro

Não há jeito melhor de evitar o ciúme que garantir que o astro e a estrela de uma produção saiam de troféu nas mãos. Clark Gable e Claudette Colbert tiveram essa alegria graças ao também vencedor *Aconteceu Naquela Noite*. O mesmo se deu com Jack Nicholson e Louise Fletcher, por *Um Estranho no Ninho*; Peter Finch e Faye Dunaway, por *Rede de Intrigas*; Jon Voight e Jane Fonda, por *Amargo Regresso*; os já idosos Katharine Hepburn e Henry Fonda, por *Num Lago Dourado*; e Anthony Hopkins e Jodie Foster, por *O Silêncio dos Inocentes*.

Jane Campion

O machismo da Academia

Sempre houve mais diretores que diretoras, mas será que é justo nenhuma delas ter levado o prêmio? E, pior, apenas quatro chegaram a ser indicadas: Randa Haines, por *Filhos do Silêncio*; Penny Mashall, por *Tempo de Despertar*; Barbra Streisand, por *O Príncipe das Marés*; e Jane Campion, por *O Piano*. Na categoria filme estrangeiro, ao menos, um saldo positivo: entre umas poucas indicações, como Lina Wertmüller por *Pasqualino Sete Belezas*, Diane Kurys por *Entre Nous* e Mira Nair por *Salaam Bombay!*, há uma solitária vencedora – a holandesa Marleen Gorris, de *A Excêntrica Família de Antonia*.

França: a maior premiada entre os filmes estrangeiros

São doze estatuetas, conquistadas com grandes produções como *Um Homem, uma Mulher*, *A Noite Americana* e *Indochina*. Mas é da Itália, na cola com onze prêmios, que vêm os diretores campeões na categoria: Fellini abocanhou quatro estatuetas com os clássicos *Na Estrada da Vida*, *Noites de Cabíria* (em anos consecutivos), *Oito e Meio* e *Amarcord*, enquanto Vittorio de Sica ficou com dois (*Ontem, Hoje e Amanhã* e *O Jardim dos Finzi-Contini*). A considerar, ainda, que Fellini recebeu um Oscar honorário em 1992, enquanto De Sica levou dois especiais por *Vítimas da Tormenta* e *Ladrões de Bicicleta*, quando a categoria de filme estrangeiro ainda não existia (ela foi instituída em 1957).

Fellini: quatro estatuetas e um Oscar honorário

1954
Filme: ***A um Passo da Eternidade***
Diretor: **Fred Zinnemann (*A um Passo da Eternidade*)**
Ator: **William Holden (*Inferno nº17*)**
Atriz: **Audrey Hepburn (*A Princesa e o Plebeu*)**

1955
Filme: ***Sindicato de Ladrões***
Diretor: **Elia Kazan (*Sindicato de Ladrões*)**
Ator: **Marlon Brando (*Sindicato de Ladrões*)**
Atriz: **Grace Kelly (*Amar É Sofrer*)**

1956
Filme: ***Marty***
Diretor: **Delbert Mann (*Marty*)**
Ator: **Ernest Borgnine (*Marty*)**
Atriz: **Anna Magnani (*A Rosa Tatuada*)**

1957
Filme: ***A Volta ao Mundo em 80 Dias***
Diretor: **George Stevens (*Assim Caminha a Humanidade*)**
Ator: **Yul Brynner (*O Rei e Eu*)**
Atriz: **Ingrid Bergman (*Anastácia, -a Princesa Esquecida*)**

1958
Filme: ***A Ponte do Rio Kwai***
Diretor: **David Lean (*A Ponte do Rio Kwai*)**
Ator: **Alec Guinness (*A Ponte do Rio Kwai*)**
Atriz: **Joanne Woodward (*As Três Máscaras de Eva*)**

1959
Filme: ***Gigi***
Diretor: **Vincente Minnelli (*Gigi*)**
Ator: **David Niven (*Vidas Separadas*)**
Atriz: **Susan Hayward (*Quero Viver*)**

1960
Filme: ***Ben-Hur***
Diretor: **William Wyler (*Ben-Hur*)**
Ator: **Charlton Heston (*Ben-Hur*)**
Atriz: **Simone Signoret (*Almas em Leilão*)**

1961
Filme: ***Se Meu Apartamento Falasse***
Diretor: **Billy Wilder (*Se Meu Apartamento Falasse*)**
Ator: **Burt Lancaster (*Entre Deus e o Pecado*)**
Atriz: **Elizabeth Taylor (*Disque Butterfield 8*)**

1962
Filme: ***Amor, Sublime Amor***
Diretor: **Robert Wise e Jerome Robbins (*Amor, Sublime Amor*)**
Ator: **Maximilian Schell (*Julgamento em Nuremberg*)**
Atriz: **Sophia Loren (*Duas Mulheres*)**

70 anos de Oscar

Greer Garson

O mais longo (e o mais breve) discurso de agradecimento

Algumas fontes dizem que durou quarenta minutos, outras afirmam que bateu nos 45, enquanto terceiros cronometraram somente quinze minutos. Divergências matemáticas à parte, a verdade é que o longo agradecimento de Greer Garson, melhor atriz de 1943 por *Rosa da Esperança*, provocou sonoros bocejos na platéia e atrasou toda a programação da cerimônia com um interminável blablablá. Hoje em dia, ou o vencedor respeita os 45 segundos regulamentares ou é gentilmente interrompido pela música e retirado do palco. No caso de Ray Milland, porém, nem essa magra cota foi necessária: premiado como melhor ator por *Farrapo Humano*, ele ficou tão emocionado que não conseguiu pronunciar uma só palavra.

Ray Milland: sem palavras

Hollywood é racista?

A Academia nega, mas os números mostram que os atores negros de fato não tiveram o reconhecimento que muitos certamente mereceram. Hattie McDaniel e Whoopi Goldberg foram as únicas a receber o Oscar de atriz coadjuvante. A primeira o conquistou como a empregada mal-humorada de Vivien Leigh em *... E o Vento Levou*, e Whoopi o arrebatou pela inspirada interpretação da falsa médium de *Ghost – Do Outro Lado da Vida*. Com os homens, a coisa não muda de figura. O único premiado com a estatueta de melhor ator foi Sidney Poitier, que a levou por *Uma Voz nas Sombras*, em 1963. Os atores Louis Gosset Jr., Denzel Washington e Cuba Gooding Jr. venceram na categoria de coadjuvante por *A Força do Destino*, *Tempo de Glória* e *Jerry Maguire*, respectivamente.

CIC

Whoopi, Poitier e Hattie: raridades

E o Oscar foi para...

1963
Filme: ***Lawrence da Arábia***
Diretor: **David Lean** (*Lawrence da Arábia*)
Ator: **Gregory Peck** (*O Sol É para Todos*)
Atriz: **Anne Bancroft** (*O Milagre de Anne Sullivan*)

1964
Filme: ***As Aventuras de Tom Jones***
Diretor: **Tony Richardson** (*As Aventuras de Tom Jones*)
Ator: **Sidney Poitier** (*Uma Voz Nas Sombras*)
Atriz: **Patricia Neal** (*O Indomado*)

1965
Filme: ***Minha Bela Dama***
Diretor: **George Cukor** (*Minha Bela Dama*)
Ator: **Rex Harrison** (*Minha Bela Dama*)
Atriz: **Julie Andrews** (*Mary Poppins*)

1966
Filme: ***A Noviça Rebelde***
Diretor: **Robert Wise** (*A Noviça Rebelde*)
Ator: **Lee Marvin** (*Divida de Sangue*)
Atriz: **Julie Christie** (*Darling, a que Amou Demais*)

1967
Filme: ***O Homem que Não Vendeu Sua Alma***
Diretor: **Fred Zinnemann** (*O Homem que Não Vendeu Sua Alma*)
Ator: **Paul Scofield** (*O Homem que Não Vendeu Sua Alma*)
Atriz: **Elizabeth Taylor** (*Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*)

1968
Filme: ***No Calor da Noite***
Diretor: **Mike Nichols** (*A Primeira Noite de um Homem*)
Ator: **Rod Steiger** (*No Calor da Noite*)
Atriz: **Katharine Hepburn** (*Adivinhe Quem Vem para Jantar*)

1969
Filme: ***Oliver!***
Diretor: **Carol Reed** (*Oliver!*)
Ator: **Cliff Robertson** (*Os Dois Mundos de Charly*)
Atriz: **Katharine Hepburn** e **Barbra Streisand** (*O Leão no Inverno* e *Funny Girl, a Garota Genial*)

1970
Filme: ***Perdidos na Noite***
Diretor: **John Schlesinger** (*Perdidos na Noite*)
Ator: **John Wayne** (*Bravura Indômita*)
Atriz: **Maggie Smith** (*A Primavera de uma Solteirona*)

O Chefão: feito único

Coppola: dois gols de placa com a série *O Poderoso Chefão*

Francis Ford Coppola acertou em cheio com a saga da família Corleone. *O Poderoso Chefão* e *O Poderoso Chefão 2* conquistaram, ambos, o Oscar de melhor filme – único caso de uma continuação premiada. Só *O Poderoso Chefão 3* fugiu à regra. Mas aí também já seria demais.

E o raio caiu duas vezes no mesmo lugar

Os únicos campeões consecutivos na categoria de ator são Spencer Tracy (*Marujo Intrépido* e *Com os Braços Abertos*) e Tom Hanks (*Filadélfia* e *Forrest Gump*). As vencedoras do Oscar de atriz por duas vezes seguidas foram Luise Rainer (*Ziegfeld* e *Terra dos Deuses*) e Katharine Hepburn (*Adivinhe Quem Vem para Jantar* e *O Leão no Inverno*). Já Jason Robards foi o melhor coadjuvante por *Todos os Homens do Presidente* e, no ano seguinte, por *Julia*.

MGM

Spencer Tracy

Paramount

Tom Hanks

Aceitam-se candidatos dos oito aos oitenta

Nas categorias de ator e atriz, os vencedores mais precoces foram Richard Dreyfuss, que tinha 29 anos quando ganhou por *A Garota do Adeus*, e a jovem de 22 anos Janet Gaynor, premiada em 1929 por *Aurora*, *Sétimo Céu* e *Anjo das Ruas* (produções de 1927). Timothy Hutton tinha dezenove anos e Tatum O'Neal e Anna Paquin, apenas onze, quando receberam o Oscar de coadjuvante por *Gente como a Gente*, *Lua de Papel* e *O Piano*, respectivamente. Embora tenha sido um mini-Oscar, vale lembrar Shirley Temple, que tinha sete anos quando recebeu um prêmio especial em 1934. Já Henry Fonda e Jessica Tandy foram os mais idosos premiados como melhor ator e atriz: ele com 77 anos, em seu último papel no cinema, no filme *Num Lago Dourado*, e ela, aos oitenta anos, por seu trabalho em *Conduzindo Miss Daisy*. Os coadjuvantes mais velhos foram George Burns e Peggy Ashcroft, com oitenta e 77 anos, pelos filmes *Uma Dupla Desajustada* e *Passagem para a Índia*.

Paris

Jessica Tandy e Timothy Hutton: entre os mais velhos e os mais jovens vitoriosos

1971
Filme: ***Patton, Rebelde ou Herói?***
Diretor: **Franklin J. Schaffner** (*Patton, Rebelde ou Herói?*)
Ator: **George C. Scott** (*Patton, Rebelde ou Herói?*)
Atriz: **Glenda Jackson** (*Mulheres Apaixonadas*)

1972
Filme: ***Operação França***
Diretor: **William Friedkin** (*Operação França*)
Ator: **Gene Hackman** (*Operação França*)
Atriz: **Jane Fonda** (*Klute, o Passado Condena*)

1973
Filme: ***O Poderoso Chefão***
Diretor: **Bob Fosse** (*Cabaret*)
Ator: **Marlon Brando** (*O Poderoso Chefão*)
Atriz: **Liza Minnelli** (*Cabaret*)

1974
Filme: ***Golpe de Mestre***
Diretor: **George Roy Hill** (*Golpe de Mestre*)
Ator: **Jack Lemmon** (*Sonhos do Passado*)
Atriz: **Glenda Jackson** (*Um Toque de Classe*)

1975
Filme: ***O Poderoso Chefão - 2ª Parte***
Diretor: **Francis Ford Coppola** (*O Poderoso Chefão - 2ª Parte*)
Ator: **Art Carney** (*Harry, o Amigo do Tonto*)
Atriz: **Ellen Burstyn** (*Alice Não Mora Mais Aqui*)

1976
Filme: ***Um Estranho no Ninho***
Diretor: **Milos Forman** (*Um Estranho no Ninho*)
Ator: **Jack Nicholson** (*Um Estranho no Ninho*)
Atriz: **Louise Fletcher** (*Um Estranho no Ninho*)

1977
Filme: ***Rocky, um Lutador***
Diretor: **John G. Avildsen** (*Rocky, um Lutador*)
Ator: **Peter Finch** (*Rede de Intrigas*)
Atriz: **Faye Dunaway** (*Rede de Intrigas*)

1978
Filme: ***Noivo Neurótico, Noiva Nervosa***
Diretor: **Woody Allen** (*Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*)
Ator: **Richard Dreyfuss** (*A Garota do Adeus*)
Atriz: **Diane Keaton** (*Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*)

1979
Filme: ***O Franco-Atirador***
Diretor: **Michael Cimino** (*O Franco-Atirador*)
Ator: **Jon Voight** (*Amargo Regresso*)
Atriz: **Jane Fonda** (*Amargo Regresso*)

70 anos de Oscar

Woody: a música antes de tudo

O Mágico de Oz

1939: uma briga de foice

Embora o grande vencedor de 1939 tenha sido a superprodução de David O. Selznick ... *E o Vento Levou*, com oito estatuetas, incluindo as de filme, diretor (Victor Fleming), atriz (Vivien Leigh), atriz coadjuvante (Hattie McDaniel) e roteiro (Sidney Howard), a escolha foi duríssima. Outros grandes clássicos estavam no páreo, como *No Tempo das Diligências*, de John Ford, o musical *O Mágico de Oz*, *O Morro dos Ventos Uivantes*, com os excelentes David Niven e Laurence Olivier, o genial *Ninotchka*, estrelado por Greta Garbo, e uma pérola do diretor do otimismo, Frank Capra, *A Mulher Faz o Homem*. Definitivamente, um dos anos mais férteis do cinema.

...E o Vento Levou: vencedor em um dos anos mais férteis do cinema

United Artists

Warner/MGM

Oscar? Não, obrigado

Em 1955, Marlon Brando subiu ao palco para pegar seu Oscar de ator por *Sindicato de Ladrões*. Em 1973, porém, ele resolveu polemizar e enviou a índia Sasheen Littlefeather para recusar, em seu nome, o prêmio pelo desempenho em *O Poderoso Chefão*. Segundo a índia, que depois se descobriu ser uma atriz, Brando protestava contra a degradação dos indígenas norte-americanos. Outros desencanados foram o roteirista Dudley Nichols, vencedor em 1935 pela história de *O Delator*, George C. Scott, melhor ator em *Patton, Rebelde ou Herói* – ele alegou que a arte cinematográfica não é objeto de competição – e, por fim, Woody Allen, que preferiu tocar clarinete no Michael's Pub, em Nova York, a receber o Oscar de diretor e filme por *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*.

Brando: recusa

Columbia

E o Oscar foi para...

1980
Filme: ***Kramer vs. Kramer***
Diretor: **Robert Benton** (*Kramer vs. Kramer*)
Ator: **Dustin Hoffman** (*Kramer vs. Kramer*)
Atriz: **Sally Field** (*Norma Rae*)

1981
Filme: ***Gente como a Gente***
Diretor: **Robert Redford** (*Gente como a Gente*)
Ator: **Robert De Niro** (*O Touro Indomável*)
Atriz: **Sissy Spacek** (*O Destino Mudou Sua Vida*)

1982
Filme: ***Carruagens de Fogo***
Diretor: **Warren Beatty** (*Reds*)
Ator: **Henry Fonda** (*Num Lago Dourado*)
Atriz: **Katharine Hepburn** (*Num Lago Dourado*)

1983
Filme: ***Gandhi***
Diretor: **Richard Attenborough** (*Gandhi*)
Ator: **Ben Kingsley** (*Gandhi*)
Atriz: **Meryl Streep** (*A Escolha de Sofia*)

1984
Filme: ***Laços de Ternura***
Diretor: **James L. Brooks** (*Laços de Ternura*)
Ator: **Robert Duvall** (*A Força do Carinho*)
Atriz: **Shirley MacLaine** (*Laços de Ternura*)

1985
Filme: ***Amadeus***
Diretor: **Milos Forman** (*Amadeus*)
Ator: **F. Murray Abraham** (*Amadeus*)
Atriz: **Sally Field** (*Um Lugar no Coração*)

1986
Filme: ***Entre Dois Amores***
Diretor: **Sidney Pollack** (*Entre Dois Amores*)
Ator: **William Hurt** (*O Beijo da Mulher Aranha*)
Atriz: **Geraldine Page** (*Regresso para Bountiful*)

1987
Filme: ***Platoon***
Diretor: **Oliver Stone** (*Platoon*)
Ator: **Paul Newman** (*A Cor do Dinheiro*)
Atriz: **Marlee Matlin** (*Filhos do Silêncio*)

1988
Filme: ***O Último Imperador***
Diretor: **Bernardo Bertolucci** (*O Último Imperador*)
Ator: **Michael Douglas** (*Wall Street*)
Atriz: **Cher** (*Feitiço da Lua*)

O ator, a atriz e o diretor mais premiados

Katharine Hepburn encabeça a lista com quatro estatuetas, todas elas de melhor atriz, pelos filmes *Manhã de Glória*, *Adivinhe Quem Vem para Jantar*, *O Leão no Inverno* e *Num Lago Dourado*. Walter Brennan tem três Oscar na categoria de coadjuvante (*Meu Filho É Meu Rival*, *Romance do Sul* e *O Galante Aventureiro*). Entre os diretores, o destaque fica para o imortal John Ford, vencedor quatro vezes com *O Delator*, *As Vinhas da Ira*, *Como Era Verde o Meu Vale* e *Depois do Vendaval*.

E deu empate!

A diferença foi de apenas um voto – e, por isso, o todo-poderoso da Academia e criador do prêmio, Louis B. Mayer, decidiu declarar empate na categoria de melhor ator na cerimônia de 1932, premiando Fredric March, por *O Médico e o Monstro*, e seu protegido, Wallace Berry, pelo filme *O Campeão*. Com Katharine Hepburn e Barbra Streisand não houve marmelada. As duas realmente empataram em 1969. A primeira ganhou por *O Leão no Inverno*, e a segunda por *Funny Girl*.

Kate e Barbra: sem marmelada

Divulgação

Columbia

Os grandes injustiçados

Há muitos, mas a Academia jamais poderá reparar o enorme erro de ter praticamente ignorado três mestres da arte cinematográfica: Charles Chaplin, Alfred Hitchcock e Orson Welles. Considerado um dos maiores gênios do cinema, Chaplin nunca viu seus filmes serem premiados nas principais categorias. Levou apenas um Oscar especial por *O Circo* e um Oscar honorário, que serviu como pedido de desculpas, em 1972. *Cidadão Kane* foi eleito pela maioria dos críticos o melhor filme já realizado.

Em 1941, porém, o seu criador, Orson Welles (então com 25 anos), teve de aceitar a derrota em oito das nove indicações que recebeu e levou para casa apenas o prêmio de roteiro original. O pior aconteceu com o mestre do suspense, Hitchcock, que foi indicado cinco vezes como diretor e nunca ganhou. Uma das pérolas do gênero, *Rebecca – A Mulher Inesquecível*, até ganhou o prêmio de melhor filme, mas a Academia preferiu oscarizar a direção de John Ford por *As Vinhas da Ira*.

Chaplin: ignorado

Continental

Welles: nove indicações e só um prêmio

Continental

Hitch: melhor filme sim, diretor não

Stills

1989
Filme: ***Rain Man***
Diretor: **Barry Levinson** (***Rain Man***)
Ator: **Dustin Hoffman** (***Rain Man***)
Atriz: **Jodie Foster** (***Acusados***)

1990
Filme: ***Conduzindo Miss Daisy***
Diretor: **Oliver Stone** (***Nascido em 4 de Julho***)
Ator: **Daniel Day-Lewis** (***Meu Pé Esquerdo***)
Atriz: **Jessica Tandy** (***Conduzindo Miss Daisy***)

1991
Filme: ***Dança com Lobos***
Diretor: **Kevin Costner** (***Dança com Lobos***)
Ator: **Jeremy Irons** (***O Reverso da Fortuna***)
Atriz: **Kathy Bates** (***Misery***)

1992
Filme: ***O Silêncio dos Inocentes***
Diretor: **Jonathan Demme** (***O Silêncio dos Inocentes***)
Ator: **Anthony Hopkins** (***O Silêncio dos Inocentes***)
Atriz: **Jodie Foster** (***O Silêncio dos Inocentes***)

1993
Filme: ***Os Imperdoáveis***
Diretor: **Clint Eastwood** (***Os Imperdoáveis***)
Ator: **Al Pacino** (***Perfume de Mulher***)
Atriz: **Emma Thompson** (***Retorno a Howards End***)

1994
Filme: ***A Lista de Schindler***
Diretor: **Steven Spielberg** (***A Lista de Schindler***)
Ator: **Tom Hanks** (***Filadélfia***)
Atriz: **Holly Hunter** (***O Piano***)

1995
Filme: ***Forrest Gump – O Contador de Histórias***
Diretor: **Robert Zemeckis** (***Forrest Gump – O Contador de Histórias***)
Ator: **Tom Hanks** (***Forrest Gump – O Contador de Histórias***)
Atriz: **Jessica Lange** (***Céu Azul***)

1996
Filme: ***Coração Valente***
Diretor: **Mel Gibson** (***Coração Valente***)
Ator: **Nicolas Cage** (***Despedida em Las Vegas***)
Atriz: **Susan Sarandon** (***Os Últimos Passos de um Homem***)

1997
Filme: ***O Paciente Inglês***
Diretor: **Anthony Minghella** (***O Paciente Inglês***)
Ator: **Geoffrey Rush** (***Shine – Brilhante***)
Atriz: **Frances McDormand** (***Fargo***)

NOVO FIAT PALIO EL

AGORA COM MOTOR 1.6

Internet: http://www.fiat.com.br

Alguns itens da foto e do texto são opcionais. Este veículo está em conformidade com o PROCONVE.

Leo Burnett

FIAT PALIO.
O MAIS SEGURO
DA CATEGORIA.

Para você que adora dirigir, o carro mais seguro da categoria ganhou mais tempero. Novo Palio EL 1.6. Mais potência, mais torque e mais desempenho para você se deliciar.

MOVIDOS PELA PAIXÃO. FIAT

As novi
OSC

dades do ar 98

Warner

Que *Titanic* iria liderar as indicações para o Oscar (quatorze delas, no total), disso ninguém tinha a menor dúvida. E já era quase uma certeza também que *Los Angeles – Cidade Proibida* faria bonito na disputa deste ano, com indicações em nove categorias. Restava saber quem mais estaria no caminho do rolo compressor criado por James Cameron, que já é recordista de público também no Brasil, com cerca de quatro milhões de espectadores até a primeira quinzena de fevereiro. Por sorte, até o dia 23 de março, quando a 70ª cerimônia do Oscar começar a se desenrolar no Dorothy Chandler Pavilion, os brasileiros já estarão em condições de torcer por seus candidatos favoritos. *Gênio Indomável*, que também recebeu surpreendentes nove indicações, estreou por aqui em fevereiro. E, agora em março, chegam às telas do país *Melhor É Impossível* (sete indicações, incluindo as de melhor filme, ator para Jack Nicholson e atriz para Helen Hunt), *Ou Tudo ou Nada* (uma modesta produção inglesa que, com seu sucesso arrebatador, conquistou quatro indicações, entre elas a de melhor filme), *Wag the Dog* (indicações de roteiro e de melhor ator, para Dustin Hoffman), *Boogie Nights* (indicado aos Oscar de roteiro e de coadjuvantes, para Burt Reynolds e Julianne Moore) e, finalmente, *Amistad* (o novo drama de Steven Spielberg, contemplado com quatro indicações, entre as quais a de ator coadjuvante para Anthony Hopkins). Mas é lógico que nessa lista não poderia faltar *O Que É Isso, Companheiro?*, com o qual o diretor Bruno Barreto dá ao Brasil sua segunda chance de sonhar com a estatueta de filme estrangeiro em apenas dois anos. Para melhor preparar a torcida, o drama político de Bruno foi relançado em várias cidades do país há poucas semanas. Se depender de pensamento positivo...

Fotos: Columbia TriStar

oscar 98

Indicação:
Filme Estrangeiro

Dois anos depois da participação de *O Qu4trilho* no Oscar, o Brasil volta a concorrer ao prêmio com *O Que É Isso, Companheiro?*... E as chances de vitória nunca foram tão boas

Será que é desta vez, companheiro?

A Academia de Hollywood estende novamente o tapete vermelho para o cinema brasileiro passar. Pela segunda vez em três anos, os brasileiros torcem, na noite de entrega do Oscar, pelo candidato nacional na categoria filme estrangeiro. Na penúltima cerimônia, quem estava representando o país era Fábio Barreto, com seu *O Qu4trilho*. Este ano, o clã dos Barreto, uma das mais tradicionais e influentes famílias atuantes no cinema brasileiro, apresenta o novo trabalho do primogênito, Bruno: a tão comentada e controversa adaptação do best-seller *O Que É Isso, Companheiro?*, de Fernando Gabeira, a primeira realização brasileira do diretor, que mora nos *States*, em cerca de uma década.

A matriarca Lucy Barreto observa o trabalho de seu filho, Bruno (*de boné*)

Não é ufanismo ou otimismo ingênuo afirmar que o candidato deste ano, computados vários aspectos, tem mais chances de ganhar a estatueta do que o filme romântico de Fábio Barreto. E não só por abordar um caso político que tem ligação com os Estados Unidos – na pessoa do embaixador Charles Elbrick, que foi seqüestrado por quatro dias no mês de setembro de 1969 em conseqüência de um ato terrorista planejado principalmente pelo MR-8, organização que lutou contra a

Vantoey Pereira Junior

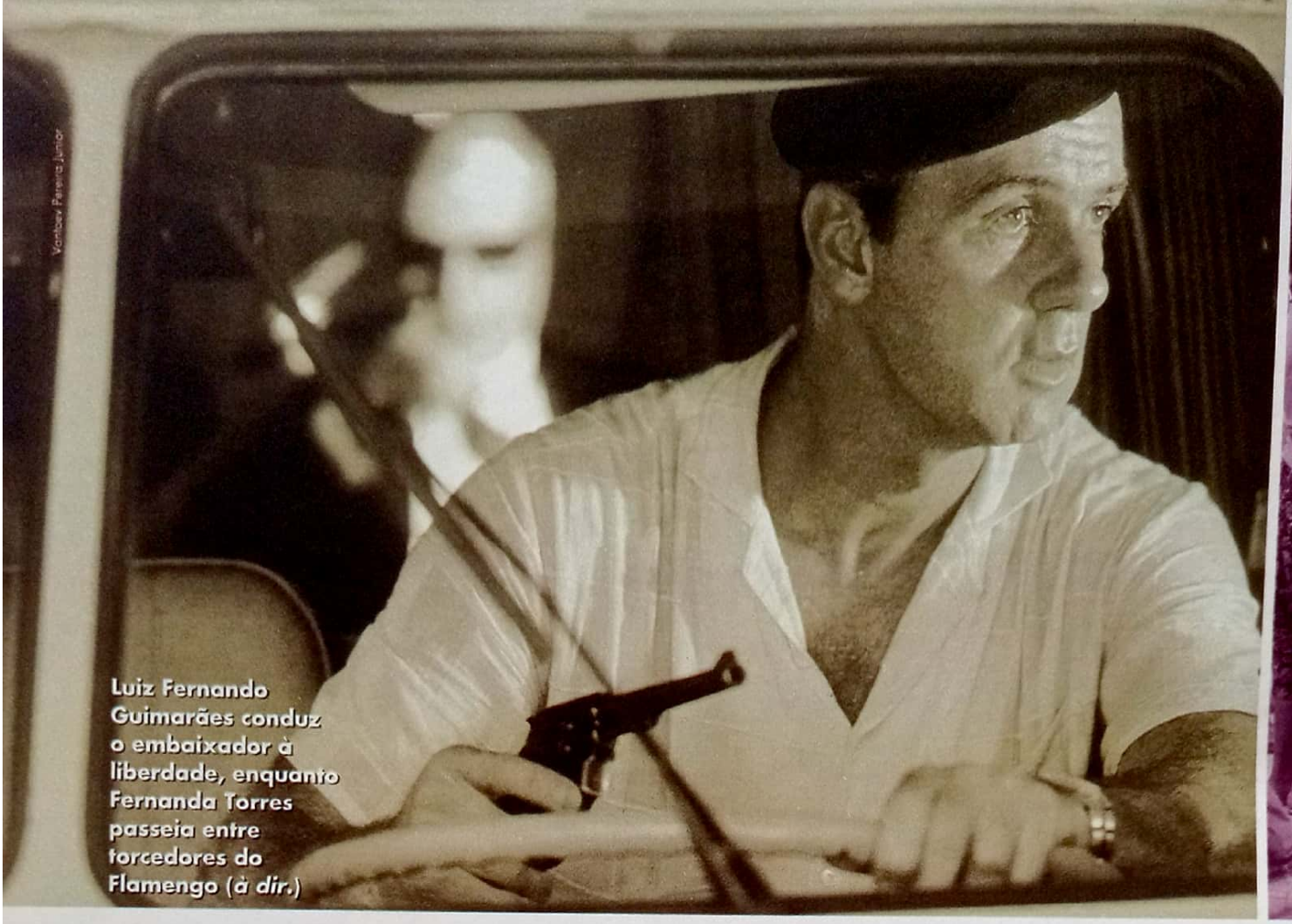
Alan Arkin interpreta o embaixador Charles Elbrick, aqui na mira dos terroristas Fernanda Torres e Matheus Nachtergaele

ditadura naquele passado negro. O fato histórico justifica o título internacional do filme, *Four Days in September*.

A láurea máxima pode vir para o Brasil como reflexo tanto de um momento cultural em que nossa cinematografia volta a estar em evidência no quadro mundial quanto para refletir o interesse econômico que o país representa na atual conjuntura. O Brasil conseguiu ser notado e/ou premiado mundo afora com filmes como o próprio *O Qu4trilho*, ou ainda *Como Nascem os Anjos* (de Murilo Salles), *Um Céu de Estrelas* (de Tata Amaral) e *A Ostra e o Vento* (de Walter Lima Jr.), entre outros. Mais recentemente, o aguardado *Central do Brasil*, de Walter Salles, foi aplaudido e disputado no Sundance Festival e no Festival de Berlim, explicitando um quadro propício para a definitiva arrancada da produção brasileira. Caso *O Que É Isso, Companheiro?* leve o Oscar, seria a consagração da retomada de uma das mais respeitadas cinematografias internacionais do passado.

Por outro lado, o filme também leva certa vantagem em decorrência do avassalador fenômeno dos tigres asiáticos. Com a economia oriental demonstrando estar com as bases abaladas, o que instabilizou em maior ou menor grau o quadro financeiro mundial, o Brasil aparece, quase solitário, como um importante pólo de captação de recursos. Não são poucos os empresários, inclusive norte-americanos, que apontam o Brasil como um dos melhores e mais estáveis mercados para investimento na atualidade. A estabilização, em um patamar baixo, da inflação, quadro que já perdura há quatro anos, atrai consideráveis injeções de dinheiro.

O leitor poderia indagar o que uma coisa tem a ver com a outra: como uma tendência econômica pode influenciar uma premiação artística? Há muito se sabe que a premiação dos Oscar ultrapassa os critérios puramente culturais. Um Oscar pode significar um incentivo ou um aval para uma iniciativa pessoal, ou mesmo para um determinado momento histórico. Se as previsões se confirmarem e *Titanic* arrebatar os principais Oscar, a Academia estará certamente premiando a luta irredutível de um →



Vanbow Pereira Junior

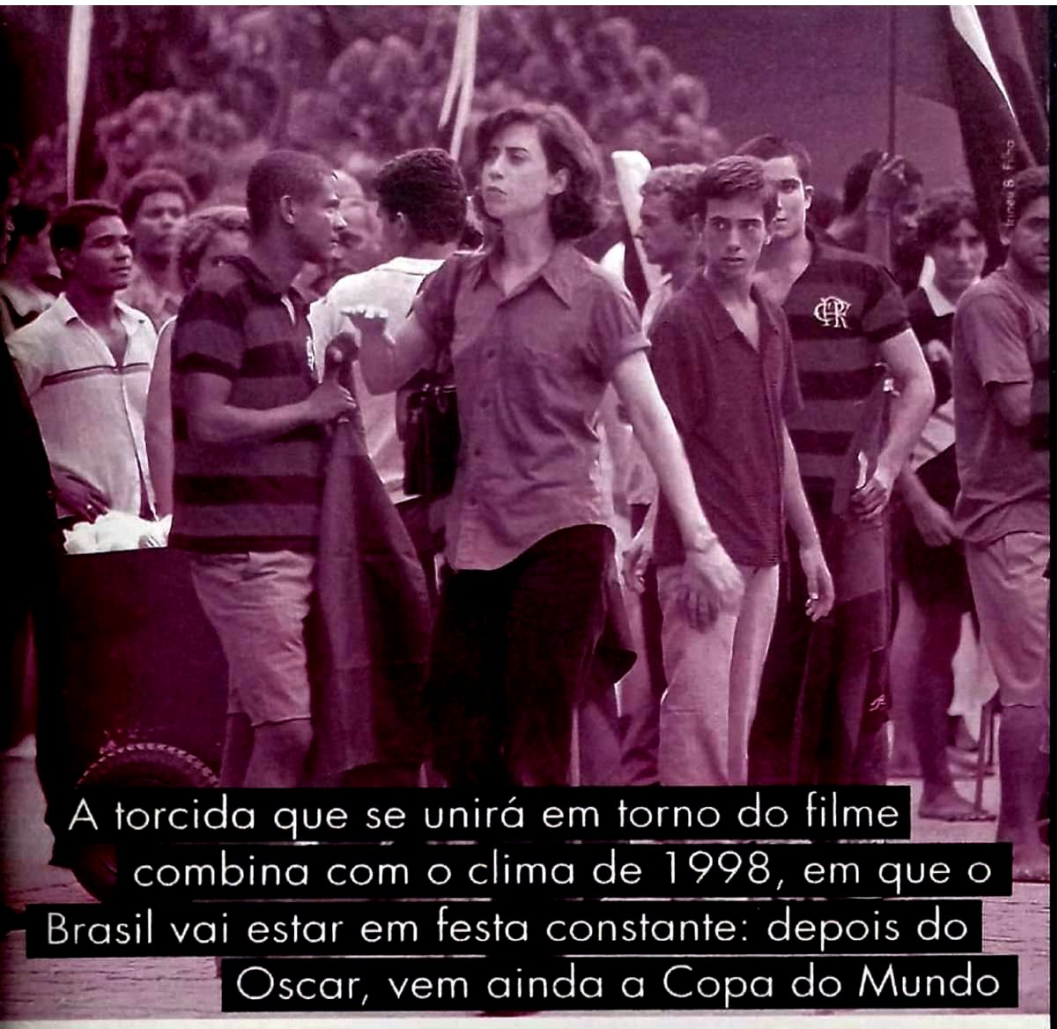
Luiz Fernando Guimarães conduz o embaixador à liberdade, enquanto Fernanda Torres passeia entre torcedores do Flamengo (*à dir.*)

grande artista, James Cameron. Por outro lado, se a estatueta de filme estrangeiro parar nas mãos do Brasil, o gesto também simbolizará o interesse ianque pelo cenário tupiniquim. A entrega do Oscar para Luiz Carlos e Lucy Barreto, produtores de O *Que É Isso, Companheiro?* e pais do diretor Bruno Barreto, poderia ser traduzida como "braços abertos" para novas, futuras e infindas parcerias de toda ordem. A Academia de Hollywood, muitas vezes acusada de alienação reacionária, rejuvenesceu e reflete uma maior sintonia com as necessidades atuais. Isso pode favorecer, e muito, o candidato nacional ao Oscar.

Afinal de contas, a Academia também tem um histórico bastante evidente de premiar filmes de acentuado perfil político ou panfletário. Foi o caso de, entre outros, *Ontem, Hoje e Amanhã*, de Vittorio de Sica, Z, de Costa-Gavras, O *Tambor*, de Volker Schlöndorff, e A *História Oficial*, do argentino Luis Puenzo. Há uma nítida tendência a premiar filmes que revelam aspectos importantes da história e da cultura de um país. O filme de Bruno Barreto encaixa-se perfeitamente nesse perfil. Além de criar um certo clima de familiaridade com o público americano, pelo fato de a história se ambientar no final dos anos 60, quando o Rio de Janeiro seduzia estrangeiros e turistas com o suingue charmoso da bossa nova, há também a sempre bem-vinda expiação de um regime ditatorial que – espera-se – tenha sido definitivamente enterrado. Ponto positivo para o trabalho do diretor, que se preocupou em não definir os mocinhos e os vilões de uma história que nunca é tão simples assim. Por mais que alguns personagens tenham sido mal construídos, Bruno Barreto acerta ao ressaltar que todos tinham uma motivação superior para fazer o que estavam fazendo. Os americanos adoram dourar a pílula ou tapar o sol com a peneira: essa política da boa vizinhança também pode somar pontos para o filme inspirado em Gabeira.

Columbia Tristar

As duas faces de Fernando Gabeira: Pedro Cardoso no cinema e o próprio na vida real



A torcida que se unirá em torno do filme combina com o clima de 1998, em que o Brasil vai estar em festa constante: depois do Oscar, vem ainda a Copa do Mundo

Cibele Clark

Como se não bastasse, há um outro detalhe, nada pequeno, que ajuda e muito na campanha do filme rumo às finais do Oscar: os Barreto contam com a Miramax como parceira para a distribuição do filme nos Estados Unidos. Produtora e distribuidora independente de médio a grande porte, a Miramax é conhecida por campanhas agressivas de lançamento, em especial com os filmes estrangeiros que compra. Os irmãos Harvey e Bob Weinstein, cabeças da Miramax, não escondem a sua aposta no filme brasileiro. O longa foi exibido em uma sessão lotada para os membros da Academia que votam na categoria filme estrangeiro, foi lançado primeiro em Los Angeles e Nova York, com críticas e reações um tanto divididas, e depois viu seu circuito ser ampliado para 64 salas em todo o território americano, o que é auspicioso em se tratando de um filme estrangeiro com potencial comercial limitado. A Miramax está divulgando-o também na TV americana, que tem um alcance insuspeito. O filme não poderia ser melhor representado para participar da corrida ao ouro.

Amy Irving, mulher de Bruno Barreto, até brincou: depois de acompanhar a sessão especialmente organizada para os críticos, ela afirmou que já está providenciando um vestido longo para a noite de gala, pois estava certa de que o filme estaria entre os cinco finalistas. Seu sexto sentido feminino se confirmou, mas resta agora verificar a reta final da competição – é preciso estudar as chances dos quatro outros concorrentes (*leia texto nesta página*).

O Que É Isso, Companheiro? é, pois, motivo de festa. Tudo bem tratar-se de um filme melancólico e fatalista sobre um sonho que acabou, sobre um momento sombrio que ainda não se dissipou totalmente, sobre um buraco negro no orgulho nacional. Mas a torcida que se unirá em torno do filme combina plenamente com o clima de 1998, em que o Brasil estará em constante festa: passado o Carnaval, vêm ainda a Copa do Mundo e as eleições gerais (que, mal ou bem, sempre tiram o cidadão de sua rotina). Quem sabe se desta vez a conjuntura astral não leva o Brasil a fazer e acontecer?

Christian Petermann

os novos rivais

Uma viagem ao redor do mundo pelos outros indicados ao Oscar de filme estrangeiro

Fotos Divulgação

Secrets of the Heart

Beyond Silence

The Thief

* **A primeira parada é a Espanha. O filme *Secrets of the Heart* (*Secretos del Corazón*), do basco Montxo Armendáriz, apresenta um retrato nostálgico do país durante a ditadura de Franco, nos anos 60. O roteiro mostra como as crianças reagiam a uma realidade política difícil. Já o diretor seduz o espectador adulto com um roteiro inteligente e gracioso.**

* **Em seguida vem a Alemanha com *Beyond Silence* (*Jenseits der Stille*), filme de estréia da diretora Caroline Link. A trama discorre sobre a estranha relação, que se prolonga por anos, entre um casal de mudos e a filha que faz as vezes de ouvidos para os pais. Apesar de o assunto ser curioso, há quem ache que o roteiro não escapou de uma incômoda superficialidade.**

* **A viagem agora chega à Holanda. Em *Character* (*Karakter*), do também estreante Mike van Diem, o espectador volta ainda mais ao passado, nos anos 20, para travar contato com o complexo e sofrido relacionamento entre um jovem e seu pai autoritário. Um filme elegante, com grandes interpretações.**

* **Finalizando a turnê, é a vez de a Rússia comparecer com *The Thief* (*Vor*), a clássica história do amadurecimento de um garoto, dessa vez durante a década de 50. Com três atores no elenco, há um clima sutil de crueldade permeando a trama, que sugere que apenas os fortes sobrevivem no mundo.**

oscar 98

Jack Nicholson prova que até os maiores chatos merecem uma

MELHOR IMPOSSÍ

Indicações:

Melhor Filme

Ator: Jack Nicholson

Atriz: Helen Hunt

Ator Coadj.: Greg Kinnear

Roteiro Original: James L. Brooks e Mark Andrus

Montagem: Richard Marks

Trilha Sonora Musical/ Comédia: Hans Zimmer

chance

É VEL

Jack Nicholson como o escritor Melvin Udall e sua nova paixão, o cachorro Verdell: uma chance de redenção para o sujeito mais detestável da vizinhança

Melvin Udall é um sujeito repugnante. Talvez a pessoa mais grosseira e intragável do planeta, ele não possui nenhum bom senso e não se importa em endereçar ofensas gratuitas a qualquer um que cruze seu caminho, seja o seu vizinho gay, seja uma empregada latina, seja um casal de judeus que está almoçando em "seu" restaurante. Ele é, enfim, um cara detestável – e o mais improvável dos protagonistas para uma comédia romântica.

Mas é justamente Melvin Udall o principal personagem de *Melhor É Impossível*, uma comédia divertida e inteligente dirigida pelo mesmo James L. Brooks do dramalhão *Laços de Ternura* e do inesquecível *Nos Bastidores da Notícia*. E acredite: quando *Melhor É Impossível* terminar, você vai estar adorando o sujeito e torcendo para que sua vida entre nos eixos.

É quase um milagre, mas o santo aqui tem nome: Jack Nicholson. Talvez fosse inconcebível imaginar algum outro ator na pele do escritor Melvin. Nicholson aproveitou a oportunidade para desligar o piloto automático em que vinha conduzindo sua carreira e demonstra que nasceu para interpretar esse sujeito complicado e fazê-lo superar o clichê do homem de índole ruim que, sem maiores explicações, se torna um cara simpático.

Na verdade, Melvin até que possui uma explicação plausível para seu comportamento aberrante: ele tem distúrbios psicológicos de ordem obsessiva-compulsiva que o fazem viver segundo padrões bizarros – é incapaz de pisar nas rachaduras das calçadas, lava constantemente as mãos e só consegue comer com seus próprios talheres de plástico. Mas isso não diminui sua canalhice, já que ele desavergonhadamente usa seu problema como desculpa para ser desagradável.

Helen Hunt e Greg Kinnear como a garçonete Carol e o pintor Simon: amizade

A redenção de Melvin também tem nome: Carol Connelly, a garçonete que o serve todos os dias, numa interpretação brilhante de Helen Hunt. Ela suporta o escritor porque parece ter vocação para sofredora. Mãe solteira, Carol passou a última década cuidando do filho asmático e sofre por não conseguir dar a ele um tratamento decente – e também por não conseguir aproveitar sua própria vida.

As coisas começam a mudar quando o vizinho de Melvin, Simon, um artista plástico gay, é internado após ter sido atacado por ladrões. Com Simon no hospital, Melvin se vê obrigado a cuidar de seu cachorrinho – e que coração não derrete ao ver um totó órfão? Aberta essa primeira brecha, Melvin deixa escapar que, quando quer, é capaz de controlar seus instintos e suas palavras ácidas. E, para a própria surpresa, percebe que sua preocupação com a garçonete pode ter um significado mais profundo que essa necessidade patológica de se agarrar às suas manias.

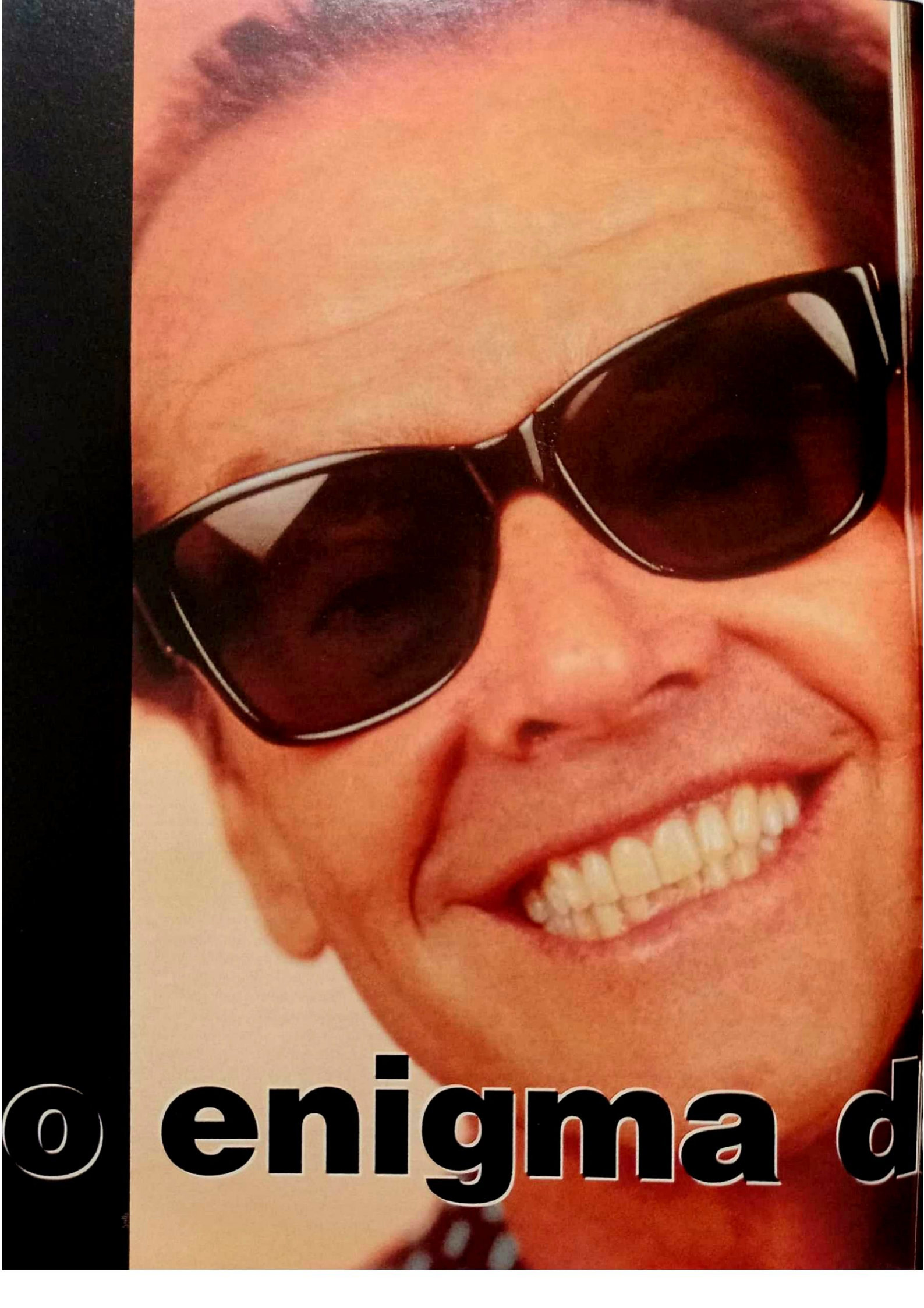
Esse estranho triângulo é montado em cima de uma torrente de clichês: Simon reencontra sua inspiração para pintar nas formosas curvas de Carol, que por sua vez entrevê um ser humano sob a carranca de Melvin quando ele se dispõe a pagar o tratamento de seu filho. Aos poucos, a personalidade desses três personagens vai se mostrando cada vez mais rica, com camadas que só poderiam ser reveladas pelo talento de seus intérpretes e pela direção leve e o roteiro afiado de Brooks.

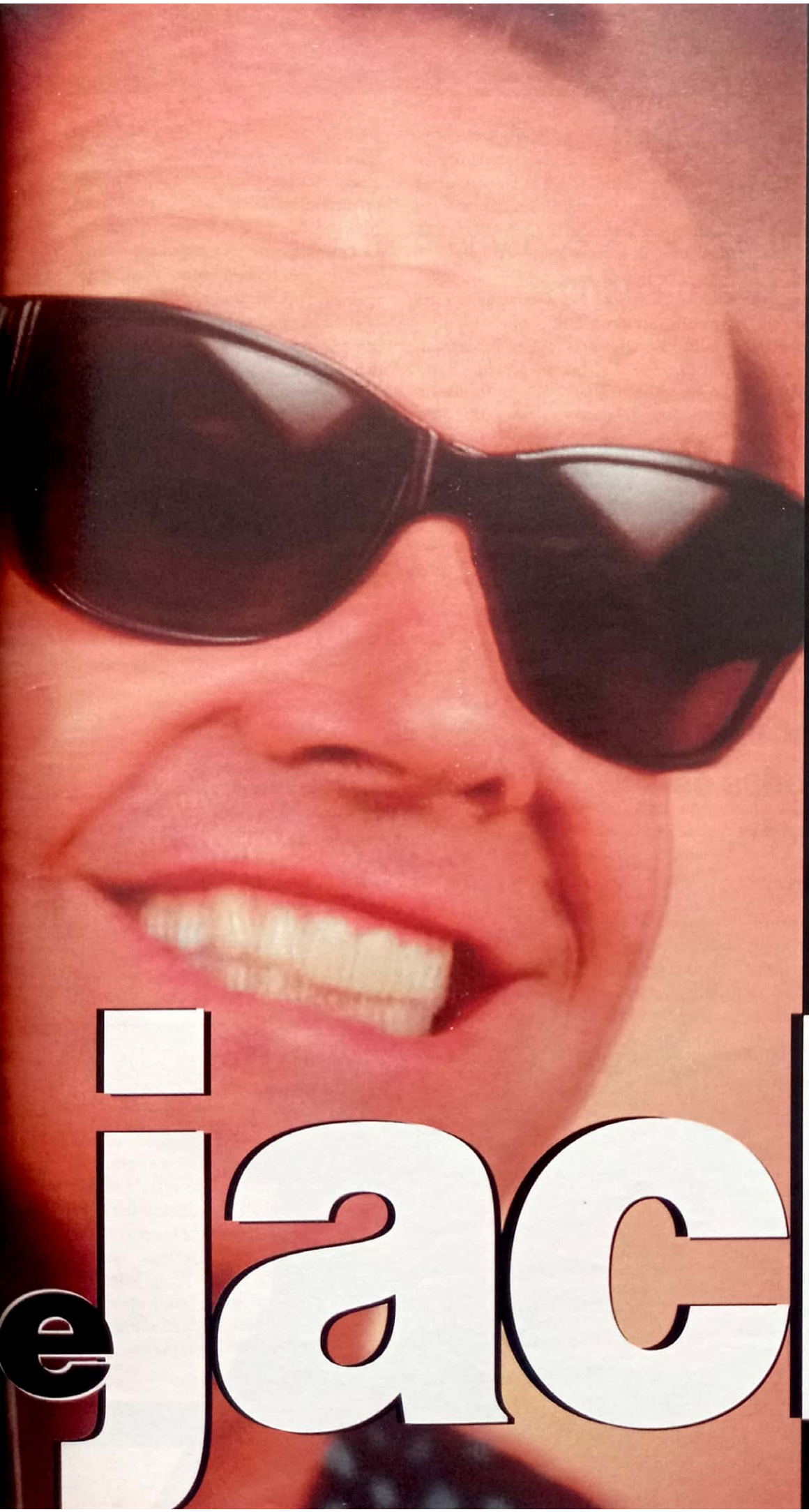
É certo que se faz necessário um pouco de boa vontade para acreditar em algumas das armações de *Melhor É Impossível*. Será que a maravilhosa Helen Hunt realmente seria tão solitária a ponto de se interessar pelo irritante Jack Nicholson? E bancar o tratamento de uma criança doente ou tomar conta de um cachorrinho órfão realmente faz de alguém uma pessoa melhor?

Ainda assim, o filme merece uma chance. Afinal, não é todo dia que aparece uma comédia romântica que, apesar de ter mais de duas horas de projeção, é capaz de cativar a platéia com personagens tão singulares – e com um punhado de lugares-comuns, ainda que reciclados com requinte. E quem diria que um diretor conseguiria arrancar uma interpretação tão convincente de Greg Kinnear? Melhor do que isso...

Roberto Sadovski

(As Good as It Gets, EUA, 1997) **Direção**: *James L. Brooks.* **Com** *Jack Nicholson, Helen Hunt, Greg Kinnear, Cuba Gooding Jr., Skeet Ulrich, Shirley Knight, Jesse James, Lawrence Kasdan, Harold Ramis. 138 min.*


o enigma d



jack

Sobre a sua vida, sabe-se muito. Sobre ele mesmo, quase nada. "No dia em que descobrirem quem sou, eu me aposento", promete o mais controvertido ícone do cinema

jack nicholson

Ele odeia dar entrevistas ("a não ser quando elas me fazem ganhar mais dinheiro"), sai da cidade quando críticas sobre um novo filme seu começam a pipocar nos jornais e revistas e faz questão de não ler nenhuma biografia que o eleja como tema. Mas ao menos uma vez ele teve de prestar bastante atenção ao que um jornalista tinha a lhe dizer. Em 1974, enquanto preparava um perfil de Jack Nicholson para a revista *Time*, um repórter ligou para o astro com uma revelação bombástica: June, a mulher que ele acreditava ser sua irmã mais velha, era na verdade sua mãe. E Ethel May, que criara Jack como filho, era de fato sua avó. Jack tinha 37 anos, estava em meio às filmagens de *Chinatown* e logo seria um dos maiores astros do cinema americano. Mas nunca tinha desconfiado da verdade.

A pedido de Jack, a *Time* não revelou a descoberta aos leitores – uma honra duvidosa que coube a Walter Scott, colunista da revista *Parade*, em 1977. Uma vez que a história veio à tona, porém, o ator reagiu de forma surpreendentemente serena. "Eu diria que é um evento dramático, mas não traumatizante. Afinal, eu já era bem crescido quando soube", explicou ele anos mais tarde a Arthur Marx, filho do comediante Groucho. Dizendo-se grato às duas mulheres que guardaram um segredo tão pesado durante décadas, Jack afirma que o maior efeito que a revelação causou sobre ele foi uma guinada em suas opiniões sobre o aborto. "Seria comicamente incorreto uma pessoa na minha posição defender o aborto", ele pondera. "Mas continuo sendo pró-escolha."

Esses fatos do passado pouco afetaram também a opinião do público sobre Jack. Se

"Depois de décadas experimentando todas as formas de coabitação, descobri que não sou bom em nenhuma delas"

Stills

"O pior

tanto, foram interpretados como mais um desdobramento peculiar na vida de um homem que merece como poucos ser chamado de ícone. Menos por seu sucesso e suas credenciais, talvez, e mais pela extrema habilidade com que ele se esquiva de toda e qualquer tentativa de uma descrição mais completa, ou mais profunda, ao mesmo tempo em que mantém seu nome nos noticiários com invejável regularidade. "Você é um bom jornalista, mas nem você e nenhum outro jamais vão saber quem eu sou", foi como ele desafiou um repórter da revista inglesa *Empire*, em 1994. "O dia que descobrirem quem sou, enlouqueço – e me aposento."

Não que Jack seja um recluso. Protegido por seus indefectíveis óculos escuros, ele é uma figura fácil de reconhecer na arquibancada de lutas de boxe ou dos jogos dos Lakers, o time de basquete de Los Angeles pelo qual é fanático. Volta e meia, também, atiça a imprensa com alguma declaração bombástica (a última delas, sobre o escândalo envolvendo o presidente Bill Clinton e suas possíveis namoradas: "Finalmente temos na Casa Branca um cara que f...!") ou algum lance sensacional. Por exemplo, destruir com um taco de golfe um carro que o fechou no trânsito, ou vingar-se da mãe de seu filho Caleb, a atriz Susan Anspach, cobrando nos tribunais uma dívida de meio milhão de dólares. Uma quantia que, convenhamos, não deve estar fazendo muita falta ao homem que, apenas por sua participação em *Batman*, coletou algo como 50 milhões de dólares e que sabe "ler ou escrever um contrato como ninguém", nas palavras do amigo e antes todo-poderoso produtor de Hollywood Robert Evans.

Nenhum feito de Jack, no entanto, foi tão explorado pelos tablóides quanto sua separação da atriz Anjelica Huston, com quem viveu durante dezessete anos. O ator nunca foi exatamente um companheiro fiel. Mas, em 1989, veio a gota d'água: Anjelica descobriu que a atriz iniciante Rebecca Broussard estava grávida de seu marido e decidiu dar um basta na situação. Jack hoje tem dois filhos com Rebecca, mas mora sozinho numa casa de oito quartos (modesta para os padrões de Hollywood) que adquiriu há mais de 25 anos, em Mulholland Drive, com uma vista deslumbrante de Beverly Hills. Nem vizinhos ele tem: assim que sua situação financeira permitiu, ele arrematou a casa ao lado e transformou-a num escritório.

"Descobrir que minha irmã na verdade era minha mãe foi dramático, mas não traumatizante. Afinal, eu já era bem crescido quando fiquei sabendo"

Jack, como tantos outros, teve um início de carreira pouco auspicioso. Fruto de uma escapada romântica da adolescente June, que fora para Nova York tentar a carreira artística, ele foi criado pelo vitrinista John e pela cabeleireira Ethel May – seus falsos pais – em Nova Jersey, onde aos dezesseis anos se viu com um diploma do colegial na mão e nenhuma perspectiva pela frente. Definindo-se como preguiçoso, Jack descartou a idéia de fazer faculdade, que implicaria estudar muito e trabalhar pelo menos vinte horas por semana para completar sua bolsa.

Preferiu, portanto, mudar-se para o Sul da Califórnia em 1954, ganhando a vida nas corridas de cavalos e mesas de bilhar. Pressionado por June a seguir um estilo de vida mais estável, arrumou emprego como contínuo no setor de desenhos animados da MGM. William Hanna e Joseph Barbera, criadores de *Tom & Jerry*, foram com a cara do rapaz e conseguiram-lhe um estágio com um grupo teatral chamado The Players Ring – de onde Jack saiu para o curso de interpretação de Jeff Corey, muito mais respeitado e conhecido.

"Ei, garoto, você vai ser um astro de cinema, e eu vou escrever roteiros para você", foi como Robert Towne saudou o novato que acabara de ver em ação pela primeira vez numa aula de Corey. O "garoto" apenas sorriu e disse: "Ah é, é?". Nos anos seguintes, Towne cumpriu a profecia em várias colaborações com Jack – que, de fato, tornou-se um astro à primeira projeção de *Sem Destino*, amplificando com sua interpretação hipnótica um pequeno papel, o de um advogado alcoólatra, que fora recusado por Rip Torn.

Sem Destino fez de Jack também um nome importante da contracultura do final dos anos 60 e início dos 70, abrindo-lhe possibilidades com que ele nem sonharia – e dando início a uma reputação que segue firme e forte ainda hoje, de aventuras com drogas, álcool e mulheres. Diz-se, por exemplo, que Sandra Knight, a primeira mulher do ator, tentou curá-lo de sua irresponsabilidade crônica levando-o a um psiquiatra. O tiro, porém, saiu pela culatra: o médico optou por um curioso tratamento à base de drogas psicodélicas, que terminou por apavorar Sandra. Entre a mulher e o novo passatempo, Jack ficou com o segundo – e o casamento terminou em divórcio.

Em 1974, a parceria entre o roteirista Robert Towne e Jack chegou ao auge. Foi esse o ano de *Chinatown*, um filme que é um dos mais celebrados da década e parece equivaler a uma daquelas conjunções cósmicas que só acontecem uma vez a cada milênio. Foi durante as filmagens de *Chinatown* que Jack →

de ser ator é que odeio que me digam o que fazer"

jack nicholson

descobriu a verdade sobre sua mãe e se apaixonou por Anjelica, filha de John Huston, seu parceiro de elenco e amigo adorado. Foi com *Chinatown* que Jack condensou, refinou e potencializou sua imagem cinematográfica – uma mistura inigualável de cinismo, irreverência, vulnerabilidade e dissolução. E foi *Chinatown* que revelou ao mundo que Jack não era só um grande talento: era um talento monstruoso, destinado a todas as realizações espetaculares que ele, de fato, conseguiu alcançar. (A título de curiosidade, vale lembrar que foi na casa de Jack que o diretor de *Chinatown*, Roman Polanksi, envolveu-se em 1977 numa acusação de relações sexuais com uma menor, em virtude da qual ele até hoje não pode entrar nos Estados Unidos)

Também as incursões do astro pela direção, como *Com a Corda no Pescoço* e *A Chave do Enigma* (uma continuação de *Chinatown* que abalou profundamente sua amizade com Robert Towne e Robert Evans), foram recebidas com decepção.

Ainda assim, poucos atores foram capazes de criar tantos tipos diversos, mas igualmente marcantes. Qualquer profissional se orgulharia de ter em seu currículo apenas um papel que se comparasse ao detetive J.J. Gittes de *Chinatown*, ao ebuliente Randle de *Um Estranho no Ninho*, ao ácido âncora jornalístico Bill Rorich de *Nos Bastidores da Notícia* ou ao descarrilhado Coringa de *Batman* (aliás, eleito pelos leitores de SET o melhor vilão do cinema). Aos sessenta anos, Jack tem todos esses. E acaba de adicionar mais um à lista: o detestável, mas encantador, Melvin Udall de *Melhor É Impossível*, pelo qual ele merecidamente ganhou o Globo de Ouro em janeiro.

Não menos importante do que a soma de todos esses papéis é a lucidez com que Jack empregou sua nada desprezível vaidade. Em vez de gastar seu tempo com perucas, lipoaspirações e plásticas que pudessem disfarçar a calvície, a barriga e as rugas – como tantos veteranos de Hollywood –, ele ostenta todas as marcas da idade com absoluta segurança e coloca-as a serviço da única coisa que realmente importa, segundo diz, e pela qual já trocou amizades e casamentos: ser um ator. Ou, como resumiu o próprio Jack à repórter que lhe indagou se ele desistiria de um grande papel por um jogo dos Lakers: "Não desisto de nada, por ninguém".

"Quando trabalho, me envolvo até o pescoço. Não consigo dar conta de um filme e de um casamento ao mesmo tempo. De certa forma, dou a vida pela profissão"

Nenhuma carreira, porém, tem só altos. E os baixos de Jack revelam uma tendência do ator a se entediar facilmente com papéis que exijam menos complexidade do que ele tem a oferecer. O que, em outras palavras, resulta em umas tantas atuações nitidamente preguiçosas, como em *Lobo*, ou displicentes, como em *Questão de Honra*.

Isabela Boscov

Jack fa

Como você consegue tornar envolvente um personagem como o Melvin Udall de *Melhor É Impossível*, capaz de tirar do sério todo mundo que o conhece?

É preciso entender o personagem. Nunca achei Melvin odioso. Todo ator, na verdade, tenta trazer o personagem para perto de si, tenta deixar que ele tome um pouco conta do pedaço. E Melvin não foi construído de forma a ser odioso para sempre. Para que ele tenha uma chance de se redimir e se tornar um homem melhor é que ele acaba envolvido – ainda que com muita relutância – na vida da garçonete Carol e do artista plástico Simon (*interpretados por Helen Hunt e Greg Kinnear*).

Por que você aceitou este papel?

Porque James (*L. Brooks, o diretor de Melhor É Impossível*) tem o dom de criar personagens fascinantes e conceber projetos extraordinários. E também porque eu estava a fim de trabalhar com atores que não conhecia. Normalmente, eu trabalho com velhos amigos, o que é muito estimulante. Mas, se você é um especialista em uma área e descobre uma afinidade com colegas mais jovens, o sentimento é diferente, é de excitação. Há muito jovens atores bons por aí – e vários deles estão neste filme.

Você não acha que atores mais jovens tendem a se sentir intimidados pela aura meio lendária da sua presença?

Eu tento desarmá-los o mais rápido possível. Faz parte do meu trabalho.

É verdade que James L. Brooks não podia pagar o seu cachê, mas você aceitou o papel em troca de trabalhar apenas quatro dias por semana?

Tenho orgulho de ter provado que a semana de quatro dias é um método de trabalho viável. Na verdade, essa é a minha maior realização no que toca a *Melhor É Impossível*.

"Tenho medo do escuro. Às vezes, à noite, fico apavorado"

la o que pensa (será?)

Este foi um filme fácil de fazer?

Nunca fiz um filme que tenha sido fácil. Quando trabalho, me envolvo até o pescoço – o que já afetou profundamente a minha vida pessoal. Não consigo dar conta de um casamento e de um filme ao mesmo tempo. Se estou filmando, só tenho cabeça para atuar. De certa forma, dou minha vida pelo trabalho.

Você já interpretou uma série de personagens, digamos, crus, como o Melvin de *Melhor É Impossível*. Alguma vez você se sentiu estereotipado?

Não. Acho que nunca conseguiram me encurralar num certo tipo de papel, e esse foi o melhor dos meus truques profissionais. Fiz tanto filmes comerciais quanto produções menores, que nunca teriam saído do papel a não ser que alguém com o meu cacife se dispusesse a participar delas. Acho que permiti a vários diretores bons me usar de um sem-número de jeitos diferentes.

Você não gostaria que todos os seus filmes fizessem o sucesso de *Melhor É Impossível*?

Isso não seria possível, porque nem todos os filmes são destinados a uma platéia tão ampla. Não é uma questão de as pessoas gostarem ou não de um filme; mais gente gosta de rock do que de jazz, por exemplo. É um problema demográfico, e não há nada que se possa fazer a respeito. Mas não é por isso que as pessoas vão parar de tocar jazz, não é? O pessoal que vê filmes pequenos como *Hoffa* e *Acerto Final* gosta deles, e no fundo isso é o que importa.

Em *Acerto Final*, Anjelica Huston, sua ex-companheira, interpreta sua ex-mulher, com quem você tem uma relação sofrida e →

"Essa minha reputação de mulherengo é o tipo da coisa que faz muito bem para os negócios"

Stills

Digitalizado com CamScanner

jack nicholson

conflituosa. Como foi esse reencontro?

Foi um privilégio trabalhar novamente com Anjelica depois de *A Honra do Poderoso Prizzi*. Não tínhamos tido nenhum contato desde nosso rompimento, seis anos antes. Simplesmente fizemos o que estávamos ali para fazer, evitando cerimônias. Ambos somos profissionais, e não deixamos que nenhum trauma daqueles dezessete anos juntos aflorasse.

Você se surpreendeu em ela aceitar trabalhar a seu lado?

Bastante, mas não ia ser eu a dizer que não queria trabalhar com ela. No filme, interpretamos um casal que se odeia, e Anjelica teve a oportunidade de dizer várias coisas horríveis para mim em cena. Tenho certeza que é por isso que ela aceitou o papel. Ei, estou só brincando.

Durante as filmagens de *Acerto Final* você foi indiciado por agressão e vandalismo, depois de bater com um taco de golfe em um carro que fechou o seu. Fez-se um acordo fora do tribunal, mas o que aconteceu realmente?

Foi vergonhoso. Detesto perder o controle. Eu fazia o gênero durão quando era jovem, mas esses repentes se tornaram raros nesta fase da minha vida. Só que naquela manhã eu estava fora de mim. Harold Schneider, um grande amigo e produtor de todos os filmes que dirigi, acabara de morrer. E eu tinha passado a noite toda interpretando um maníaco.

Você já foi tema de várias biografias (*na mais recente, Jack Nicholson: The Life and Times of an Actor on the Edge*, o autor Peter Thompson alega que o astro tem oito filhos fora do casamento, alguns dos quais reconheceu, e que sua dependência o fazia cheirar cocaína a cada seis tomadas de *Cada um Vive Como Quer*). Qual sua impressão sobre elas?

Não ligo para essas biografias e intencionalmente nunca as li, justamente para não ter de emitir minha opinião.

Você é freqüentemente descrito como um mulherengo.

É o tipo de reputação que faz bem para os negócios.

Qual é a diferença entre homens e mulheres?

É uma diferença glandular. Uma mulher tem uma experiência sexual e espera para ver o que acontece; um homem sai em busca da próxima. Não é uma questão de moralidade. Os hormônios masculinos são projetados para que o homem supere a moral e perpetue a espécie.

Você tem dois filhos pequenos com a atriz Rebecca Broussard, mas prefere morar sozinho. Por quê?

Depois de um quarto de século experimentando todas as modalidades possíveis de coabitação, cheguei à conclusão de que não sou bom em nenhuma delas. Sou muito temperamental, e conviver comigo não é fácil.

Por que você escolheu a profissão de ator?

Eu não tive como evitar essa profissão, porque nunca tive muitas alternativas. Comecei aos vinte anos porque me sentia atraído pelo glamour do cinema – eu gostava da vida boa, e ainda gosto. Depois passei muito tempo naquela fase do "vamos ver se dá pé". Quando fiz *Sem Destino*, em 1968, eu já atuava há doze anos e contabilizava ganhos bastante magros, mas dos quais tinha muito orgulho. Mesmo naquela época, porém, eu já estava tentando cobrir as minhas bases, escrevendo roteiros e produzindo. Um ator sem trabalho é um ator infeliz. Não sei o que mais eu poderia ter feito da vida.

"Para ser um grande ator é preciso preservar uma certa ingenuidade. É bom não saber demais"

***Sem Destino* fez de você um sucesso instantâneo.**

Não existe sucesso do dia para a noite. Isso é um mito. Eu já trabalhava há muito tempo como ator, roteirista e produtor. Mas eu me tornei, sim, uma estrela desde o momento em que *Sem Destino* foi exibido no Festival de Cannes. E eu soube disso no momento em que surgi na tela.

Como assim?

Eu já tinha estado em Cannes antes, tentando vender meus filmes como produtor, e conhecia o público muito bem. Quando me sentei na platéia e meu personagem apareceu na tela, o filme explodiu. Acho que, por eu conhecer o negócio, disse para mim mesmo: "Jack Nicholson agora é um astro". Tive a boa sorte de saber o que isso significava.

No seu início de carreira você trabalhou em vários filmes B de horror, incluindo clássicos como *Cry Baby Killer*, de 1957, e *A Pequena Loja dos Horrores*, de 1960. Você se arrepende de tê-los feito?

Não. A maior parte deles é uma droga, mas o horror é, potencialmente, a parte mais profunda da nossa consciência literária. São papéis sérios, porque se baseiam em mitos. O que é preciso é tornar esses filmes mais sérios, fazê-los com alguma ressonância e dignidade. Por isso eu fiz *Lobo* alguns anos atrás.

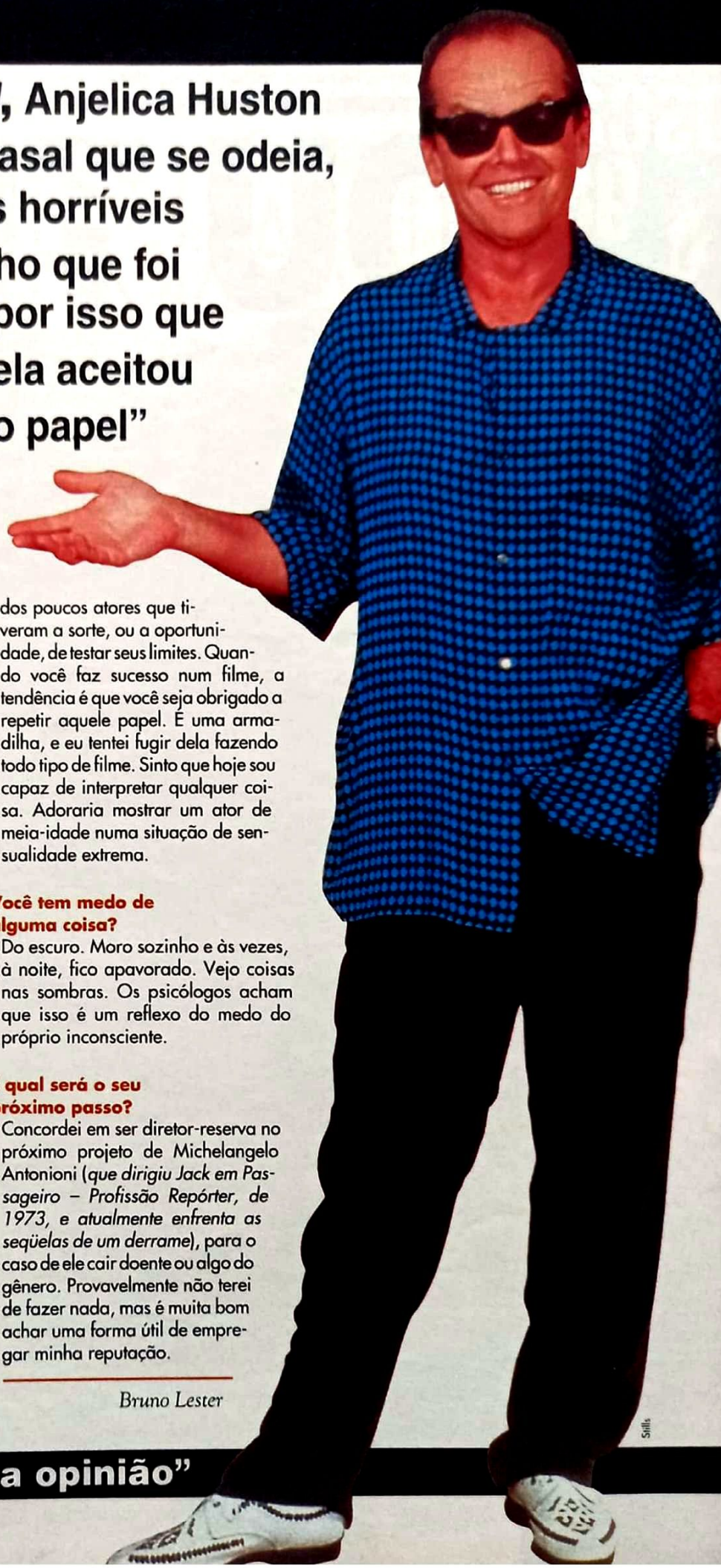
Você sente que tem de pôr de lado você mesmo e a sua persona pública quando se prepara para um papel?

É, eu tenho que me "desjackizar", digamos assim. Quando dou palestras sobre o meu ofício, costumo dizer que é possível arrancar um desempenho extraordinário de qualquer pessoa que está ali na platéia. Mas, uma vez que você é o Jack, como fazer o público acreditar que quem está ali é o personagem?

Como alguém pode se tornar

"Não leio nada que escrevem a meu respeito, justamente par

"Em *Acerto Final*, Anjelica Huston e eu fazíamos um casal que se odeia, e ela pôde dizer coisas horríveis para mim em cena. Acho que foi por isso que ela aceitou o papel"



um bom ator?

Construir um ator leva vinte anos. Há muito o que aprender, e muito o que realizar. E, depois disso, é necessário lutar para conservar um certo nível de ingenuidade. É preciso preservar o destemor e manter-se aberto, seja lá o que for que esteja acontecendo à sua volta naqueles minutos em que você está atuando. Isso requer um tanto de ingenuidade; é bom não saber demais.

Qual é o aspecto mais difícil da sua profissão?

É o fato de que eu odeio que me digam o que fazer. Isso foi um problema com meus pais, na escola e em todos os lugares em que eu trabalhei. É um problema como ator e é um problema à noite, em casa. À exceção talvez do exército, não há nada que exija mais do que a profissão de ator. Sempre tem alguém dizendo a você o que fazer, onde estar, a que horas se levantar. Sua mãe pode ter morrido naquele dia, mas não importa: são três horas da manhã e você tem de estar no set.

Nesses quarenta anos de cinema, qual o seu papel favorito?

Essa é a pergunta que mais me fazem, e eu sempre resisti a ela. Em vez disso, vou citar minha mãe: "Todas as comparações são odiosas".

Exatamente o que você busca ao escolher um novo papel?

Preciso que haja pelo menos três boas cenas para mim. Considero falta de esperteza entrar em qualquer projeto que não contenha essas três cenas.

Você alguma vez considerou a hipótese de se aposentar?

Não, porque não há muitas profissões por aí em que se possa ser melhor depois de quarenta anos do que na juventude – mas na minha isso é possível. E eu sou um dos poucos atores que tiveram a sorte, ou a oportunidade, de testar seus limites. Quando você faz sucesso num filme, a tendência é que você seja obrigado a repetir aquele papel. É uma armadilha, e eu tentei fugir dela fazendo todo tipo de filme. Sinto que hoje sou capaz de interpretar qualquer coisa. Adoraria mostrar um ator de meia-idade numa situação de sensualidade extrema.

Você tem medo de alguma coisa?

Do escuro. Moro sozinho e às vezes, à noite, fico apavorado. Vejo coisas nas sombras. Os psicólogos acham que isso é um reflexo do medo do próprio inconsciente.

E qual será o seu próximo passo?

Concordei em ser diretor-reserva no próximo projeto de Michelangelo Antonioni (*que dirigiu Jack em Passageiro – Profissão Repórter, de 1973, e atualmente enfrenta as seqüelas de um derrame*), para o caso de ele cair doente ou algo do gênero. Provavelmente não terei de fazer nada, mas é muita bom achar uma forma útil de empregar minha reputação.

Bruno Lester

Stills

a não ter de emitir minha opinião"

oscar 98

Indicações:

Melhor Filme

Diretor: Peter Cattaneo

Roteiro Original: Simon Beaufoy

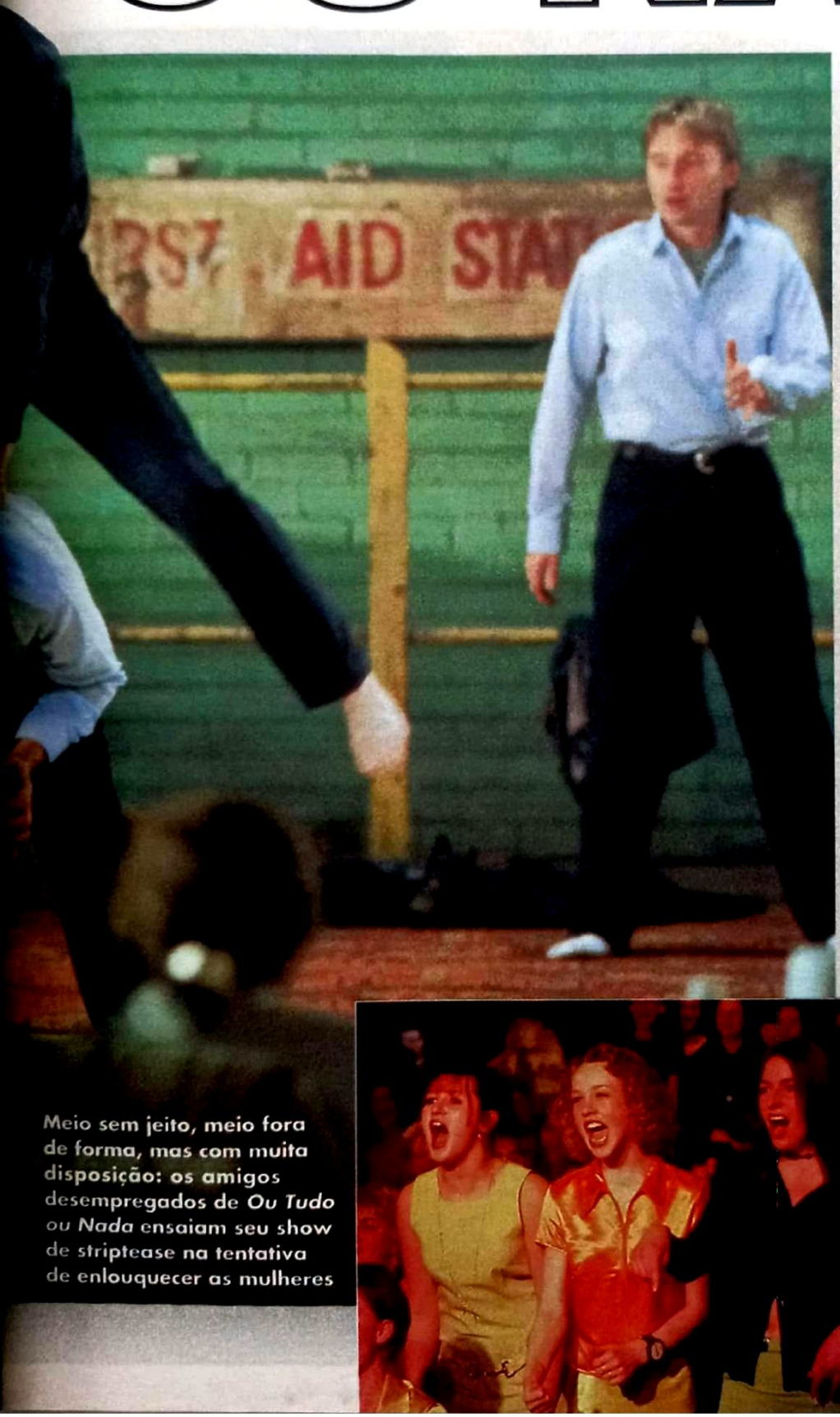
Trilha Sonora Musical/ Comédia: Anne Dudley

A classe operária vai ao Clube das

OU TUDO

Mulheres neste sucesso-surpresa vindo da Inglaterra

OU NADA



Meio sem jeito, meio fora de forma, mas com muita disposição: os amigos desempregados de *Ou Tudo ou Nada* ensaiam seu show de striptease na tentativa de enlouquecer as mulheres

A casa de espetáculos está cheia de donas de casa loucas para fugir da rotina, todas já meio bêbadas e roucas de tanto gritar. De repente, as luzes se apagam, o palco se ilumina e seis jovens rapazes, com seus músculos cuidadosamente desenhados, aparecem em meio à fumaça, prontos para arrasar em mais um espetáculo de striptease.

Esse é *quase* o roteiro da comédia britânica *Ou Tudo ou Nada*, um dos filmes mais bem-sucedidos do ano passado. Para que ele fique correto, é só substituir a frase "jovens rapazes com os músculos desenhados" por "metalúrgicos desempregados e fora de forma" – sem esquecer de adicionar outros detalhes, como "barrigudos" ou "com umas rugas a mais". Não estamos falando de uma transposição para celulóide de um "clube das mulheres" da vida, nem de uma versão masculina do desastre *Showgirls*: o filme do estreante Peter Cattaneo é uma comédia deliciosa que fala de amizade, desespero, vergonha e... Donna Summer!

A história se passa em Sheffield, no norte da Inglaterra, uma cidade próspera que se tornou palco da decadência da indústria do aço depois do governo de Margaret Thatcher. É em Sheffield que vive Gaz (Robert Carlyle, o psicopata Begbie de *Trainspotting*). Desempregado, divorciado e batalhando pela custódia do filho, ele tem uma idéia prodigiosa: depois de ver um cartaz com o grupo de dançarinos Chippendales – que percorre a Inglaterra fazendo shows de striptease, sempre com a casa lotada –, Gaz decide montar um espetáculo similar e ir mais além. Ao contrário da garotada dos Chippendales, que sai do palco ainda coberta por uma diminuta sunga, ele promete ir até o fim e tirar toda a roupa. Ou fazer "the full monty", como se fala na gíria inglesa. →

OU TUDO OU NADA

O sucesso às vezes custa pouco: o filme saiu por 3 milhões, e já rendeu 190

Ter a idéia é fácil, mas quem é que iria se dispor a deixar a vergonha de lado e encarar uma platéia completamente pelado? Depois de convocar seu fiel escudeiro, Dave (Mark Addy), Gaz começa a selecionar sua trupe – não por acaso, formada unicamente por fregueses assíduos do seguro-desemprego. Gerald (Tom Wilkinson) tem medo de contar à mulher que está há seis meses sem emprego. Lomper (Steve Huison) é tímido e vive com a mãe. Horse (Paul Barber) precisa do dinheiro e até pensa em "aumentar seus dotes" para se manter fiel ao nome. Finalmente, Guy (Hugo Speer) não sabe dançar nem cantar, mas possui um talento, digamos, muito apropriado para o espetáculo.

O grande barato de *Ou Tudo ou Nada* é que os sujeitos que se dispõem a encarar a platéia e tirar a roupa poderiam muito bem ser seu chefe, vizinho ou melhor amigo. Eles também não embarcam na aventura logo de cara. Afinal, não é nada fácil deixar o embaraço, a vergonha e a falta de auto-estima de lado para tirar a roupa por dinheiro. O roteiro do também estreante Simon Beaufoy acerta justamente quando se concentra menos nas partes do corpo e mais nos personagens – pessoas normais que aceitam se despir não apenas de suas roupas mas também de todos os problemas que os afligem na vida real, nem que seja por poucos momentos.

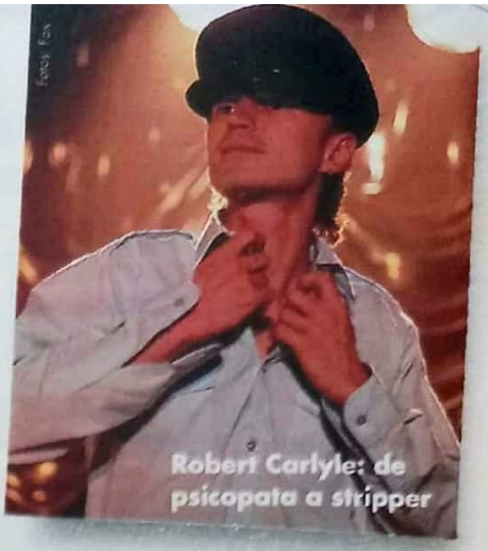
Talvez tenha sido essa dose de realidade injetada numa comédia que toca direto no coração o catalisador do enorme sucesso de *Ou Tudo ou Nada*. Com um orçamento de apenas três milhões de dólares, o filme já faturou 190 milhões no mundo todo – sendo que 40 milhões foram arrecadados só nos Estados Unidos. E isso em pleno verão americano, quando os cinemas estavam tomados pelos pesos pesados dos grandes estúdios.

"Foi absolutamente apavorante", confessou o ator Robert Carlyle à revista americana *Entertainment Weekly*. "Quanto mais se aproximava o dia em que teríamos de tirar a roupa, mais a gente ficava de olho em nossos corpos e pensava: 'Que droga, vai ter umas quatrocentas mulheres por lá e é tarde demais para freqüentar uma academia'."

Na verdade, *não* freqüentar uma academia foi essencial para que Robert e seus companheiros de palco estivessem prontos para entrar no ritmo de *Ou Tudo ou Nada* – afinal, não se tratava de meia dúzia de garotões anabolizados e com músculos salientes. Para Carlyle, que chegou a viver como um mendigo nas ruas de Londres por cinco dias apenas para se preparar para um filme, esse tipo de cuidado é fundamental.

É essa versatilidade e dedicação que nos faz esquecer em dez minutos de filme que o gentil Gaz também é o perigoso Begbie, o psicopata de *Trainspotting*, o papel mais notório de Robert Carlyle. Ao contrário de Begbie, que não hesitaria em cortar o rosto de qualquer sujeito com uma garrafa quebrada, Gaz é tranqüilo e dedicado ao filho e aos amigos, incapaz de levantar um dedo para ferir alguém, mas com uma determinação ferrenha em colocar o espetáculo de pé.

Apesar de Robert Carlyle ser a força da natureza que move *Ou Tudo ou Nada*, o coração do filme é mesmo Mark Addy. No papel do rechonchudo e relutante Dave, amigo de Gaz, que tem sérias dúvidas se será capaz de subir ao palco e encarar o "full monty", ele acaba se tornando a ponte da realidade do filme com o público – aquele sujeito que encarna todas as nossas dúvidas sobre como um cara normal reagiria à situação, e traduz a dimensão do medo de se expor ao ridículo em frente a a uma cidade inteira.


Robert Carlyle: de psicopata a stripper

A próxima parada da trupe de *Ou Tudo ou Nada* é a Broadway. O jornal americano *The New York Post* relata que a história do filme está recebendo um tratamento musical para chegar aos palcos, o que prova sua empatia com o público americano – mesmo que nenhum dos integrantes do elenco esteja envolvido nas negociações.

O sucesso de *Ou Tudo ou Nada* – que tem boas chances de se repetir aqui no Brasil – prova que, apesar das megaproduções ianques que oferecem um delírio visual em detrimento de uma boa história, nada comove e cativa mais as pessoas do que os enredos simples, que conseguem arrancar risadas ao mesmo tempo em que provocam uma lágrima no canto do olho. É quase uma garantia de platéia satisfeita – até porque não é todo dia que se tem a promessa de um "full monty" coletivo pelo singelo preço de um ingresso de cinema.

Roberto Sadovski

Da esq. para a dir., Paul Butterworth, Mark Addy, Robert Carlyle, Steve Huison e Tom Wilkinson: unidos no sofrimento

(The Full Monty, Inglaterra/EUA, 1997) ***Direção:*** *Peter Cattaneo.* ***Com*** *Robert Carlyle, Mark Addy, Paul Butterworth, Tom Wilkinson, Steve Huison, Paul Barber, Hugo Speer, Leslie Sharp, Emily Woof, William Snape. 91 min.*

PROGRAME VOCÊ MESMO SEU CANAL DE FILMES.

TRILOGIA KRZYSZTOF KIESLOWSKI

R$ 15,90 cada

A LIBERDADE É AZUL

A IGUALDADE É BRANCA

A FRATERNIDADE É VERMELHA

R$ 39,90

PACK - TRILOGIA COMPLETA

R$ 9,90

O EXTERMINADOR DO FUTURO

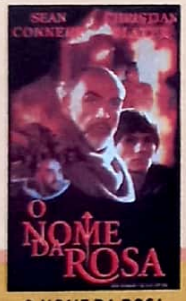
PLATOON

R$ 15,90

DIÁRIO DE UM ADOLESCENTE

A PRINCESA PROMETIDA

A FORÇA DO AMOR



O NOME DA ROSA

AVENTURA
GUERRA
ROMANCE
POLICIAL

OS JOVENS PISTOLEIROS

DIRTY DANCING

AVENTURA
ROMANCE
AÇÃO
MUSICAL

EL CID FITA DUPLA

R$ 21,90

R$ 9,90 cada

INFANTIL

SONIC

MEU AMIGO TOTORO

O SEGREDO DA FOCA

DENNIS

STREET FIGHTER

O Primeiro DVD que fala nossa língua.

ROBERT DE NIRO
JAMES WOODS
JOE PESCI

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

PROCURE NA SUA LOCADORA

FLASHSTAR HOME VIDEO DVD

FITAS COM ALTA QUALIDADE DE SOM E IMAGEM - CONSULTE-NOS SOBRE OUTROS TÍTULOS

À VENDA NAS MELHORES LOCADORAS OU LIGUE GRÁTIS 0800-16-9911

FLASHSTAR HOME VIDEO

oscar 98

Indicações:

Ator Coadjuvante:
Anthony Hopkins
Fotografia:
Janusz Kaminski
Figurino: Ruth E. Carter
Trilha Sonora Drama:
John Williams

Uma das mais obscuras passagens da história americana se torna um filme emocionante nas mãos de Steven Spielberg

A

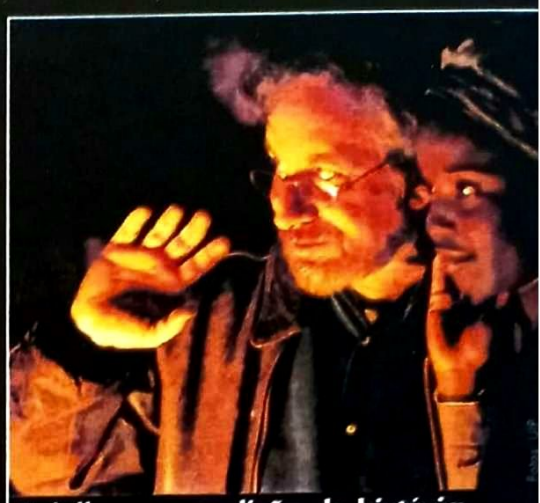
mistad

Em 1839, os 53 africanos que estavam a bordo do navio negreiro espanhol La Amistad, a caminho da escravidão, revoltaram-se contra seus captores, mataram quase toda a tripulação e forçaram os sobreviventes a levá-los de volta à África. Os africanos, entretanto, acabaram sendo enganados pelos navegadores e, em vez de retornar a seus lares, foram dar na costa leste dos Estados Unidos, onde as autoridades locais os prenderam como assassinos. O caso polarizou o país, tornou-se causa célebre dos abolicionistas americanos e arrastou-se pelos tribunais até chegar à Suprema Corte, onde os africanos foram defendidos pelo ex-presidente John Quincy Adams.

Essa história, que já possuía todos os elementos para ser um drama épico, com mensagens carregadas de esperança e de emoção, tornou-se *Amistad*, primeiro filme assinado por Steven Spielberg a ser lançado pela DreamWorks, estúdio que ele fundou junto com Jeffrey Katzenberg e David Geffen. Com um elenco que inclui Anthony Hopkins, Matthew McConaughey e Morgan Freeman, além do estreante Djimon Hounsou (o ex-modelo, africano criado na França que interpreta Cinque, o líder dos escravos amotinados do Amistad), o filme tem o mérito de trazer à tona um trecho até então obscuro da história dos Estados Unidos.

"Na verdade, eu não conhecia muito a respeito do motim no Amistad", explica o diretor, numa tarde de início de inverno, em Beverly Hills, assumindo a ignorância admitida por boa parte do povo americano. "Até que Debbie Allen, a produtora do filme, me contou o que havia acontecido em 1839 e qual o significado daquilo tudo. Acho que podemos afirmar que essa foi a primeira questão de direitos humanos envolvendo africanos e escravatura nos EUA."

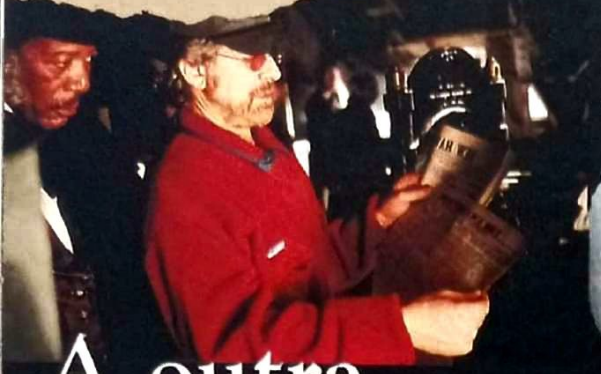
Transpor o projeto do papel para a tela, entretanto, não era tarefa das mais fáceis. Spielberg acredita que Hollywood deveria fazer mais filmes históricos, mas sabe também que a indústria americana de cinema não considera rentável esse tipo de filme. "Para que eles existam é preciso que haja um diretor ou um roteirista com poder de tocar sozinho seus projetos", diz o cineasta, com conhecimento de causa. "A maioria dos estúdios não quer saber de história. Eles estão mais a fim de perseguições de carros, de explosões e de aventura." Spielberg lembra que quando fez *A Lista de Schindler* para a Universal, em 1993, muita gente torceu o nariz, deixando clara a indisposição em bancar um filme que, na visão obtusa dos executivos de Hollywood, nunca daria lucro. "Eles preferiam que eu tivesse feito *Tubarão 9* e faturado mais uma centena de milhões", brinca. →



Spielberg: uma lição de história

Amistad

Muitos atores queriam o papel do líder



A outra revolta

Como se já não bastasse a fragilidade artística do filme, *Amistad* sofreu severas críticas por ter criado personagens fictícios para enfeitar um acontecimento histórico. O personagem de Morgan Freeman, por exemplo, interfere na ação de forma considerável, mas jamais existiu de verdade. Outra acusação – essa bem mais grave – é a de que o filme plagia o livro *The Echo of Lions*, da escritora Barbara Chase-Riboud.

Se o tal personagem fictício pode ser considerado um pecado menor, a suspeita de plágio agita um vespeiro de grandes proporções e espalha batatas quentes no colo de praticamente todos os envolvidos. A DreamWorks garante que *Amistad* não tem nada a ver com o livro de Barbara – o roteiro de David Franzoni se basearia em outra obra, *Black Mutiny*, de William Owens. Mas o fato é que em 1988, por recomendação de Jaqueline Kennedy Onassis – na época consultora da editora de livros Doubleday –, representantes da produtora de Spielberg, a Amblin, receberam uma cópia de *The Echo of Lions*. Depois de ler o livro, chamaram a autora para reuniões em Los Angeles, onde se discutiu a possibilidade de uma versão cinematográfica.

A idéia não vingou, e Chase-Riboud se decepcionou ao ouvir a decisão da Amblin: o livro, se adaptado, não renderia mais do que um filme feito para a TV. Mas, segundo a escritora, a produtora também nunca devolveu seu livro. Essas informações constam do processo movido por Barbara contra Spielberg, cuja primeira audiência está marcada para este mês – coincidindo com a entrega do Oscar.

Inicialmente, a autora lutou para impedir o lançamento de *Amistad* nos EUA até que o caso fosse a julgamento. Seu pedido foi negado pelo juiz, e o lançamento foi realizado na data prevista – uma demonstração, entre outras coisas, do fabuloso poder do diretor. O filme foi acolhido publicamente por ninguém menos que o presidente Bill Clinton, enquanto a DreamWorks tentava fazer de *Amistad* algo bem maior que uma simples produção cinematográfica: um artigo de valor cultural supremo e de importância histórica inegável. ■

dos escravos, mas Spielberg optou pelo novato Djimon Hounsou

Não é por acaso que Spielberg, agora no papel do dono de um grande estúdio de Hollywood, foi mais cauteloso do que de costume com o dinheiro que saía do próprio bolso: ele confessa que tentou gastar o mínimo possível em *Amistad*, justamente por ser um filme arriscado. Afinal, seria impossível prever a reação do público ao tema. Mesmo assim, numa curiosa contradição de termos, esse "mínimo" bateu nos 40 milhões de dólares – talvez porque o destino de Spielberg seja contar histórias, e não dólares.

O cineasta joga a toalha e admite que sua vocação não é ser um executivo de Hollywood, e sim um bom diretor. "Quando formei essa parceria com Jeffrey Katzenberg e David Geffen", comenta, "eles próprios disseram que a melhor coisa que eu poderia fazer seria dirigir – e era exatamente tudo que eu queria fazer". Spielberg revela que, apesar de possuir poder de veto sobre os roteiros apresentados à DreamWorks, o trabalho diário, de gerenciar a companhia e desenvolver os projetos, fica nas mãos de seus parceiros. O que o deixa livre para ser apenas um diretor – segundo ele, "o único trabalho que faço muito bem".

Spielberg exigiu o máximo de si mesmo e de sua equipe para que *Amistad* fosse o mais genuíno possível. Ele transformou a dor dos atores que interpretavam os escravos em realidade, em especial nas cenas realizadas nos porões do navio. Em nome da autenticidade, centenas de figurantes se amontoavam ali, todos acorrentados, experimentando um frio congelante. Um dos atores não resistiu e caiu no choro, tamanho o sofrimento.

Mesmo com a dedicação do diretor ao tema, e apesar de toda a importância que cerca a história de *Amistad*, o filme de Spielberg não corresponde às expectativas. Descontado seu mérito, digamos, cívico, e apesar de seu começo promissor e eletrizante (quando assistimos ao desenrolar do motim dos escravos do Amistad) e de cenas de verdadeira poesia cinematográfica, como o encontro em alto-mar do navio negreiro com uma embarcação na qual brancos bem vestidos desfrutam a música de uma orquestra de câmara, *Amistad* não chega a deslanchar. Pelo contrário: encalha num melodrama banal, encharcado na trilha sonora xaroposa de John Williams e costurado com diálogos de baixo calibre, dignos de filmes ruins feitos para a televisão.

Durante o desenvolvimento de *Amistad*, Spielberg estabeleceu uma regra na hora de filmar: evitaria usar para o papel de Cinque um artista já conhecido. O objetivo era fazer com que o público enxergasse apenas o personagem, e não "todos os sete ou oito filmes que aquele ator tivesse feito antes". Para conseguir a precisão histórica desejada, ele optou por buscar negros que falassem com desembaraço os dialetos africanos. "Muitos atores conhecidos pediram para estar no projeto", Spielberg revela, recusando-se a especificar nomes. "Mas isso violaria a minha idéia, que era fazer com que todos os africanos do filme tivessem vindo diretamente da África – de Freetown ou Sierra Leone – ou que fossem descendentes de imigrantes vindos das tribos Temne, Mende, Kissee. Eu queria que os personagens africanos de *Amistad* fossem todos anônimos. Por isso, mais do que atores profissionais, era preciso encontrar pessoas que soubessem →

Fotos: UIP

Um grito de liberdade: Matthew McConaughey lidera a defesa dos escravos do navio Amistad

Spielberg deixa de lado a sufocante visão do horror provocado pelo homem com a qual se ocupara em *A Lista de Schindler* para adotar uma postura acadêmica, na qual os negros africanos são apresentados como as vítimas injustiçadas, e os brancos aparecem ou como paladinos da justiça ou como cruéis senhores de escravos. Em *Amistad* não existe equilíbrio, e sim apenas mais uma luta entre o bem e o mal. O resultado é, possivelmente, o mais fraco de todos os trabalhos "sérios" do diretor.

Amistad

"Não quero de maneira nenhuma

falar os dialetos africanos muito bem". Alguns precisaram aprender o dialeto Mende, mas o diretor diz que de 35 a quarenta dos africanos vistos no filme são capazes de falar as línguas originais de seus personagens. E Djimon Hounsou é um deles.

Nascido na República de Benin, uma ex-colônia francesa na África, Djimon Hounsou vinha trabalhando como modelo na França e nos Estados Unidos quando recebeu um chamado para fazer um teste para *Amistad*. Logo de cara, ele se impressionou com o conhecimento de Steven Spielberg sobre a questão da escravatura. "A cultura e a educação de Steven não têm nada a ver com isso", diz Hounsou, em seu inglês de acentuado sotaque estrangeiro, "mas ele demonstrou uma total compreensão da história. E isso me emocionou". Mais tarde, ele chegou a duvidar de sua boa sorte profissional: estrear como ator de cara num filme do mais influente dos diretores americanos. "Eu pensei que tinha morrido, e que tudo aquilo não passava de um sonho ou algo parecido", Hounsou recorda. "Não acreditei que iria fazer o filme, nem mesmo depois de ter assinado o contrato. Sei lá, Spielberg é um homem muito poderoso em Hollywood. Achei que ele poderia retirar quem ele quisesse da produção, na hora que bem entendesse."

Mais do que tudo, porém, Djimon diz ter se surpreendido com o tratamento que recebeu da comunidade negra norte-americana, especialmente com as manifestações explícitas do que só pode ser qualificado de racismo. "Na França, eu tinha a maior dificuldade em conseguir emprego", ele recorda. "Quando falava com as pessoas pelo telefone, era tratado com o maior entusiasmo. Mas, quando as pessoas me viam em carne e osso e percebiam a cor da minha pele, a coisa toda mudava de figura". Nos Estados Unidos, entretanto, o promissor ator teve problemas não com os brancos, e sim com os negros. E descobriu que os problemas mostrados em *Amistad* não estão esquecidos, mas apenas disfarçados em outros preconceitos. "Foi difícil, no início, meu relacionamento com a comunidade negra americana", ele diz. "Eles não me consideravam um deles. E me criticavam quando eu saía com uma branca."

Durante os anos em que morou na França, Djimon confessa que nem raciocinava em termos de estar saindo com uma garota negra ou branca. Nos Estados Unidos, porém, chegou a ser assediado numa estrada e insultado por estar com uma branca no carro. "Isso me chocou. E me magoou bastante."

O resultado é que Djimon se viu obrigado a revisar a idolatria que dedicava aos negros americanos (ou afro-americanos, como manda a fórmula politicamente correta) nos tempos em que ainda morava na África. Quando chegou à América, vindo da França, o jovem ator experimentou um choque considerável, pois nunca imaginara que, num país que prega a liberdade de maneira tão apaixonada, houvesse conflitos desse calibre: "Eu não podia acreditar que, justamente nos Estados Unidos, existisse tanta segregação, e de um modo tão explícito".

Spielberg, por sua vez, prefere que o filme seja visto não como sendo destinado exclusivamente à comunidade negra. "Eu espero que *Amistad* seja acolhido pelos negros, e espero que eles se orgulhem do filme", ele diz. "Mas, da mesma forma, espero que os brancos apreciem a nossa história e seu papel no episódio, tanto como causa quanto solução do problema." Morgan Freeman concorda com o diretor. Para ele, é importante ressaltar a universalidade do tema da produção – uma história que, segundo o aclamado ator, é de enorme relevância para os americanos. "É uma parte do nosso passado que foi, em grande parte, enterrada ao longo do tempo", diz Freeman. "Portanto, conhecer esse período e esses acontecimentos é enriquecedor e iluminador." Mas ele sublinha as palavras de Steven Spielberg e reforça que *Amistad* não é um filme sobre a história negra, e sim sobre um dos mais importantes momentos da história americana.

Curiosamente, Spielberg contraria os prognósticos de quem antevê uma guinada radicalmente séria em sua carreira coroada de êxitos pop. "Não quero de maneira nenhuma ser um cineasta metido a cientista político", dispara Steven. Num ataque de humildade, ele deixa escapar que seu único desejo é poder contar histórias que sejam importantes para ele, além de continuar a fazer filmes que são puro escapismo, como *Jurassic Park* e *O Mundo Perdido*.

"Saiba que é ótimo ir trabalhar sem

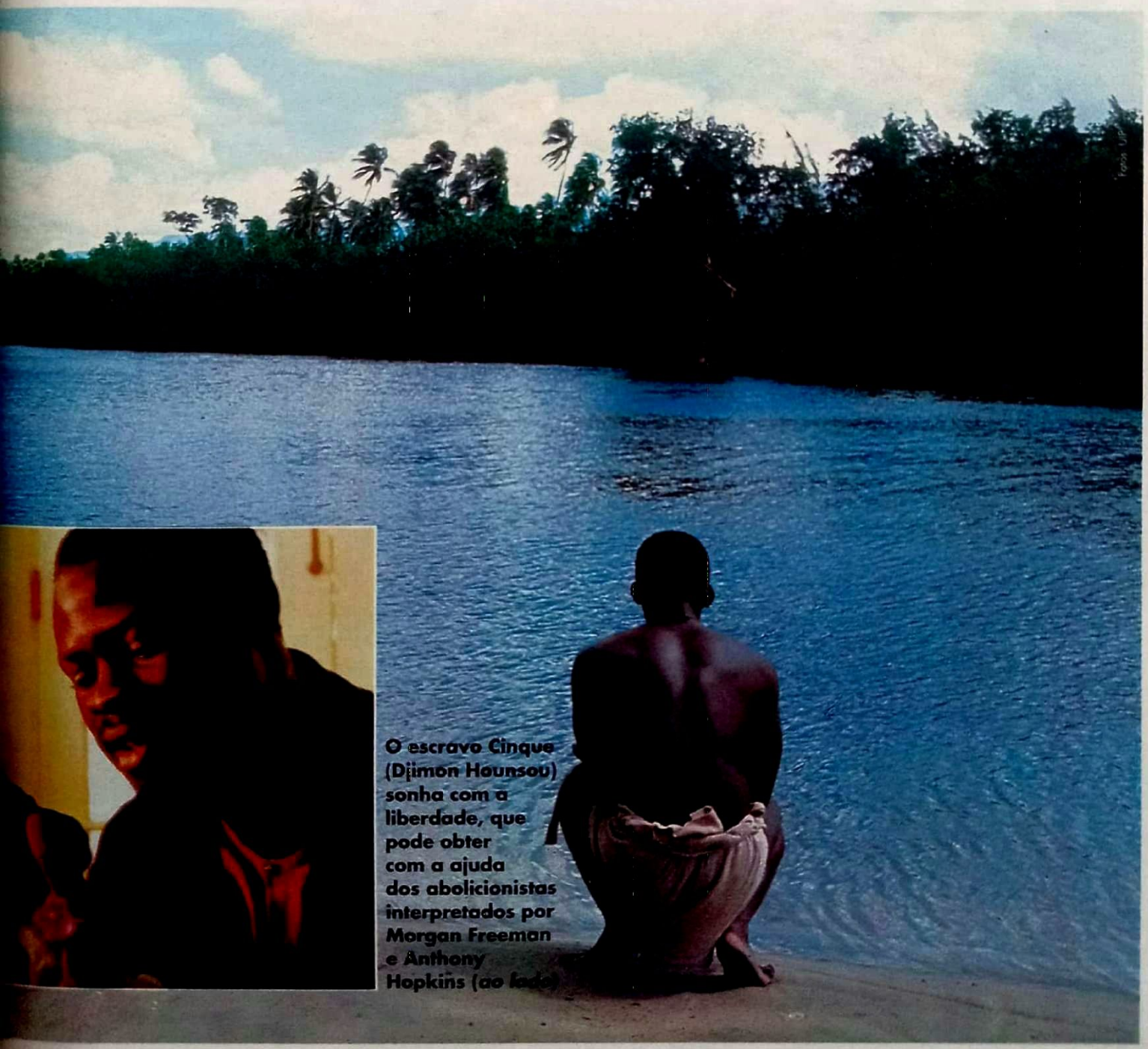
...er um cineasta metido a cientista político", diz o diretor

precisar me preocupar com as repercussões sociais ou políticas do trabalho que estou fazendo, ir trabalhar só para me divertir", ele prossegue. "Não me diverti nem um pouco fazendo *A Lista de Schindler*, e não me diverti fazendo *Amistad*". Da mesma forma que ele teria distribuído entre obras de caridade todo o dinheiro que ganhou com *A Lista de Schindler*, Spielberg diz que pretende doar "a causas afro-americanas" tudo o que venha a ganhar com seu novo filme. "Não preciso de dinheiro e não preciso faturar em cima de *Amistad*. Por que não deixar que os outros se beneficiem com isso?"

Talvez tenha sido essa frieza involuntária que afastou o coração de Spielberg de seu novo trabalho. Ao contrário de *A Lista de Schindler*, que possuía um significado mais pessoal para o cineasta – uma espécie de reconciliação com o seu passado –, *Amistad* acabou se tornando mais uma história banal, de apurado impacto visual e emocional, mas que perde pontos por ser moralista e didática demais. No final das contas, essa nova produção apenas engrossa a interminável lista de filmes de tribunal – ainda que seja assinada por um dos mais importantes diretores do cinema americano.

José Emilio Rondeau

(EUA, 1997) ***Direção****: Steven Spielberg.* ***Com*** *Anthony Hopkins, Matthey McConaughey, Morgan Freeman, Djimon Hounsou, Nigel Hawthorne, David Paymer, Pete Postlethwaite, Stellan Skarsgård, Anna Paquin. 152 min.*



O escravo Cinque (Djimon Hounsou) sonha com a liberdade, que pode obter com a ajuda dos abolicionistas interpretados por Morgan Freeman e Anthony Hopkins (ao lado)

oscar 98

Indicações:

Ator: Dustin Hoffman

Roteiro Adaptado:
Hilary Henkin
e David Mamet

wa

A verdade está aqui dentro: Anne Heche, Robert De Niro e Dustin Hoffman inventam uma guerra para salvar a imagem do presidente na comédia *Wag the Dog*

Presidente se envolve em escândalo sexual e manipula a mídia: não estamos falando de Bill Clinton, e sim da nova comédia do diretor Barry Levinson

Wag the dog

Quando alguém mencionar de novo, pela milionésima vez, a conhecida máxima "a vida imita a arte", preste mais atenção ao sujeito. Afinal, hoje isso pode representar a pura verdade. O exemplo mais evidente está na semelhança entre o escândalo sexual envolvendo o presidente americano Bill Clinton com a trama da venenosa comédia *Wag the Dog*, dirigida por Barry Levinson.

No filme, o presidente – um sujeito adorado pelo povo americano – é flagrado nos braços de uma garotinha dentro do imaculado Salão Oval da Casa Branca, e justamente nas vésperas das eleições. Com a popularidade do governante prestes a despencar, a esperta assessora Winifred Ames (Anne Heche) convoca o consultor Conrad Bean (Robert De Niro). Sua especialidade: manipular os meios de comunicação para transformar azedos limões políticos em saborosas limonadas. De olho no tamanho da crise, Conrad decide que a solução é inventar uma pequena distração. No caso, uma guerra contra a Albânia, com a qual ele espera mobilizar a opinião pública em favor de uma causa nacionalista.

Para tornar o conflito mais "plausível", Conrad apela para um dos maiores produtores de cinema de Hollywood, o vaidoso Stanley Moss (Dustin Hoffman). Sua missão é "produzir" uma guerra para a Casa Branca, criando em estúdio flashes jornalísticos de mentirinha que mostrem as atrocidades albanianas, elaborando uma música-tema e até inventando um herói americano aprisionado em território inimigo. E a população, crente em qualquer notícia empurrada via CNN, engole a armação.

Como o mestre dos manipuladores, Robert De Niro está perfeito, passando uma sensação de conforto que há muito tempo não transmitia. Mas seu trabalho é ofuscado pelo exemplar desempenho de Dustin Hoffman, que dá aqui sua versão de um velho conhecido seu, o produtor Robert Evans – a quem imita com perfeição desde que trabalharam juntos em *Maratona da Morte*.

Boa parte do crédito da inteligência e do humor negro de *Wag the Dog* se deve ao roteiro esperto de Hilary Henkin e David Mamet. Mas o trabalho de Barry Levinson mostra o diretor em plena forma e à vontade com o material que possui nas mãos. Ao contrário do que fizera no cansativo *Sleepers – A Vingança Adormecida*, Levinson dirige seus atores de maneira natural, sem forçar a mão em momento nenhum.

Além disso, *Wag the Dog* ganha pontos pelo modo como saiu do papel para chegar às telas. Enquanto filmava a ficção científica *Esfera*, Barry Levinson foi obrigado a abandonar a produção por alguns meses por ordens da Warner – os executivos do estúdio acharam que o orçamento do filme estava estourando os limites e pediram uma revisão no roteiro para cortar cenas que exigiriam muitos (e caros) efeitos especiais. Em vez de cruzar os braços, Barry convocou seus amigos Robert De Niro e Dustin Hoffman e terminou sua sátira política em apenas vinte e nove dias.

Outra curiosidade: *Wag the Dog* é baseado no livro *American Hero*, de Larry Beinhart, que nasceu de uma piada – Larry imaginou se a Guerra do Golfo não passaria de um filme de TV feito apenas para reeleger o então presidente George Bush. Se hoje a piada possui tons proféticos, vale lembrar que a trama de *Wag the Dog* é bem mais suave que o escândalo que envolve Clinton e a estagiária Monica Lewinsky. E, se no cinema o presidente ainda pode escapar com sua reputação intacta depois de tanta manipulação, a vida real não é exatamente um filme de Hollywood.

José Emilio Rondeau

(EUA, 1997) **Direção**: Barry Levinson. **Com** Dustin Hoffman, Robert De Niro, Anne Heche, Denis Leary, Willie Nelson, Andrea Martin, Kirsten Dunst, William H. Macy, Woody Harrelson. 105 min.

oscar 98

Um novo diretor narra a ascensão e queda de

Indicações:

Ator Coadjuvante:
Burt Reynolds

Atriz Coadjuvante:
Julianne Moore

Roteiro Original:
Paul Thomas Anderson

Mark Wahlberg, o ex-cantor de rap Marky Mark, como o astro pornô que protagoniza o filme do diretor Paul Thomas Anderson: drogas, sucesso e a ilusão de que a vida é uma festa sem hora para terminar

um astro pornô e prova que nasceu para fazer cinema

boogie nights

"Todo mundo é abençoado com algo de especial", acredita o jovem lavador de pratos Eddie Adams. No caso de Eddie, esse algo é um pênis de inacreditáveis 33 centímetros, que fará dele um astro do cinema pornô. No caso do diretor Paul Thomas Anderson, é algo menos palpável, mas tão raro quanto os dotes de Eddie: um talento feroz. Salvo acidente, Paul está destinado a ser um grande nome do cinema, como ele mesmo profetizou num caderno do segundo ano primário, aos seis anos de idade: "Meu nome é Paul Anderson. Quero ser roteirista/diretor/produtor/especialista em efeitos especiais. Sei fazer tudo. Sei tudo".

E sabe mesmo. Desde a primeira cena de *Boogie Nights*, em que a câmera se insinua por uma discoteca do Vale de San Fernando, na Grande Los Angeles, e casualmente encontra cada um dos personagens do filme, dá para sentir que Paul Thomas Anderson nasceu para fazer cinema. Não só filmes: cinema. O curioso é o assunto que Paul, hoje com apenas 27 anos, elegeu como tema de sua segunda investida: a fervilhante indústria californiana do cinema pornográfico do final dos anos 70 e início dos 80, que se descortina para a platéia através da trajetória de Eddie – aquele garoto que achava que todo mundo tem algo de especial.

Quando a câmera entra pela discoteca Boogie Nights, ela nos apresenta à desajustada "família" que vai protagonizar as próximas duas horas e meia de projeção. À frente dela está Jack Horner (Burt Reynolds), um veterano diretor que sonha em fazer de seus filmes pornográficos uma espécie de arte, em que a platéia se sentisse compelida a acompanhar a trama mesmo depois de satisfeita com as cenas de sexo. Em sua companhia está sua estrela e parceira, Amber Waves (Julianne Moore), que acaba de perder a custódia do filho por causa de seu estilo de vida não muito convencional. Há ainda a Rollergirl (Heather Graham), uma garota de colégio que se dispõe a qualquer coisa, desde que não tenha de tirar seus patins; Reed Rothchild (John C. Reilly), um ator pornô bonachão, mas não muito inteligente; Buck Swope (Don Cheadle), que também é ator, mas daria tudo para ter sua própria loja de equipamentos de som; e o assistente de produção Little Bill (William H. Macy), que vive em permanente estado de tensão graças às traições de sua mulher.

Por último, há Eddie Adams (Mark Wahlberg), um adolescente meio perdidaço, fã de Bruce Lee e Farrah Fawcett, que complementa seu salário na cozinha da discoteca exibindo seu membro descomunal (por 5 dólares) ou demonstrando o que ele é capaz de fazer (10 dólares). Assim que o diretor Jack Horner põe os olhos em Eddie, toma uma resolução: ele vai ser o próximo grande ícone do cinema pornô.

Acolhido pela "família" de Horner (que logo assume como figura paterna, em troca da hostilidade de sua mãe e da indiferença de seu →

pai), o ingênuo Eddie finalmente descobre seu lugar na vida. Rebatizado de Dirk Diggler, ele inicia uma escalada que parece não ter fim e mergulha de cabeça naquela ilusão que tomou conta da segunda metade da década de 70: a ilusão de que não há limites para o prazer, o desejo, a gratificação. Ou, simplesmente, de que não há limites.

Aos seis anos, Paul anotou num caderno: "Quero ser diretor/produtor/roteirista. Eu sei tudo"

Ao centro, Burt Reynolds e Mark Wahlberg: como pai e filho

Essa primeira metade de *Boogie Nights*, tão solar, engraçada e deliciosa quanto a ilusão que representa, abruptamente dá lugar a um segundo ato. Os anos 70 se transformam nos 80, mais cínicos e sombrios – e, para a velha guarda da indústria do pornô, trágicos. É a década do videocassete, que tirou desses cineastas à margem do cinema a pretensão de "fazer arte": o que interessa são as cenas de sexo, e qualquer recheio entre elas é facilmente descartado com o botão de *fast forward*. Enquanto Eddie/Dirk e seus companheiros curtem a ressaca daquela festa interminável dos anos anteriores e vão afundando nas drogas, na autocomiseração ou na tentativa de se adaptar aos novos tempos, *Boogie Nights* vai ficando mais febril, acelerado e, por vezes, desesperador. Depois de atravessar esses dois atos e chegar ao epílogo falsamente feliz, a platéia pode ter uma certeza: ela acabou de assistir a um épico absolutamente original e pessoal. E, também, muito elucidativo sobre a repentina guinada que tomou conta do humor do mundo ocidental.

Heather Graham: só de patins

Mas é bom não ir esperando sexo. Se há erotismo em *Boogie Nights*, é o do diretor pelas imagens, pela música e pelos seus atores (todos excelentes, a começar pelo quase decadente Burt Reynolds e por Mark Wahlberg, ex-Marky Mark, que já foi um desacreditado cantor de rap e modelo da Calvin Klein). Embora não se esquive do assunto, Paul Thomas Anderson tem uma invejável habilidade para sugerir sem mostrar. As produções pornográficas de Jack Horner, por exemplo, são vistas pela *sua* câmera, e não pela de Paul. E mesmo o pênis de Eddie/Dirk (que é uma prótese), sobre o qual tanto se fala, faz uma única aparição, bem ao final. Prova dessa discrição é que, após muita negociação, o filme acabou ganhando da censura americana a classificação NC-17, segundo a qual menores de dezessete anos podem ir ao cinema, desde que acompanhados dos pais.

O Vale de San Fernando, do outro lado do letreiro de Hollywood, foi um grande centro do filme pornô nos idos de 70. E foi lá que cresceu Paul Thomas Anderson, sempre intrigado com o que se passava atrás das portas daqueles grandes galpões. O resultado dessa atividade Paul conferia em casa, avidamente, durante a adolescência. Aos dezessete anos, ele rodou o que seria a inspiração para *Boogie Nights*: um curta-metragem intitulado *The Dirk Diggler Story*. O futuro cineasta partiu de uma idéia interessante – a de que as platéias se divertem e se intrigam com os títulos bizarros dos filmes pornôs, mas logo deixam de achá-los engraçados para perceber o que há de patético ou grotesco nessas invenções. Nove anos mais tarde, sua história acabou ganhando doses expressivas de drama e tristeza – resultado natural, diz Paul, de ficar mais velho e "cansado disso tudo".

Feito o primeiro esboço do roteiro, Paul decidiu ir a campo para verificar se suas idéias tinham a ver com a realidade. Após visitar mais de vinte sets de filmagem, entendeu que acertara na mosca: "Era só mais engraçado e mais triste do que eu imaginava. Ver seis horas de transas ininterruptas é realmente deprimente. Tira toda a vontade de ir para casa e beijar sua namorada".

Quem teve a sorte de assistir ao primeiro filme de Paul, *Jogada de Risco* (disponível em vídeo no Brasil), vai encontrar muitas coisas em comum entre os dois trabalhos do diretor, por mais diferentes que eles pareçam à primeira vista. *Jogada de Risco* é um filme contido, discreto, quase frio – como seu protagonista. E *Boogie Nights* é esfuziante, colorido, quase descontrolado – exatamente como seu personagem principal. Ambos falam também de vícios, de figuras paternas benignas, mas que corrompem, e de submundos habitados por pessoas que não têm escolha a não ser se unir. E ambos são janelas surpreendentes para a imaginação e o virtuosismo de um diretor que parece já ter nascido pronto. "Bom, acho que agora vão me deixar fazer pelo menos mais um filme. Unzinho só que seja", disse Paul à *Newsweek*. Que modéstia.

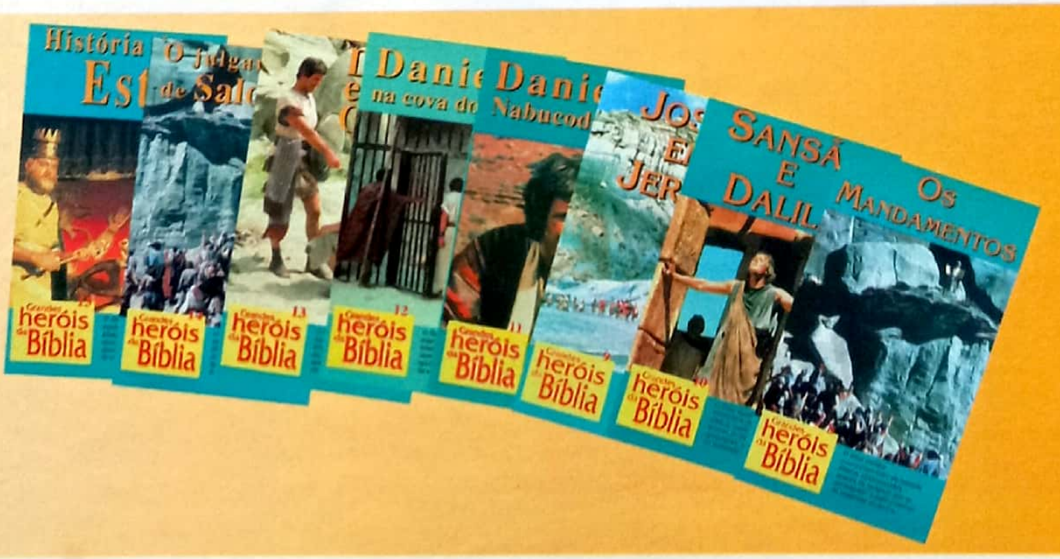
Isabela Boscov

(Boogie Nights, EUA, 1997) **Direção**: *Paul Thomas Anderson.* **Com** *Mark Wahlberg, Burt Reynolds, Julianne Moore, Heather Graham, William H. Macy, John C. Reilly, Don Cheadle, Philip Seymour Hoffman, Alfred Molina, Robert Ridgely, Nina Hartley, Joanna Gleason. 155 min.*

PRESENTE DE PÁSCOA DIET !

APENAS R$ 18,90 (cada)

- O Sacrifício de Abraão
- A Torre de Babel
- O Dilúvio
- Sodoma e Gomorra
- O Desafio de Jacó
- José no Egito
- Moisés



- História de Ester
- O Julgamento de Salomão
- Davi e Golias
- Daniel na Cova dos Leões
- Daniel e Nabucodonosor
- Sansão e Dalila
- Josué em Jericó
- Os Mandamentos

Entrega via Sedex (despesas por conta do destinatário). Ofertas válidas enquanto durarem os estoques

História Bíblica - 8 volumes

- O Messias de Rossellini
- Parábolas de Jesus
- Os Profetas

Faça já o seu pedido!

(011) 290 0811

E-mail: jointvideo@jointvideo.com.br

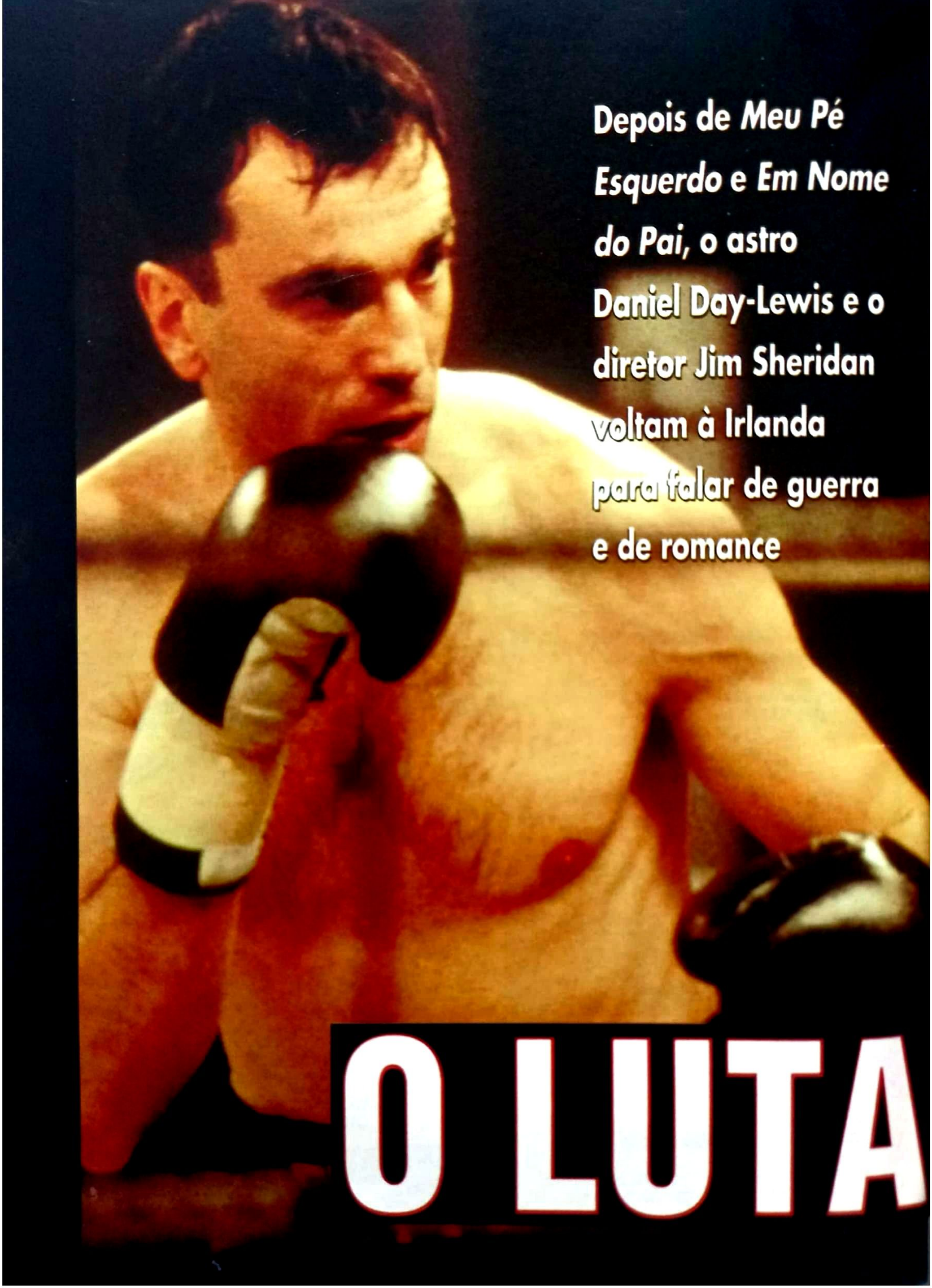
Site: http://www.jointvideo.com.br

JOINTVIDEO

CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.

Av.Gal. Ataliba Leonel,411 - Santana - 02033-000

São Paulo/SP - Fone: (011)290 0811 - Fax:(011)267 6120



Depois de *Meu Pé Esquerdo* e *Em Nome do Pai*, o astro Daniel Day-Lewis e o diretor Jim Sheridan voltam à Irlanda para falar de guerra e de romance

O LUTA

DOR

Na primeira vez em que vemos Danny Flynn, ele está saindo de uma temporada de quatorze anos na cadeia, para onde foi após ter sido condenado por atos de terrorismo praticados em nome do Exército Republicano Irlandês, o IRA. Ao ganhar as ruas, porém, ele é um homem só: durante o período em que passou confinado, Danny cortou seus laços com o movimento – perdendo todas as chances de obter o apoio de seus ex-companheiros.

Não que ele faça muita questão desse tipo de ajuda. Uma vez livre, tudo o que Danny quer é procurar por Maggie, sua ex-namorada. Ela está casada agora com o melhor amigo de Danny, também preso por terrorismo, com quem tem um filho – e os mandamentos do IRA proíbem qualquer tipo de contato de um homem com a mulher de um militante que esteja atrás das grades. Como Danny quer retomar sua carreira de boxeador transformando um clube comunitário em ruínas num centro esportivo em que católicos e protestantes possam conviver em paz, o que poderia ser uma mera barreira romântica torna-se uma guerra política das mais graves. Mesmo assim, Danny consegue, durante seu processo de recuperação, levantar novamente a carreira de seu treinador, que nos últimos anos se vira reduzido à condição de um mendigo alcoólatra, e atrair a fúria tanto do líder terrorista do IRA, Joe Hamill, quanto do filho adolescente de Maggie, Liam, que acha que sua presença abalará a frágil harmonia de sua família.

Inspirado na vida do boxeador irlandês Barry McGuigan, *O Lutador* reúne a mesma dupla de dois outros filmes importantes – o diretor Jim Sheridan e o ator Daniel Day-Lewis, que já trabalharam em *Meu Pé Esquerdo* e *Em Nome do Pai*. Um acréscimo importante à mistura, no entanto, é Emily Watson, sensação no circuito de festivais depois de sua atuação em *Ondas do Destino*, do diretor Lars von Trier. Sua presença é tão notável em *O Lutador* que chega a ofuscar a interpretação de Day-Lewis.

A atuação de Emily, aliás, é o que o filme tem de melhor. A química que ela desenvolve com seu parceiro de cena quase compensa as fragilidades deste que é o mais irregular dos três filmes de Sheridan com Day-Lewis. Por mais que se elogie o romantismo da trama, elemento inédito nos filmes anteriores, o resultado carece de ritmo e é maniqueísta. Pior ainda, porém, é a ausência de um foco narrativo definido e a total falta de ineditismo do assunto.

"Estávamos montando este filme até as duas horas da manhã de ontem. Parei, peguei o avião e agora estou aqui", diz Jim Sheridan, em uma noite fria, começo de inverno em Nova York, já divulgando sua obra. "Foram jornadas de trabalho de dezoito horas diárias."

O diretor não esconde o cansaço, mas enfatiza a necessidade de finalizar *O Lutador* o mais cedo possível. "Fazíamos questão de lançar o filme antes do final de 1997", diz ele. "É porque a situação na Irlanda de hoje é tão difícil... Tudo muda de uma hora para a outra, e nunca se sabe o que irá acontecer. E este filme é a cara deste momento." O cineasta tem esperanças de influir positivamente no quadro irlandês atual. "Essa obra terá impacto e convencerá as pessoas da estupidez de tudo o que está acontecendo", acredita.

Sheridan guarda boas recordações de Emily Watson, que considera uma das pessoas mais fortes que já conheceu. "Ela é como uma árvore que se curva, mas nunca se quebra." A entrada de Emily no círculo íntimo formado por Day-Lewis, Sheridan e o roteirista Terry George (que também co-escreveu *Em Nome do Pai*) não foi fácil. Ela se surpreendeu com o *modus operandi* do diretor: ele vai reinventando o filme enquanto ele está sendo rodado. "Você chega ao set achando que vai fazer uma coisa", diz a atriz, "e acaba fazendo o contrário. O resultado é que você também acaba inventando. É um ambiente de trabalho dos mais criativos".

"Trabalhar com Sheridan provoca um clima de livre associação", é como Day-Lewis explicaria a parceria, dias mais tarde, em uma entrevista via satélite de Londres, onde ele estava tentando se recuperar de uma complicada hérnia de disco adquirida durante as filmagens. Sheridan declara que não sabia como fazê-lo parar de treinar tanto boxe – Day-Lewis se impôs um ritmo de exercícios como se fosse um lutador profissional em preparação para um campeonato. O ator, porém, é famoso por sempre trabalhar intensamente.

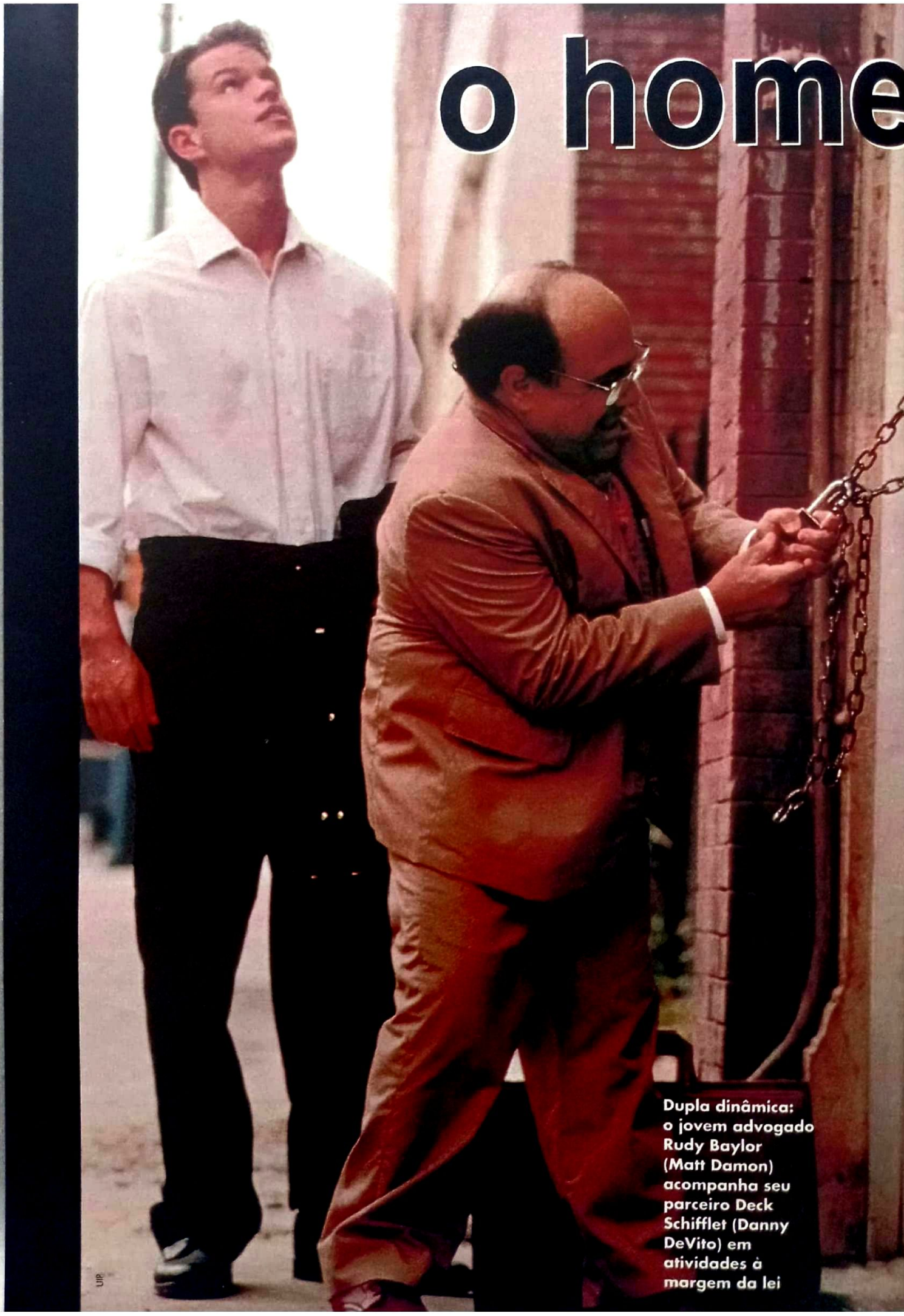
Foram quase três anos seguidos de treinamento intensivo, sob a tutela do lutador Barry McGuigan, campeão na categoria peso pena que inspirou o argumento escrito pelo próprio diretor. "Comecei a treinar antes mesmo de saber se iríamos fazer o filme, quando havia apenas a semente de uma idéia", constata Day-Lewis. "Adorei praticar boxe. E ainda tenho muito a aprender."

O ator discorda de Sheridan, porém, no que se refere à esperança de modificar o quadro político irlandês com *O Lutador*. "Não acho que o filme vá fazer diferença na Irlanda do Norte", ele sentencia. "É um trabalho pequeno demais." Ele esclarece que seu desejo pessoal era mostrar a luta de Danny para levar uma vida normal. Segundo o ator, qualquer curioso que visite Belfast pode conhecer pessoas que insistem em reconstruir seus lares. É fato consumado que todos são afetados pela violência. Mas a grande meta da Irlanda, no momento, é justamente conquistar o direito de as pessoas levarem suas vidas da melhor forma possível. Day-Lewis ressalta: "Basta ver todas as tentativas feitas através dos anos para resolver esse problema complexo e volátil. Se essas pessoas ainda não conseguiram fazer uma diferença, que chances teremos nós?".

José Emilio Rondeau
Christian Petermann

(The Boxer, Inglaterra/Irlanda/EUA, 1997) **Direção:** *Jim Sheridan.* **Com** *Daniel Day-Lewis, Emily Watson, Brian Cox, Ken Stott, Ciaran Fitzgerald, David McBlain. 113 min.*

o home



Dupla dinâmica: o jovem advogado Rudy Baylor (Matt Damon) acompanha seu parceiro Deck Schifflet (Danny DeVito) em atividades à margem da lei

UIP

m que fazia CHOVER

Advogados idealistas contra grandes corporações: o limitado universo do escritor John Grisham ganha novo fôlego nesta adaptação dirigida pelo genial Francis Ford Coppola

Francis Ford Coppola não é bem o tipo de cara que trabalhe por contrato. Em outras palavras, não importa o projeto de que ele participe, ele não é apenas mais um diretor conduzindo um filme, e sim um gênio que deixa sua marca impressa em cada polegada de celulóide.

Por esse motivo a convocação de Coppola para adaptar o romance *O Homem que Fazia Chover*, de John Grisham, surpreendeu tanta gente em Hollywood. Afinal, as histórias assumidamente comerciais de Grisham, que invariavelmente retratam a luta de um jovem e idealista advogado contra algum inimigo poderoso, tornaram-se sucessos de bilheteria por causa do seu nome no cartaz. Logicamente, os estúdios sempre evitaram convocar um diretor de peso para adaptar seus romances para que a marca do escritor não ficasse em segundo plano.

Mesmo assim, por mais bizarro que possa parecer o casamento entre o estilo operístico de Coppola e o pop açucarado de Grisham, o resultado da união é satisfatório. *O Homem que Fazia Chover* é um filme bastante tradicional, quase acadêmico, mas roteirizado e dirigido com segurança e alegria absolutas por um dos maiores mestres do cinema americano.

Cercando-se de um elenco extremamente competente – e aí estão incluídos Jon Voight e Mickey Rourke –, Coppola concentrou-se na dignidade e no coração da história de Rudy Baylor (Matt Damon), um jovem recém-formado em direito para quem a profissão serve para ajudar os outros, e não o contrário. Rudy começa a trabalhar em Memphis, uma cidade já repleta de advogados, mas tem a seu favor os dois bons casos que traz na sua pasta: ele está cuidando do testamento de uma senhora idosa, Miss Birdie (Teresa Wright), tentando evitar que ela deixe todo seu dinheiro para um teleevangelista safado. E também trata do processo movido contra uma seguradora que negou tratamento médico a um jovem cuja apólice, rigorosamente quitada, dava-lhe todo o direito de tê-lo. Por isso, o rapaz está morrendo.

Os dois casos promissores levam o talentoso Rudy a um tubarão local, Bruiser Stone (Mickey Rourke, irreconhecível), advogado de péssima reputação, mas que dá a primeira chance de trabalho ao garoto, colocando-o ao lado de um de seus associados, Deck Shifflet (Danny DeVito). O plano de Bruiser é embolsar a maior parte do dinheiro que o jovem venha a ganhar no desfecho dos processos. A polícia federal, porém, está nos calcanhares do safado, fazendo com que ele saia rapidamente de cena e deixe Rudy e Deck livres para realmente defender seus clientes e buscar justiça para eles.

O problema é que Rudy não tem a mínima experiência profissional. Deck, por outro lado, fracassou várias vezes no seu exame de ordem e não tem licença para advogar. Mas ambos precisam enfrentar no tribunal o time de advogados da companhia seguradora, comandado pelo imbatível – e ardiloso – Leo Drummond (Jon Voight). Esse confronto bem ao estilo "Davi e Golias" acaba se tornando o núcleo da história, com pequenos desvios para mostrar o relacionamento de Rudy com Kelly Riker (Claire Danes), uma jovem vítima de violência doméstica por quem o advogado acaba se apaixonando.

"Comparo *O Homem que Fazia Chover* a *O Poderoso Chefão*", diz Francis Ford Coppola, em seu vinhedo no Vale do Napa, próximo a San Francisco. "Ambos são adaptações de livros pelos quais sou apaixonado." O cineasta ficou muito grato pela oportunidade de trabalhar com o material de Grisham, não apenas por sua importância no mundo editorial e do cinema, mas também →

o homem que fazia CHOVER

"Comparo este filme a *O Poderoso Chefão*", declara Coppola

Licença para advogar: Danny DeVito confronta Roy Scheider no tribunal

UIP

porque os estúdios se dispõem a investir bons orçamentos em filmes baseados nos livros dele. "Fui pago para fazer este filme", comenta Coppola, "quando geralmente o esforço de levantar fundos para um projeto caberia a mim, e poderia levar anos".

Essa preocupação monetária do cineasta é plenamente justificada. "Quase perdi este vinhedo quando o usei como garantia para conseguir fazer *Apocalypse Now*", ele conta, olhando ao seu redor. "Agora, não estou numa posição que me permita fazer algo assim, porque o vinhedo passou a pertencer à minha família, não apenas a mim. E os produtores foram gentis o bastante para deixar que *O Homem que Fazia Chover* fosse somente meu."

Na tela, porém, o filme pertence a Matt Damon. Depois de ter sido premiado por sua estréia como roteirista (ele levou para casa um Globo de Ouro pelo aclamado *Gênio Indomável*, escrito em parceria com seu melhor amigo, Ben Affleck), e de ter sido escolhido por Steven Spielberg para contracenar com Tom Hanks no filme de guerra *Saving Private Ryan*, Damon atravessa o melhor momento de sua carreira. Mesmo assim, quando Coppola o chamou para estrelar *O Homem que Fazia Chover*, pouco ou nada se sabia sobre o jovem ator – algo que não parecia incomodar o cineasta.

"O que eu queria, sobretudo, era que o filme tivesse um grande coração", lembra o diretor, "e isso precisava vir do personagem principal, um garoto idealista que quer ser advogado porque ser advogado é ajudar as pessoas. Matt tem esse grande coração".

Danny DeVito se recorda das semanas em que o elenco ensaiou o filme no vinhedo do cineasta. "Francis fez conosco jogos de teatro, com improvisos e explorações do personagem de cada um. Minha formação é de teatro, portanto adorei, e essa é a maneira como eu gosto de trabalhar."

Sua única decepção foi começar a filmar na mesma época em que Coppola estava embarcando numa dieta. "Achei que eu fosse comer muito mais massa durante as filmagens", ele brinca. "Mesmo assim, cozinhamos juntos e trocamos receitas, fumamos charutos e bebemos bons vinhos."

José Emilio Rondeau

(The Rainmaker, EUA, 1997) **Direção**: *Francis Ford Coppola.* **Com** *Matt Damon, Danny DeVito, Jon Voight, Claire Danes, Mary Kay Place, Mickey Rourke, Teresa Wright, Virginia Madsen, Roy Scheider, Danny Glover. 135 min.*

ABRIL COLEÇÕES GRÉCIA DE PRESENTE EDITORA AZUL

A Abril Coleções e a Editora Azul

apresentam os ganhadores da promoção "GRÉCIA DE PRESENTE"

Veja como é bom participar das promoções da Abril Coleções e da Editora Azul. Você adquire produtos de qualidade e ainda leva brindes incríveis!
Na promoção "Grécia de Presente" (setembro/outubro), 4 assinantes ganharam um inesquecível cruzeiro para as Ilhas Gregas, com direito a acompanhante!
Parabéns Catia, João, Geraldo e Rosalina.

Catia Mara Jaeger Gualhianoni
Novo Hamburgo - RS

Geraldo de Aguiar Coelho
Jaguariúna - PR

João Nunes Ferreira
São Paulo - SP

Rosalina Jacinta da Silva
Caraguatatuba - SP

Desejamos uma BOA VIAGEM *e muitas descobertas com a coleção de vídeos* CIVILIZAÇÕES PERDIDAS!

CIVILIZAÇÕES PERDIDAS

FIQUE LIGADO EM NOVAS PROMOÇÕES

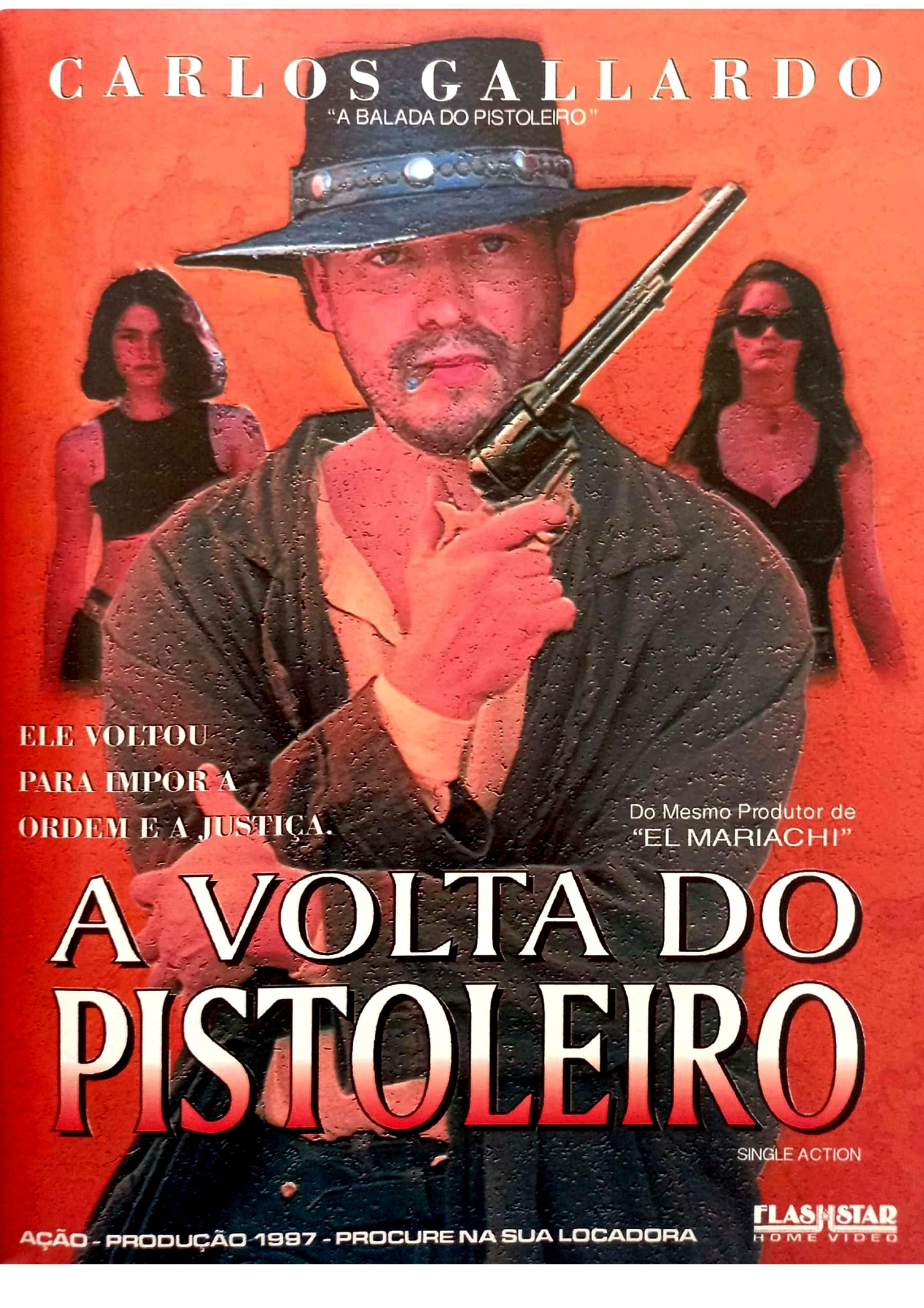
Com a Abril Coleções e a Editora Azul você ganha sempre. O próximo pode ser você.

promoção: Abril Coleções TIME LIFE EDITORA AZUL Apoio: (011) 885.5522

Av. Presidente Vargas, 3131 - gr. 1602 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.:(021) 515-3535 Fax: (021) 515-3550
http://www.abrilcolec.com.br

CARLOS GALLARDO

"A BALADA DO PISTOLEIRO"



ELE VOLTOU
PARA IMPOR A
ORDEM E A JUSTIÇA.

Do Mesmo Produtor de
"EL MARIACHI"

A VOLTA DO PISTOLEIRO

SINGLE ACTION

AÇÃO - PRODUÇÃO 1997 - PROCURE NA SUA LOCADORA

FLASHSTAR HOME VIDEO

Nada de seguranças chatos ou locações inacessíveis: SE

um giro em

Se Paris é uma festa, Nova York é um cenário. Passear por suas ruas nos leva a nossos filmes prediletos. Como subir os 102 andares do Empire State Building e não lembrar daquele gorilão, o King Kong? Ou sentar-se a uma mesa da Katz's Delicatessen e não pedir o mesmo prato que, supostamente, levou Meg Ryan a um orgasmo em *Harry e Sally – Feitos Um para o Outro*? Absolutamente impossível.

E, a julgar pelo movimento dos últimos anos, a cidade tende a ser o maior estúdio a céu aberto do mundo. Hollywood e o cinema independente fizeram saltar de 157, em 1994, para 200, em 1996, o número de produções ambientadas parcial ou integralmente na cidade mais famosa dos Estados Unidos.

Há pelo menos duas explicações para isso. A primeira, como não poderia deixar de ser, diz respeito aos bolsos dos homens de cinema. A partir de 1994, a cidade diminuiu em 30% a taxa cobrada para filmar em suas ruas. Outro motivo está nas próprias características de Nova York. Afinal, casa, gente bonita, praia ou montanha, acha-se em qualquer lugar. Mas Empire State, World Trade Center, Brooklyn Bridge, gente encucada e yuppies convivendo em paz, arte e lixo, só a Big Apple pode oferecer.

Não é por menos que a cidade abriga os mais diversos gêneros de filmes: desde a divertida sátira *Homens de Preto*, passando pelos dramas *Teoria da Conspiração* e *Advogado do Diabo*, até o histórico *Washington Square*. Por enquanto, só as catástrofes com terremotos deixaram Nova York em paz: esse privilégio ninguém tira de Los Angeles.

Para conhecer melhor esses cenários, a SET organizou um passeio cinematográfico por Nova York. Nesta seleção há de tudo um pouco: pontos turísticos conhecidos, becos que serviram para enlaces amorosos, restaurantes, bares e, claro, filmes dos mais diversos gêneros.

Fotos Arcquivo Arcádia

onvida você para conhecer o maior cenário ao ar livre do mundo

Nova York

Por Francisco Marcelino

Araquem Alcântara

1 A Chegada

Depois de quase dez horas de vôo e com o peso da bagagem nas mãos, nem pensar em ônibus ou metrô para chegar até Manhattan. O melhor é pegar um táxi, o clássico, daqueles amarelões que transitam pelas ruas de Nova York. Este é, afinal, o primeiro cenário da cidade. Conduzidos por motoristas das mais exóticas nacionalidades, esses monstrengos amarelos transformam o trânsito por aqui em um inferno. Não bastasse, a divisória que separa o banco do motorista do dos passageiros é um convite à claustrofobia, um verdadeiro cenário de filme de horror. Pegá-los ajuda a entender, porém, por que os taxistas da cidade costumam ser retratados na tela como um bando de malucos.

táxi

Mas um cinéfilo de carteirinha não pode se esquecer que, ao volante de um deles, a dupla Martin Scorsese-Robert De Niro fez um dos filmes-chave da década de 70: *Taxi Driver*. E é também conduzindo uma dessas banheiras amarelas que Mel Gibson chega a conclusões bizarras sobre as autoridades americanas, em *Teoria da Conspiração*.

A maior parte das cenas de *Taxi Driver* foi ambientada – além de no próprio carro, óbvio – na praça Columbus Circle. Nessa região, na Broadway Avenue com a 60th Street, ficava o comitê eleitoral onde Cybill Shepard, paixão de De Niro no filme, trabalhava. Hoje o prédio pertence a uma farmácia. E a praça logo em frente foi usada para o discurso do candidato da mesma Cybill.

2 Um Pouco de Conforto para as Costas

Achar hospedagem é o segundo passo. E, para o amante do cinema (especialmente o muito endinheirado), os dois melhores endereços são o Waldorf Astoria (nº 301 da Park Avenue com a 50th Street) e o Plaza Hotel (nº 768 da 5th Avenue, entre as 58th e 59th Streets). Foi no primeiro que o coronel cego interpretado por Al Pacino em *Perfume de Mulher* escolheu se matar. A idéia dele era simples: encerrar sua existência terrena de forma esplendorosa, vivendo um fim de semana como um milionário. E, para ele, isso significava hospedar-se no Waldorf e também comer no The Oak Room and Bar – este, um dos cinco restaurantes do concorrente Plaza. Na filmografia do Waldorf constam ainda cenas de *O Poderoso Chefão 3*; do clássico *Ricos e Famosos*, de George Cukor; e de *Broadway Danny Rose* e *Hannah e Suas Irmãs*, ambos de Woody Allen.

Já o Plaza é um dos cenários mais manjados de Nova York. Personagem que é personagem se hospeda no hotel. Não é para menos que, com preços que variam de 250 dólares a 15 mil dólares, ele virou uma referência. Entregar-se ao conforto, encontrar gente famosa, propiciar a situação romântica ideal? Qualquer uma dessas alternativas já é capaz de criar uma trama cinematográfica. Audrey Hepburn, em *Bonequinha de Luxo*, queria ser vista; Cary Grant, em *Intriga Internacional*, foi seqüestrado no saguão do hotel; o jazz, a festa e o luxo de filmes como *O Grande Gatsby* e *Cotton Club* também foram ambientados por aqui.

O mais sugestivo dos títulos filmados no hotel é a comédia em três partes *O Hotel das Ilusões*, que utilizou a suíte 719. No melhor dos episódios, o casal formado por Walter Matthau e Maureen Stapleton comemora seu tresloucado aniversário de casamento. Resguardadas as proporções, o mesmo clima de aventura e perversão foi vivido por Macaulay Culkin em *Esqueceram de Mim 2 – Perdido em Nova York*, no qual o ex-astro-mirim estoura o cartão de crédito do pai hospedando-se no quarto 411 do Plaza. O sucesso foi tão grande que o hotel recriou a experiência para as crianças, com direito ao mesmo quarto e tratamento recebidos por Macaulay no filme.

Francisco Marcelino/Virginia Courtadon

waldorf astoria hotel

plaza hotel

Divulgação

Abril/Fox

Esqueceram de Mim 2 - Perdido em Nova York

um giro em Nova York

Depois do orgasmo simulado por Meg Ryan em *Harry e Sally*, todas a

Divulgação

bolsa de valores

3 Financial District

Hospedado e de estômago forrado, o passo seguinte é amarrar o sapato para uma longa caminhada. O itinerário propriamente dito começa no extremo sul de Manhattan, o chamado Financial District, cuja referência mais notória é Wall Street, o lugar ideal para ver executivos apressados devorando sanduíches na calçada. Mas isso só durante a semana: fora do horário comercial, o capitalismo se cala em Wall Street. As lojas se fecham; as ruas ficam vazias.

E, obviamente, quando se fala de bolsa e de especulação, o título que vem à mente é *Wall Street*, de Oliver Stone. É no prédio da Bolsa de Valores de Nova York (nº 8 da Broad Street, entre Wall Street e Exchange Place) que trabalha o personagem de Charlie Sheen.

No mesmo prédio, foram filmadas as cenas mais importantes de *Trocando as Bolas*. Nessa comédia, dois empresários fazem uma aposta para descobrir o seguinte: o meio faz o homem ou o homem faz o meio? Assim, eles demitem seu mais bem-sucedido corretor (Dan Aykroyd) e, em seu lugar, contratam um vagabundo (Eddie Murphy). Os turistas podem acompanhar os pregões das salas envidraçadas do 3º andar.

Na região do Financial District há outra locação famosa: a New York County Courthouse (nº 60 da Center Street, com a Pearl Street), usada em todos os filmes de tribunal ou até mesmo naqueles em que há um julgamentozinho só. A lista inclui produções como *Acima de Qualquer Suspeita*, *A Fogueira das Vaidades* e *Advogado do Diabo*.

E não podem ser esquecidas as duas torres de 110 andares cada do World Trade Center (Church Street, entre as Liberty e Vesey Streets). Em *King Kong* – a versão de 1976 –, o gorilão menosprezou o Empire State, preferindo escalar um dos enormes arranha-céus. Dessa altura, é possível avistar três outras locações do sul da ilha: a Estátua da Liberdade, a Brooklyn Bridge e Ellis Island.

A Estátua da Liberdade abrigou a cena mais famosa de *Splash – Uma Sereia em Minha Vida*: a nudez de Daryl Hannah, na sua primeira aparição em terra firme. A Brooklyn Bridge, apesar de toda a sua importância histórica, acabou manchando seu currículo ao servir de cenário para *Embalos de Sábado à Noite*. Com o som discoteca ao fundo, John Travolta atravessa a ponte cantando e dançando. Já a Ellis Island, antiga porta de entrada de imigrantes na cidade e hoje sede do Immigration Museum, conservou nas telas a glória de seu passado, com a filmagem das seqüências iniciais de *O Poderoso Chefão*. Por causa de uma confusão lingüística, o personagem de Marlon Brando tem o sobrenome trocado pelo de sua cidade de origem. Assim nasce Vito Corleone.

Até mesmo Woody Allen filmou no Financial District. Em *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, seu personagem conhece o de Diane Keaton jogando tênis no Health & Racquet Club – ao lado do Seaport (na Fulton e Water Streets).

world trade center

Divulgação

4 Subindo Até Little Italy

Como o próprio nome já indica, foi por aqui que começaram a aportar os primeiros imigrantes italianos. Mas hoje há poucos integrantes da comunidade: os ítalo-americanos se foram, deixando apenas os restaurantes. Um destes, o Mare Chiaro Tavern (nº 176 da Mulberry Street), é célebre por ter servido de locação para *O Poderoso Chefão 3*. Apesar da evidente analogia entre ítalo-americanos e máfia, o proprietário do local – conhecido apenas por Tony e facilmente identificado por seu fiel companheiro no canto da boca, um charuto – nega qualquer conexão: "Isso não passa de cinema". No restaurante foram rodados ainda *9 1/2 Semanas de Amor*, *Além da Escuridão* e *Um Tiro de Misericórdia*.

E as ruas de Little Italy abrigaram dois outros clássicos que têm a máfia nova-iorquina como tema principal: o inebriante *Era uma Vez na América*, de Sergio Leone, e *Os Bons Companheiros*, um passeio de Martin Scorsese pelos rígidos códigos de honra da organização.

5 Lower East Side

Neste bairro fica a Katz's Delicatessen (nº 205 East da Houston Street, com a Ludlow Street). Na época da Segunda Guerra, a Katz's ganhou importância política ao liderar a campanha "Mande um Salame para seu Filho no Exército". Mas, a exemplo do Mare Chiaro, foi o cinema que a imortalizou: a cena em que Meg Ryan simula um orgasmo em *Harry e Sally* aconteceu nesta lanchonete. Por causa do filme, muitas clientes pedem o suposto prato afrodisíaco de Meg e sentam-se à mesma mesa. O recente *Donnie Brasco* também teve uma seqüência na Katz's.

Mundial

Harry e Sally – Feitos Um para o Outro

katz's delicatessen

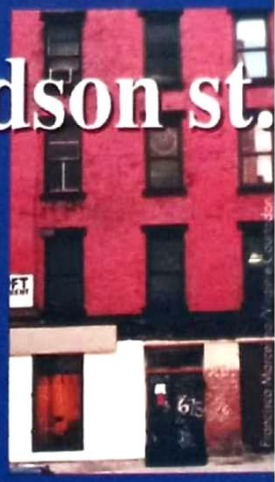
ientes da Katz's Delicatessen pedem o mesmo prato que ela comeu

6 Greenwich Village

Bairro boêmio por excelência, o Greenwich atrai cineastas em peso – vide o sugestivo *Próxima Parada, Bairro Boêmio*. A Washington Square, no coração da região, vem sendo lembrada desde a época em que Fred Astaire, em *The Belle of New York*, dançou em cima do arco da praça. A primeira cena de *Harry e Sally* ambientada em Nova York também foi rodada diante desse monumento.

Próximo à praça, no nº 5-7 da Minetta Street, o personagem de Al Pacino em *Serpico* passa o seu tempo ouvindo ópera. E, logo adiante, atravessando a 6th Avenue, fica o Bleecker Street Cinema (nº 144 da Bleecker Street), onde Aidan Quinn trabalha como projecionista em *Procura-se Susan Desesperadamente*.

Também Martin Scorsese criou uma cena inesquecível de *Touro Indomável* em Greenwich. É na piscina pública da St. Luke's Place, entre a Hudson Street e a 7th Avenue, que Robert De Niro e Cathy Moriaty se conhecem. Mas o cenário de cinema mais exótico é aquele no qual foi filmado o drama *Atração Fatal* – um mafuá de assustar qualquer um. No apartamento 2F do nº 675 da Hudson Street, entre as 13th e 14th Streets, a personagem de Glenn Close recebe durante um fim de semana o seu amante, Michael Douglas. Porém, o elevador no qual os dois transam fica em outro local: no nº 400 da 14th Street. Atenção, é estranho, mas ele dá diretamente na rua.



675 hudson st.

Constam ainda da filmografia do bairro *Desafio à Corrupção* (cenas na Julian's Billiard Academy, que fica na 14th Street) e *Reds* (no Chumley's Bar, na esquina da Bedford Street com a Barrow Street), entre outros.

7 Empire State Building

Apesar de ficar em Midtown (nº 350 da 5th Avenue), este arranha-céu merece um capítulo à parte. O cinema usou e abusou do edifício, a começar pela primeira versão de *King Kong*. A sua vocação, porém, parece incliná-lo aos filmes românticos. É lá, por exemplo, que acontece o encontro de Cary Grant e Deborah Kerr em *Tarde Demais para Esquecer*. A força da paixão entre os dois influenciou gerações e uma comédia romântica moderna: *Sintonia de Amor*. A sonhadora Meg Ryan, fã de *Tarde Demais*, passa o filme todo imaginando um encontro com o viúvo Tom Hanks no alto do edifício.

empire state building

8 Midtown

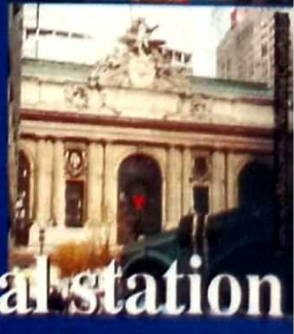
O tour pela região deve começar pelo lendário nº 33 da Union Square. Aqui, cinema e *pop art* se encontram: trata-se do edifício onde ficava a Factory, residência e ateliê de Andy Warhol. Além de o artista ter rodado por aqui alguns de seus chatérrimos filmes, como o soporífero *Sleep*, o espaço serviu de cenário para os biográficos *Basquiat – Traços de uma Vida* e *Um Tiro para Andy Warhol*.

Subindo pela Park Avenue até a altura da 42nd Street, chega-se à Grand Central Station, pano de fundo para várias cenas antológicas. Em *O Pescador de Ilusões*, o mendigo e ex-professor interpretado por Robin Williams imagina um grande baile no gigantesco saguão da estação ao ver sua amada passar. Já Alfred Hitchcock rodou ali a fuga de Cary Grant em *Intriga Internacional*.

Adiante, na 5th Avenue, entre as 49th e 50th Streets, no Rockefeller Center, foi ambientada a mais importante cena de *Um Dia em Nova York*: Frank Sinatra, Gene Kelly e Jules Munshin cantando "New York, New York". E, no restaurante Rainbow Room (nº 30 da Rockefeller Plaza, 65º andar), houve filmagens de *Sintonia de Amor* e *Príncipe das Marés*.

Caminhando para a direção nordeste da ilha, chega-se ao bucólico Sutton Place, na altura da 57th Street. Os banquinhos da praça, com vista para a Queensborough Bridge, foram o cenário do primeiro encontro de Woody Allen e Diane Keaton em *Manhattan* – o cartaz do filme traz a mesma foto.

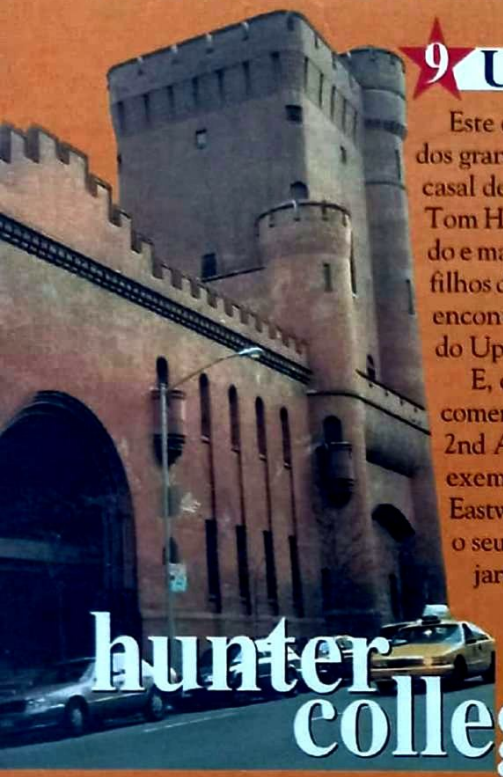
rockefeller center



grand central station

um giro em Nova York

Nada tem mais a cara de Nova York do que Woody Allen, que toc



9 Upper East Side

Este é o bairro dos bem-nascidos, dos museus e dos grandes hotéis. Em *A Fogueira das Vaidades*, o casal de amantes formado por Melanie Griffith e Tom Hanks azara a sua vida no Bronx, atropelando e matando um assaltante negro. Mas esses dois filhos da exuberância de Manhattan preferiam se encontrar é no apartamento dela, bem no início do Upper East Side: o nº 346 da 59th Street.

E, claro, os endinheirados da região precisam comer em algum lugar. No Elaine's (nº 1.703 da 2nd Avenue, entre as 88th e 89th Streets), por exemplo, é comum ver gente como Clint Eastwood e Diane Keaton. Woody Allen inicia o seu *Manhattan* com uma cena no restaurante, jantando com a namorada (Mariel Hemingway) e um casal de amigos. Detalhe: ele tem 42 anos; ela, dezessete. E o diálogo? Sugestivo: ele afirma que "poderia ser o pai dela". Apesar dessa cena, Allen e o Elaine's não mantêm hoje uma boa relação. O cineasta está processando o restaurante, porque este estaria pagando um sósia seu para atrair curiosos ao espaço. Ou seja, não vá comer gato por lebre.

Fotos: Francisco Marcolino/Virginie Courtadon

O Pescador de Ilusões criou um intrincado jogo metafórico com uma locação no Upper East Side. O personagem de Robin Williams, antes de passar por um terrível trauma e virar mendigo, ensinava no Hunter College (Madison Avenue, entre as 94th e 95th Streets). No filme e na cabeça do personagem, o local, um castelinho em plena Manhattan, transformou-se na residência de um milionário que possuiria o Santo Graal. Mas a fachada ganhou uma fonte e as referências espaciais foram alteradas – o Hunter College não fica em frente ao Central Park, como a montagem do filme sugere.

10 A Conquista do Oeste: Central Park

Embora nenhum faroeste tenha sido rodado por aqui, estas são terras a ser desbravadas no caminho que leva do Upper East Side ao Upper West Side. O Central Park não é apenas um amontoado de árvores plantadas em um gramado bonitinho. Mais do que isso, ele se divide entre jardins temáticos, praças, um zôo, quadras esportivas, pista de patinação no gelo. Tudo isso faz dele o cenário ao ar livre por excelência de Nova York. A lista de filmes ambientados no local é interminável: *Hair*, *O Pescador de Ilusões*, *Kramer vs. Kramer*, *Basquiat*, *Wall Street*, *Os Caça-Fantasmas*, *Maratona da Morte*, *Noivo Neurótico*, *Noiva Nervosa*, entre outros.

11 A Conquista do Oeste 2: Upper West Side

Fotos: Francisco Marcolino/Virginie Courtadon

A exemplo de seu irmão do East Side, o West Side é lar de famosos e endinheirados – mas nem sempre bem-nascidos. As estrelas do cinema habitam em peso a avenida Central Park West: o casal Demi Moore e Bruce Willis, Madonna, Robin Williams, Al Pacino, Meryl Streep, Alec Baldwin, Arnold Schwarzenegger etc. etc.

Em *Tootsie*, Dustin Hoffman é um ator desempregado que decide fazer um teste para um papel feminino em uma série de TV – sem que ninguém suspeite que ele é um homem. Depois de passar no teste, ele vai assinar o contrato com o agente no Russian Tea Room (nº 150W da 57th Street, entre as 6th e 7th Avenues) – fechado para reforma e com previsão de reabertura para o final deste ano.

Um pouco acima, no nº 55 da Central Park West, entre as 65th e 66th Streets, fica o endereço de Sigourney Weaver em *Os Caça-Fantasmas*. A produção utilizou somente a fachada frontal. Um antigo porteiro do edifício, que prefere ser identificado pelo primeiro nome, Mohammed, diz que o apartamento de Sigourney foi recriado no nº 50 da mesma avenida. Por sinal, a cobertura desse prédio vizinho foi habitada pelos marmanjos de *Três Solteirões e um Bebê*.

O Upper West Side também abriga um dos lugares mais tenebrosos da cidade, o Dakota Building (nº 1 Central Park West, na esquina com a 72nd Street). Lá foi criado o apartamento do casal John Cassavetes e Mia Farrow em *O Bebê de Rosemary*. Vale lembrar que o Dakota foi o último endereço de John Lennon, assassinado no saguão do edifício. Yoko Ono ainda mora no local.

arineta todas as semanas num dos muitos restaurantes da cidade

12 Nem Tudo é Chique: Harlem

O bairro não é dos mais indicados para passear. Mesmo assim, merece uma visita pelo gospel da Abyssinian Baptist Church (nº 132W da 138th Street), nas manhãs de domingo, e pela comida cajun do Sylvia's (nº 328 da Lenox Avenue, entre as 126th e 127th Streets). Spike Lee usou o ambiente para demonstrar o estado de coisas entre brancos e negros: em *Febre da Selva*, a garçonete faz de tudo para não atender o casal formado por Wesley Snipes e Annabella Sciorra. Mas isso é ficção: aos domingos, uma legião de turistas, orientais, europeus ou brasileiros, invade o local.

Outro restaurante do bairro bastante utilizado pelo cinema é o Rao's (nº 455E da 114th Street, com a Pleasant Avenue). Os diretores Woody Allen, em *Broadway Danny Rose*, e Martin Scorsese, em *Os Bons Companheiros*, criaram pontas para o seu dono, Frank Pellegrino.

13 Brooklyn

O maior bairro de Nova York é uma paixão de diretores como Spike Lee e a dupla Wayne Wang e Paul Auster. Quase todos os filmes de Lee saíram das ruas do bairro. *Faça a Coisa Certa* se passa no violento quarteirão de Bedford-Stuyvesant – passeio totalmente desaconselhável; em *Febre da Selva*, a simpática região italiana de Bensonhurst é a residência da personagem de Annabella Sciorra; seu novo filme, *He Got Game*, ainda inédito, foi rodado em Coney Island.

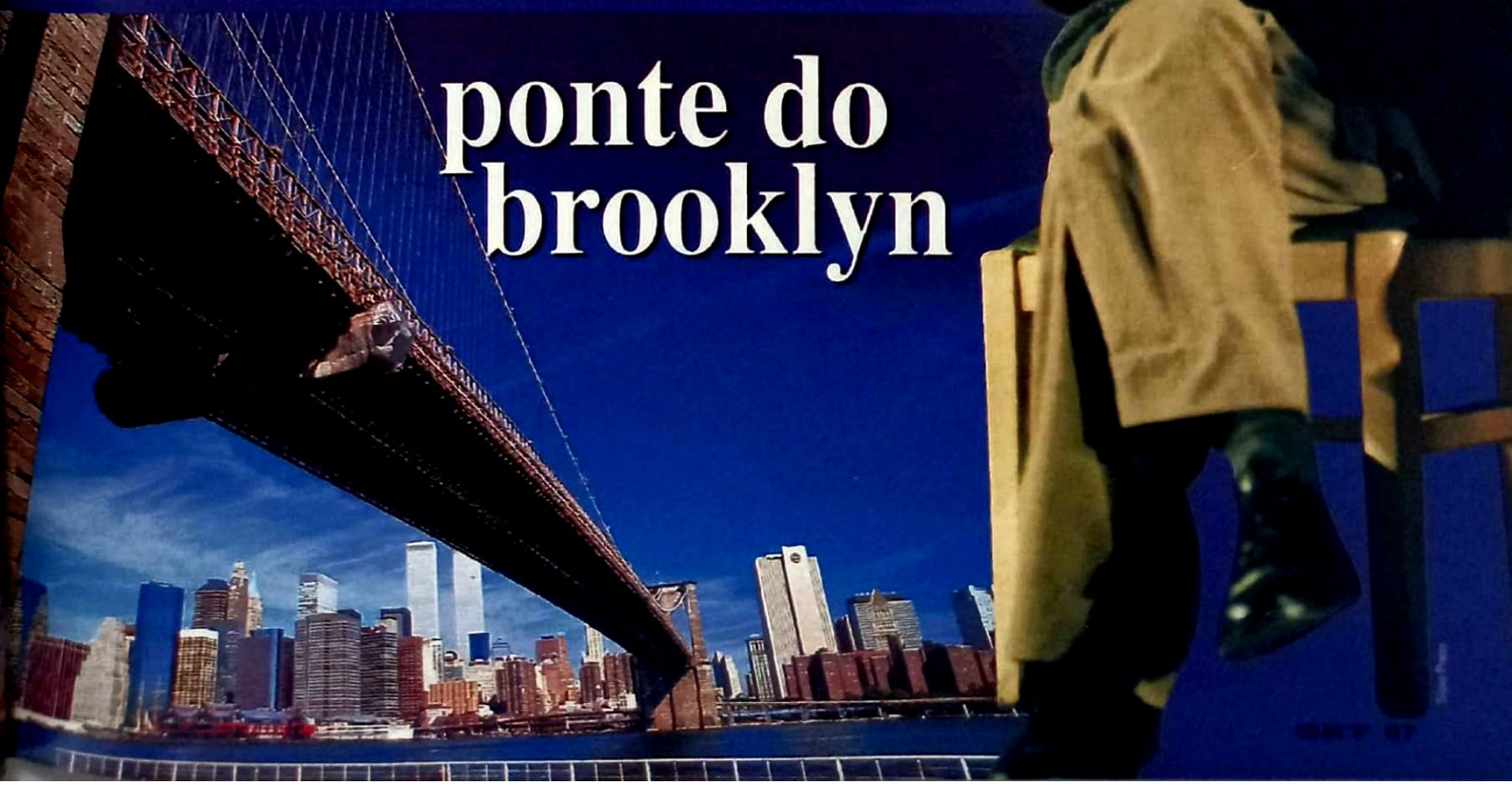
Já a dupla Wang-Auster deixou de lado as cores agressivas do Brooklyn para lhe fazer uma verdadeira declaração de amor em *Cortina de Fumaça* e em sua continuação, *Sem Fôlego* – ambos foram centrados em uma tabacaria construída especialmente para as filmagens, na esquina da 16th Street com a Prospect Park West. No endereço funciona hoje o Checks Cashed. Os donos do Krupa Grocery (nº 231 da mesma Prospect Park West) explicam que a falsa tabacaria atraía ávidos fumantes, os quais eram logo despachados dali.

E, quase no fim de tudo, na Verrazano Narrows Bridge, que liga o Brooklyn a Staten Island, Hollywood também buscou inspiração no bairro, ambientando por lá a cena final de *City Hall*. O fim de tarde na Verrazano é uma das belas vistas de Nova York.

14 Fim do Tour: Sua Mais Completa Tradução

Para encerrar o tour, relaxe ao som Dixieland, conferindo a mais completa tradução de Nova York, Woody Allen. O cineasta toca clarineta às segundas, a partir das oito e meia da noite, no Carlyle Café, parte do Carlyle Hotel (nº 35E da 76th Street, com a Madison Avenue). Mas atenção: Allen está tocando temporariamente no local e é quase impossível entrar sem reservar uma mesa com pelo menos uma semana de antecedência (tel. 212-744-1600). Para o balcão, não são feitas reservas e é preciso chegar duas horas antes, no mínimo.

Colaborou Virginie Courtadon



NOVOS *filmes*

O chinês Ang Lee transforma o fim do sonho americano num filme devastador

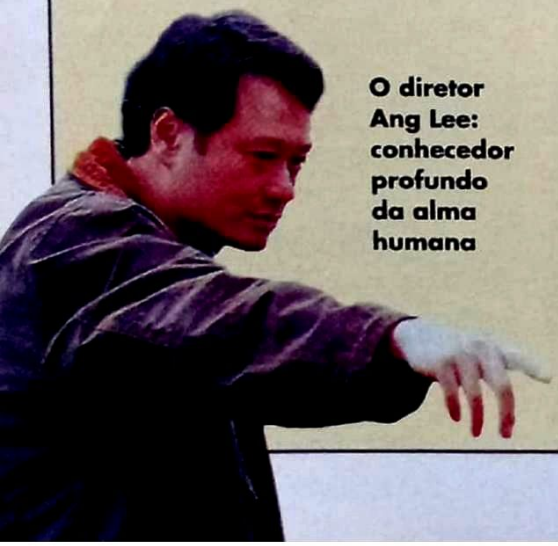
TEMPE

No início da década de 70, os Estados Unidos viviam o franco declínio do sonho americano. Soldados voltavam para casa, derrotados no Vietnã. O país enfrentava o escândalo de Watergate. E a classe média, profundamente abalada pelos psicodélicos anos 60, entrava num buraco negro de incerteza, emoldurado pela apatia, por um falso otimismo e pela revolução sexual.

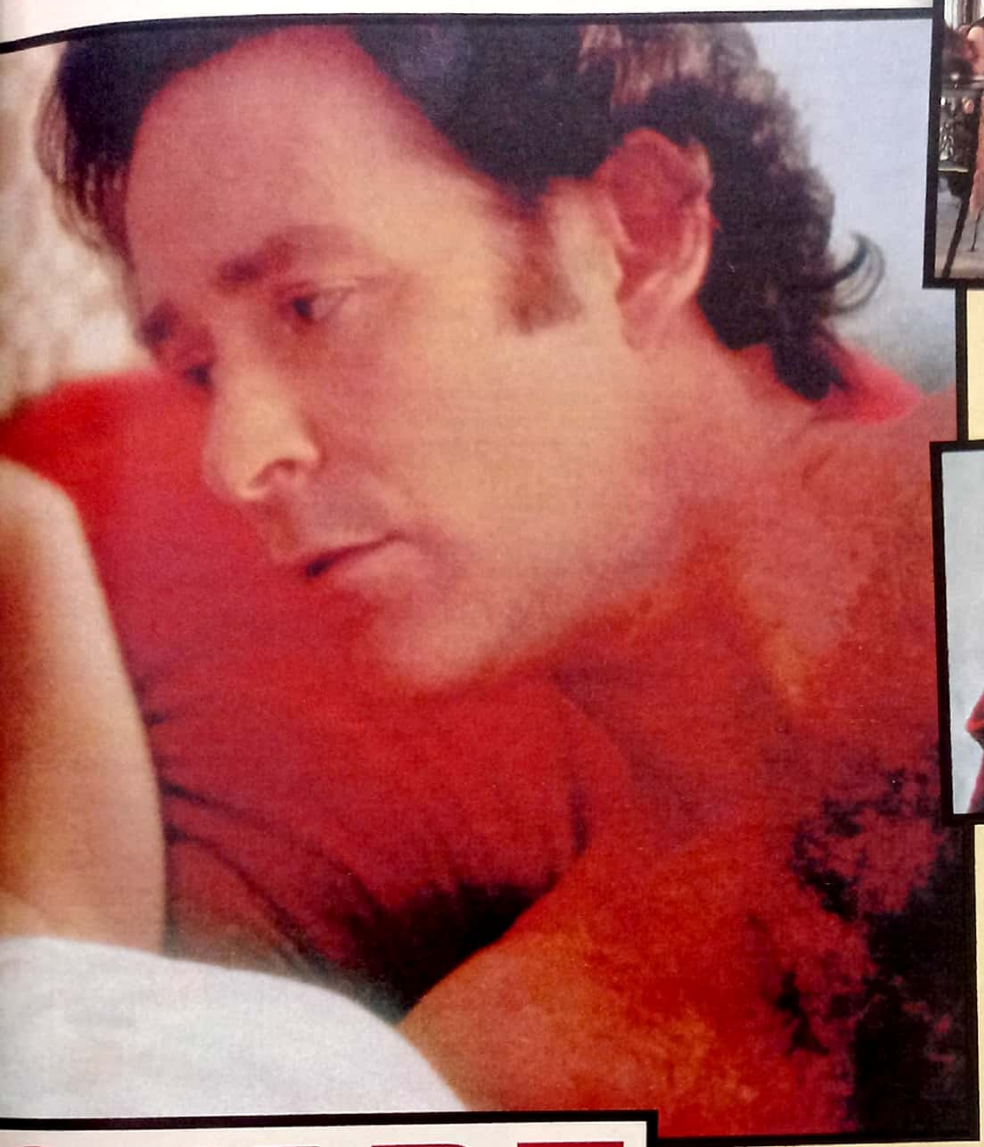
É esse o cenário de *Tempestade de Gelo*, um retrato frio e detalhado da classe média americana de vinte e poucos anos atrás, dirigido com maestria pelo chinês Ang Lee. Mais uma vez, ele nos dá sua brilhante visão das relações familiares e do conflito de gerações – como fez em *O Banquete de Casamento* e em *Razão e Sensibilidade* –, mas substitui o otimismo de seus trabalhos anteriores por um impiedoso soco no estômago, que atinge em cheio a platéia.

O núcleo de *Tempestade de Gelo* é uma família de New Canaan, Connecticut, apresentada logo no início do filme pelo jovem estudante Paul (Tobey Maguire), que mora em Nova York. Seu pai, Ben Hood (Kevin Kline), vive um apático caso com a vizinha Janey (Sigourney Weaver). Já sua mãe, Elena (Joan Allen), flerta com um pastor, desconfia das escapadas sexuais do marido e vive à beira de um colapso nervoso. Sua irmã Wendy (Christina Ricci), por fim, é uma adolescente obcecada por jogos políticos que mal consegue entender, e que está descobrindo sua sexualidade através dos filhos de Janey, o introspectivo Sandy (Adam Hann-Byrd) e o deslocado Mikey (Elijah Wood).

Ang Lee desvenda a personalidade de cada personagem lentamente, com firmeza e elegância, até que a platéia compreenda o que move cada um deles. Quase nada disso, porém, é colocado em palavras. Para quem lembra, a década de 70 viveu o auge daquela idéia de que tudo pode ser resolvido na base do "debate". Extremamente crítico em relação aos resultados dessa filosofia, Lee manifesta seu desacordo tirando a importância de tudo aquilo que é dito em *Tempestade de Gelo*: o que fica por dizer é muito mais relevante e decisivo. Afinal, não estamos lidan-

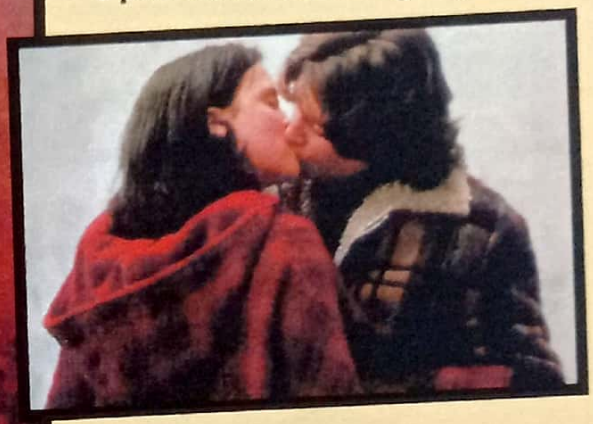


O diretor Ang Lee: conhecedor profundo da alma humana



Fotos: Look

Feriado em família: a paz aparente é confrontada pela incerteza e pelo conflito de duas gerações



Beijo sem paixão: os adolescentes Christina Ricci e Elijah Wood descobrem sua sexualidade

STADE DE GELO

Sigourney Weaver e Kevin Kline: vizinhos e adúlteros que enfrentam as mudanças dos tempestuosos anos 70

do com tipos bidimensionais que possam ser traduzidos apenas com uma palavra, como "adúltero" ou "indiferente". São pessoas de verdade, que atravessam uma crise comum à de muitos casais, mas que o fizeram durante um dos mais complexos períodos da história americana moderna.

O diretor reserva seu mais duro golpe para o final do filme, quando o subúrbio é atingido pela tempestade de gelo do título, bem em meio às comemorações do dia de Ação de Graças, e as diferenças são resolvidas de modo tão frio e cortante quanto o clima. O humor ríspido e o drama cruel são substituídos pela tragédia, justamente no momento em que um dos personagens finalmente consegue ficar em paz consigo mesmo. *Tempestade de Gelo* é assim: arrebatador, belíssimo e muito triste – uma prova incontestável do talento de Ang Lee, um dos mais subestimados diretores do cinema contemporâneo.

Roberto Sadovski

(The Ice Storm, EUA, 1997) ***Direção****: Ang Lee.* ***Com*** *Kevin Kline, Joan Allen, Sigourney Weaver, Christina Ricci, Elijah Wood, Tobey Maguire, Adam Hann-Byrd, Jamey Sheridan, David Krumholtz, Courtney Peldon, Henry Czerny, Katie Holmes. 113 min.*

REVIRAVOLTA

SET RECOMENDA

Oliver Stone mistura humor e violência em seu novo filme

Bobby Cooper (Sean Penn) está ao volante de seu Mustang cor de sangue, dirigindo pelo deserto do Arizona a caminho de Las Vegas, onde precisa pagar uma dívida de jogo. Serviço simples: é só saldar o débito que a máfia russa sai do seu pescoço. Mas o destino intervém, sob a forma de um defeito no carro, e Bobby precisa desviar de seu caminho e ir procurar um mecânico em Superior, um vilarejo sonolento e aparentemente pacífico. Mas a tranqüilidade de Superior existe apenas na aparência, como Bobby aprenderá da pior maneira.

Aos poucos, ele vai se enredando numa teia que o prende ao lugar e se envolve com Grace (Jennifer Lopez), a amante mestiça do ricaço local, Jake (Nick Nolte), tornando-se o peão de um jogo perigoso que o põe em rota de colisão com o delegado da cidade (Powers Booth) e até com o mecânico (Billy Bob Thornton), que parece ter um parafuso a menos.

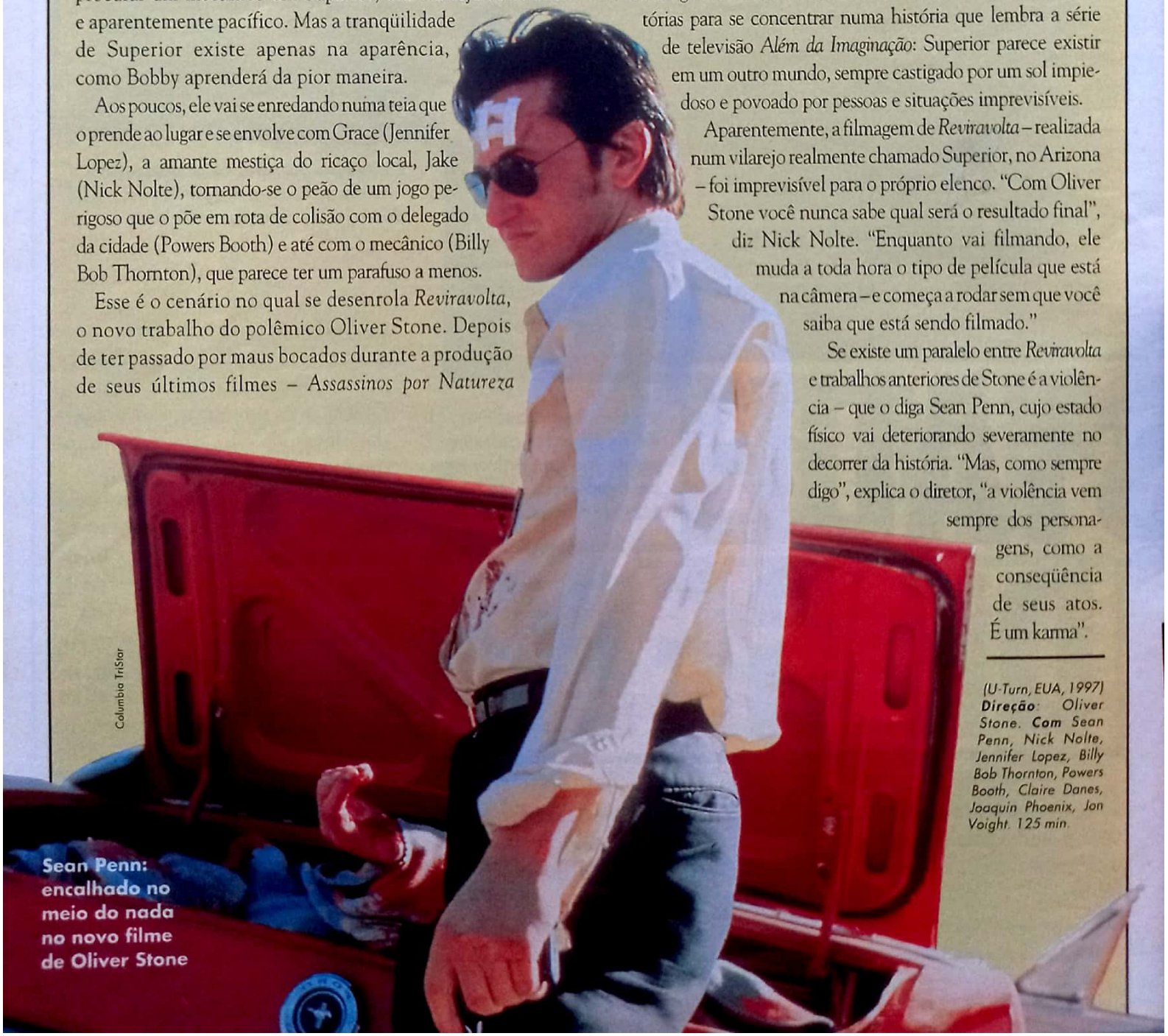
Esse é o cenário no qual se desenrola *Reviravolta*, o novo trabalho do polêmico Oliver Stone. Depois de ter passado por maus bocados durante a produção de seus últimos filmes – *Assassinos por Natureza* e *Nixon* –, o diretor afirma que estava interessado em experimentar um determinado gênero de cinema do qual Hitchcock seria o principal modelo.

De certa forma, ele alcançou seu objetivo: *Reviravolta* é um filme cheio de surpresas e de imprevistos, que combina ferocidade àquela mistura de suspense e humor que Hitchcock soube depurar como ninguém. Oliver Stone deixa de lado suas teorias conspiratórias para se concentrar numa história que lembra a série de televisão *Além da Imaginação*: Superior parece existir em um outro mundo, sempre castigado por um sol impiedoso e povoado por pessoas e situações imprevisíveis.

Aparentemente, a filmagem de *Reviravolta* – realizada num vilarejo realmente chamado Superior, no Arizona – foi imprevisível para o próprio elenco. "Com Oliver Stone você nunca sabe qual será o resultado final", diz Nick Nolte. "Enquanto vai filmando, ele muda a toda hora o tipo de película que está na câmera – e começa a rodar sem que você saiba que está sendo filmado."

Se existe um paralelo entre *Reviravolta* e trabalhos anteriores de Stone é a violência – que o diga Sean Penn, cujo estado físico vai deteriorando severamente no decorrer da história. "Mas, como sempre digo", explica o diretor, "a violência vem sempre dos personagens, como a conseqüência de seus atos. É um karma".

(U-Turn, EUA, 1997) ***Direção:*** *Oliver Stone.* ***Com*** *Sean Penn, Nick Nolte, Jennifer Lopez, Billy Bob Thornton, Powers Booth, Claire Danes, Joaquin Phoenix, Jon Voight. 125 min.*



Columbia TriStar

Sean Penn: encalhado no meio do nada no novo filme de Oliver Stone

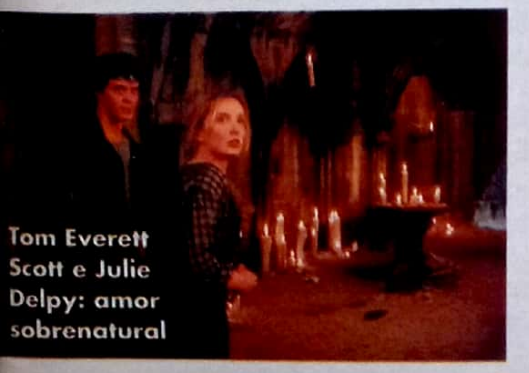
UM LOBISOMEM AMERICANO EM PARIS

Em 1981, o diretor John Landis subverteu a fórmula do terror com *Um Lobisomem Americano em Londres*, um criativo, bem-humorado e apavorante conto de licantropia ambientado na sisuda capital inglesa. O filme foi um sucesso instantâneo e inovador, que abusou de novas soluções visuais e narrativas, tornando-se um clássico moderno do gênero.

Mais de uma década depois aparece *Um Lobisomem Americano em Paris*, uma continuação bem inferior ao original, dirigida por Anthony Waller. Desta vez o turista americano Andy (Tom Everett Scott) se apaixona pela jovem Serafine (Julie Delpy) após salvá-la da morte no alto da Torre Eiffel. Mas ele não sabe que a enigmática jovem é uma peluda criatura da noite – e, depois de uma noite de amor, descobre que foi infectado pelo "vírus" da licantropia.

Waller equilibra bem o humor e o terror, mas perde o rumo na metade final, que se torna uma sucessão, às vezes sem sentido, de cenas com lobisomens digitais. John Landis, que foi cogitado para fazer o filme, não quis saber dos bichos e preferiu voltar ao passado em ritmo de blues com a seqüência do cultuado *Os Irmãos Cara-de-Pau*.

(An American Werewolf in Paris, EUA/Reino Unido/Luxemburgo/Holanda/França, 1997) ***Direção****: Anthony Waller.* ***Com*** *Tom Everett Scott, Julie Delpy, Vince Vieluf, Phil Buckman, Julie Bowen, Pierre Cosso. 97 min.*



Tom Everett Scott e Julie Delpy: amor sobrenatural

***Cinzas*: ficção que revela a Argentina contemporânea**

Columbia Buena Vista

CINZAS DO PARAÍSO

Trama de suspense argentina surpreende

O espectador já fica atordoado na primeira cena do filme, quando o juiz Costa Makantasis cai do terraço do Palácio da Justiça. Suicídio ou assassinato? Em seguida, a bela Ana Muro é encontrada morta na casa do juiz. Os três filhos adultos de Makantasis entregam-se, separadamente, como responsáveis pela morte da jovem. Entra em cena a juíza Teller, responsável por desmantelar esse intrincado esquema.

Esse surpreendente filme argentino é um bom exercício estilístico, que se aproveita da cartilha do filme *noir* apenas como ponto de partida e não como camisa-de-força estética ou narrativa. O quebra-cabeça montado prende a atenção, mesmo colocando as vítimas em evidência desde o primeiro momento. O que importa aqui é até que ponto as pessoas são dissimuladas, o que elas podem estar escondendo, ou quem elas estariam acobertando.

Apesar da aparente superficialidade da trama de suspense, pontuada aqui por uma acentuada sensualidade, o filme ganha novas dimensões ao trazer, como pano de fundo, rápidas pinceladas de uma Argentina contemporânea. Já razoavelmente longe do pesadelo dos ditatoriais "anos de chumbo", o país vive agora mergulhado na corrupção, nos jogos de poder, na opacidade da força pública. Esse cenário político explica parte do segredo que se esconde por trás da bem armada intriga. Mas é apenas a ponta do iceberg de um filme que tem muito a oferecer. Inclusive um ótimo final em aberto.

(Cenizas del Paraiso, Argentina, 1997) ***Direção****: Marcelo Piñeyro.* ***Com*** *Héctor Alterio, Cecilia Roth, Leticia Brédice, Leonardo Sbaraglia, Daniel Kuzniecka, Nicolás Abeles. 132 min.*

Um intrincado quebra-cabeça prende a atenção já nos primeiros minutos da produção argentina *Cinzas do Paraíso*

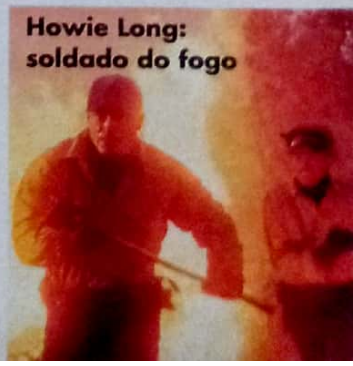
TORMENTA DE FOGO

Tormenta de Fogo é o filme que a Fox produziu para transformar o ex-jogador de futebol americano Howie Long no novo herói dos filmes de ação. Depois de estrear nas telas como um dos vilões do acelerado *A Última Ameaça*, Long agora é Jesse Graves, um bombeiro especializado em incêndios florestais – ou um *smokejumper*, como são chamados os loucos que saltam de pára-quedas em meio às chamas.

Jesse acaba se tornando o único capaz de impedir que o prisioneiro Earl Shaye (William Forsythe) escape da prisão e fuja com 37 milhões de dólares. A situação piora quando o criminoso inicia um incêndio para acobertar sua fuga e cria um verdadeiro inferno de chamas. De resto, é a rotina de sempre dos filmes de ação – o que faz a diferença neste *Tormenta de Fogo* são mesmo as espetaculares cenas dos grande incêndios na floresta.

(Firestorm, EUA, 1998) ***Direção****: Dean Semler.* ***Com*** *Howie Long, Scott Glenn, William Forsythe, Suzy Amis, Christianne Hirt, Garwin Sanford, Sebastian Spence, Michael Greyeyes, Barry Pepper. 89 min.*

Howie Long: soldado do fogo



Entre cada tomada, a equipe técnica prepara detalhes para a próxima cena a ser filmada; enquanto isso, astros e estrelas ficam apenas

relaxando nos camarins

Paul Newman e sua fiel parceira: a lata de cerveja

Paramount

Dos áureos tempos de Hollywood, o que relembro com mais saudade são as visitas aos sets, quando aproveitava o intervalo das filmagens para entrevistar uma pessoa do elenco ou para simplesmente rever os que se tornaram meus amigos. Hoje em dia, em contrapartida, astros e estrelas são entrevistados coletivamente pelos sofisticados meios de comunicação, apenas para divulgar seus filmes. Acabou aquele gostoso relacionamento que eles alimentavam com os correspondentes. É curioso, porém, lembrar como os ídolos aproveitavam os momentos de folga, enquanto a equipe preparava as próximas cenas.

Grace Kelly e a colunista Dulce Damasceno posam perto do camarim: antigamente, os atores eram muito mais acessíveis

Arquivo Pessoal Dulce

A estudiosa Sophia Loren, por exemplo, querendo se livrar do sotaque italiano, passava o tempo lendo em voz alta jornais, revistas e livros para aperfeiçoar o seu inglês. No seu camarim, na Paramount, a estrela Grace Kelly – antes de se tornar Princesa de Mônaco – já mantinha um hábito nobre: o chá das cinco. Ela própria o servia em bule de prata e xícaras de porcelana Limoges, com deliciosos *croissants* feitos especialmente para ela pelo *chef* do restaurante do estúdio. Embora européia (belga), mas americanizada, a grande *lady* Audrey Hepburn preferia servir café com *doughnuts*, iguaria que veio a conhecer apenas nos Estados Unidos.

Entre os homens, merece destaque o simpático Paul Newman, cujo camarim sempre tem uma geladeira cheia de latas de cerveja. Os estúdios proibiam o consumo de álcool durante as filmagens, mas abriam uma exceção para o charmoso astro – mesmo porque ele confessou que não funcionava como ator sem as suas cervejinhas, conseguindo consumir até trinta latas por dia. Por outro lado, ele sempre foi avesso às bebidas de alto teor alcoólico, como uísque ou vodca. Dizem que a cerveja engorda, mas Newman – aos 73 anos – continua com a mesma silhueta que ele apresentava aos trinta.

Jack Lemmon, por sua vez, desenvolveu um hábito interessante: ele tem sempre um piano no camarim, que é tocado em seus momentos de folga. Poucos conhecem esse seu lado musical. Sua primeira mulher, Cynthia Stone, alegou no divórcio que Jack dedicava mais tempo ao piano do que a ela , "compondo canções medíocres, sem possibilidade de sucesso". O ator se defendeu: "A profissão de ator é o meu ganha-pão. A música é o meu hobby. Há pessoas que colecionam selos ou que gostam de se estirar na areia para tomar sol. Minha idéia de lazer é o piano". Em 1958, gravou o LP *Twist of Lemmon* ("Gota de Limão"), um trocadilho do seu sobrenome com *lemon* ("limão"). Ele nunca entrou nas paradas de sucesso, mas duas melodias suas são tocadas no rádio até hoje: "Won't You Be My Chorus For Tonight?" e "The Stool Blues".

Nem todos os astros, porém, aproveitam as folgas de maneira tão inocente. O belo e saudoso Errol Flynn trancava-se no camarim com as estrelinhas mais disponíveis. E todos no set respeitavam uma luzinha vermelha à porta do camarim de Warren Beatty, que acendia enquanto ele praticava seu esporte favorito: o sexo. Ah, se os camarins de Hollywood falassem...

PATY'S HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

NA PATY'S, VOCÊ ENCONTRA TUDO PARA MONTAR OU AMPLIAR SUA LOCADORA

AQUI VOCÊ GANHA BRINDES ESPECIAIS

• ESTOJOS • ACESSÓRIOS • PORTA POSTERS
• REBOBINADOR • EXPOSITORES • MATERIAL PROMOCIONAL

MONTANDO SUA LOCADORA, O FRETE É POR NOSSO CONTA PARA TODO O BRASIL.

TRABALHAMOS COM TODOS OS LANÇAMENTOS E CATÁLAGOS COM PAGAMENTO E PREÇO ESPECIAIS.

O NOSSO MAIOR OBJETIVO É ATENDELO-LO EM 1º LUGAR.

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana - São Paulo - SP - CEP 02035-020
Disk Vendas: (011) 298-1899
Telefax: (011) 298-1822

CANNE'S VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

• Todos os lançamentos
• Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
• Novas promoções
• Venha aproveitar!

CONFIRA!

• Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
• Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA

Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

CORRESPONDENTE INTERNACIONAL COZINHA EXPERIMENTAL E INFORMATIVO LOCAL. MAS PODE CHAMAR DE BANCA DE REVISTAS.

A banca de revistas é o seu portão de embarque para qualquer ponto do planeta.
Lá circulam as notícias de toda parte, debatem-se idéias do outro mundo, descobrem-se realidades que não estão no mapa.
Lá sua vida ganha o tempero de receitas apetitosas e assunto de sobra para saborosas conversas.
Lá também estão aquela fichinha telefônica que é a salvação da pátria e o jornaleiro apontando a direção certa para você não perder compromissos.
Entre numa banca e sinta-se à vontade para saber de tudo!

O jornaleiro ficará feliz com sua visita.

ANER ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS

GUIA DA FRANÇA

PARA QUEM VAI E PARA QUEM NÃO VAI À COPA.

UM LANÇAMENTO DE CRAQUE, QUE ENTREGA O JOGO DAS 9 CIDADES-SEDE DA COPA. DE PARIS A MARSELHA, SEM IMPEDIMENTOS. HOTÉIS, MONUMENTOS, RESTAURANTES, MAPAS E ARREDORES. MAIS DE 500 FOTOS. GRÁTIS: VÍDEO DA FRANÇA 98, COM IMAGENS DESLUMBRANTES.

NAS BANCAS.

GRÁTIS VÍDEO DA FRANÇA

EDITORA AZUL

REVISTA Viagem E TURISMO

VIDEO lançamentos

Jodie Foster analisa imagens de Hitler vindas do espaço

No vídeo mais aguardado do mês, alienígenas fazem

CONTATO

Warner

O homem só é um ser humano enquanto tem fé. Sem o apoio moral e quase sempre místico de uma crença, a alma se esvazia de ânimo e longevidade. Ellie Arroway, a astrônoma que protagoniza *Contato*, necessita da fé para sobreviver: ela crê que há vida inteligente no espaço. A estóica heroína do filme, mesmo quando só, com suas estrelas e um esmagador silêncio sideral, permanece determinada em deixar como legado uma luz no infinito túnel do conhecimento.

Essa força interna, essa paixão pela verdade (claro, nunca absoluta!) da personagem central transpassa por todo o filme, traduzindo o esforço conjunto de três profissionais: o astrônomo e escritor Carl Sagan, que desenvolveu essa ficção de fundamentos científicos na forma de um roteiro que não vingou, transformou-o em romance, em 1985, e então colaborou, até a sua morte, em dezembro de 1996, para definir o formato dessa versão cinematográfica; o cineasta Robert Zemeckis, que com sabedoria e coragem alimentou vários aspectos dramáticos da trama, sem nunca abandonar o caráter realista (ou coerentemente especulativo) do texto; e por fim a atriz Jodie Foster, que viu em Ellie a ousadia quase prepotente e a genialidade intuitiva que também a caracterizam como estrela.

Não há risco algum em afirmar que Sagan teria ficado feliz com essa adaptação. O filme é um espetáculo hollywoodiano de primeira grandeza, especialidade do artesão Zemeckis, sem em nenhum momento deixar de mesclar à fórmula comercial a rica gama de nuances que envolve a notória discussão: "Estamos sós no universo?" *Contato* explora com serenidade como crédulos e inseguros reagiriam à presença afirmativa de vida alienígena: histeria religiosa, ética científica, ambição pessoal e altruísmo espiritual se confundem, deixando claro o processo pelo qual o ser humano sempre tende a se dedicar à religião e ao misticismo para responder às perguntas que ecoam sem fim universo afora.

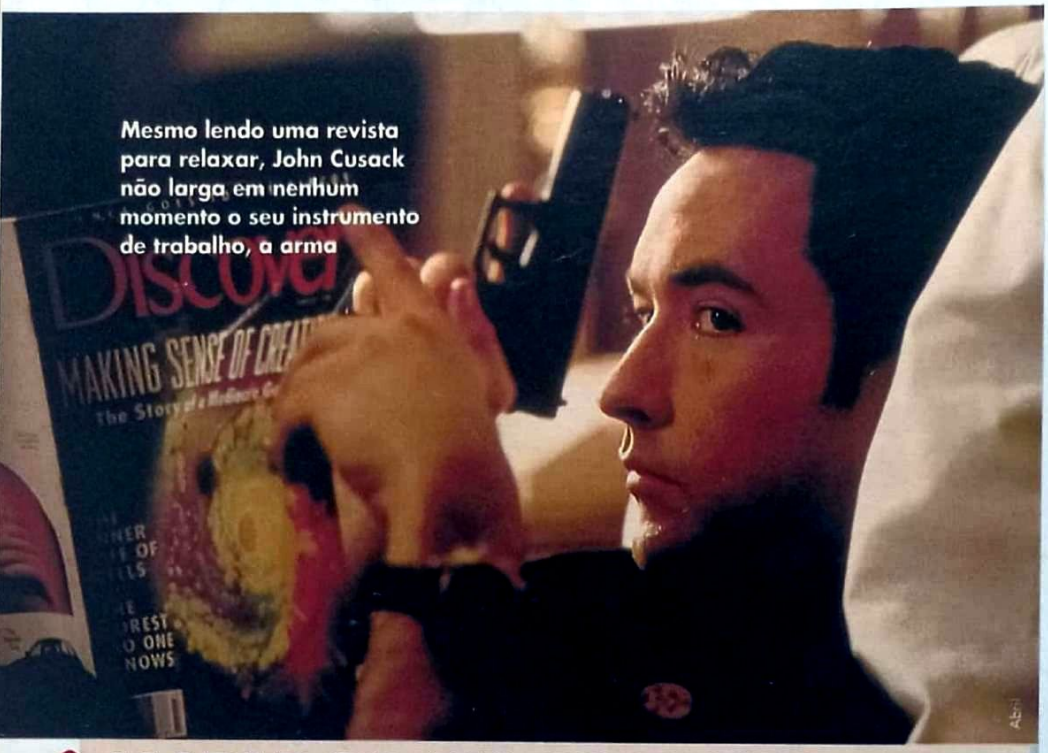
Ellie é uma figura racional, mas também passional em sua cruzada mais do que particular. O filme ganha um colorido todo especial ao apresentá-la como uma pessoa que não acredita em Deus – ela aposta que, no dia em que a ciência responder a todas as nossas perguntas básicas, não mais haverá lugar para Ele. O roteiro compartilha essa opinião, mas ao mesmo tempo não busca pontos finais, não pretende em nenhum momento oferecer uma conclusão, um final fechado para o espectador. Afinal de contas, pretensiosos seriam os artistas envolvidos se, no ainda engatinhar da humanidade, colocassem afirmações acima do bem e do mal.

Uma cena-chave que traduz o espírito iluminista de *Contato* é o próprio, o momento em que Ellie chega à estrela Vega, de onde vieram sinais complexos que lhe possibilitaram construir uma nave espacial. Muitos espectadores consideram essa passagem ingênua e "nova era" demais: ela se vê em uma praia idílica e virtual, conversando com o falecido pai, imagem resgatada de sua memória e "encenada" pelos alienígenas para criar um clima de calorosa familiaridade. O ser humano, afinal de contas, não está ainda preparado para mergulhar de cabeça na comunidade comum espacial. Em contrapartida, está mais do que preparado para assistir a um filme inteligente, instigante e divertido como este.

Christian Petermann

★★★★

(*Contact*, EUA, 1997) Direção: Robert Zemeckis. Com Jodie Foster, Matthew McConaughey, Tom Skerritt, James Woods, John Hurt, Angela Bassett. 149 min. Warner.



Mesmo lendo uma revista para relaxar, John Cusack não larga em nenhum momento o seu instrumento de trabalho, a arma

COMÉDIA

MATADOR EM CONFLITO

★★★★★

"Eu não acho que o trabalho de uma pessoa define quem ela é", argumenta Martin Q. Blank (John Cusack) com seu analista. Muitos concordariam com ele – mas poucos são assassinos profissionais, como Martin. O que talvez explique por que o psiquiatra enfrenta cada sessão como quem vai para a forca, ou por que o próprio Martin sente terror só de pensar em comparecer à reunião de dez anos de formatura de sua turma do colegial. "Vou dizer o quê? Que matei o presidente do Paraguai com um garfo?", ele se desespera. Ir à reunião, porém, é necessário: em Grosse Pointe, subúrbio abastado de Detroit, vive Debbie (Minnie Driver), a garota que Martin deixou plantada na porta do baile de formatura, mas que ele não consegue esquecer. Não é para menos: em dez anos, ele não fez nada além de trabalhar – como um jovem homem de negócios que se preze – e nem sequer achou tempo para conferir se seu gato é ele ou ela. Martin, porém, tem alguns problemas pela frente: Debbie é uma garota decente e pode ter objeções ao seu emprego; um rival seu está muito chateado por ele se recusar a entrar para um sindicato de pistoleiros; e ainda há um último assassinato por realizar nas imediações de Grosse Pointe. *Matador em Conflito*, como se vê, parte de uma situação verdadeiramente absurda. Mas, graças à direção criativa e econômica de George Armitage (*Anjo Assassino*) e ao inigualável talento cômico de John Cusack e sua trupe de amigos/atores/roteiristas (que, como os personagens, se conhecem desde os tempos de escola), é também um dos filmes mais divertidos do ano passado – e o primeiro a acertar bem no alvo do que vai pela cabeça e pelo coração do pessoal dos vinte-e-muitos aos trinta-e-poucos anos, historicamente esperançoso no íntimo e cínico na prática.

Isabela Boscov

(Grosse Pointe Blank, EUA, 1997) ***Direção:*** *George Armitage.* ***Com*** *John Cusack, Minnie Driver, Alan Arkin, Joan Cusack, Dan Aykroyd, Jeremy Piven, Hank Azaria. 107 min. Abril.*

Charlie Sheen corre para salvar a pele

SUSPENSE

CONSPIRAÇÃO

★★★

A HISTÓRIA O jovem Bobby é um dos mais importantes assessores do presidente dos EUA. Ele é procurado por um velho professor, que acaba assassinado enquanto lhe comunicava a descoberta de um complô contra a nação. O criminoso passa a perseguir Bobby, que tenta esclarecer do que se trata e quem está por trás desse plano. Com a ajuda da jornalista Amanda, ele descobre que a conspiração é comandada por funcionários da Casa Branca.

O COMENTÁRIO Hollywood sempre gostou de colocar o presidente dos EUA em situações fictícias que exigissem ação física. *Conspiração* é mais um filme nessa linha, totalmente apoiado na luta individual de um herói, Bobby (Charlie Sheen), contra tudo e todos. Apesar dos clichês, consegue prender a atenção graças à habilidade para o gênero demonstrada anteriormente pelo diretor George P. Cosmatos (*Rambo 2 – A Missão*).

Alfredo Sternheim

(Shadow Conspiracy, EUA, 1997) ***Direção:*** *George P. Cosmatos.* ***Com*** *Charlie Sheen, Donald Sutherland, Linda Hamilton, Stephen Lang, Ben Gazzara, Sam Waterston, Gore Vidal. 103 min. Abril.*

Turturro decide fugir da triste rotina

DRAMA

A CHAVE DA LIBERDADE

★★★

A HISTÓRIA Al Fountain, engenheiro elétrico que está temporariamente trabalhando em outra cidade, é vítima das chacotas de seus colegas. Ranzinza e metódico, ele telefona todas as noites para a mulher e o filho. Cansado de sua vida banal, decide tirar uns dias de folga antes de voltar para casa. À procura de um lago que visitou na infância, acaba conhecendo um rapaz excêntrico, que desprezou os bens materiais para viver no meio do mato.

O COMENTÁRIO Depois de invadir os loucos bastidores de uma produção independente em *Vivendo no Abandono*, Tom DiCillo volta mais preocupado com os valores da vida. Algumas cenas banais – como nadar de cuecas em um lago ou roubar um tomate da horta do vizinho – primam pela deliciosa ingenuidade, enquanto outras pecam pela esquisitice. O cineasta sugere que, com um baixo orçamento, é fácil descobrir a chave da liberdade.

Miguel Barbieri Jr.

(Box of Moonlight, EUA, 1996) ***Direção:*** *Tom DiCillo.* ***Com*** *John Turturro, Sam Rockwell, Catherine Keeler, Lisa Blount, Annie Corley, Alexander Goodwin, Dermot Mulroney. 111 min. Abril.*

SUSPENSE

A SOMBRA DO DESEJO

★★★

Hopper contempla seu objeto de desejo

A HISTÓRIA O capanga de um violento mafioso, tão subserviente que ganhou o apelido de Mosca, apaixona-se por uma decadente e viciada atriz de filmes pornô, mais uma das muitas vítimas de seu chefe. Decidido a protegê-la e a se vingar de tantos anos de humilhação e de trabalho sujo, ele arma um golpe em parceria com um falido diretor de cinema, que deve muito dinheiro ao seu chefe, desencadeando um sangrento embate.

O COMENTÁRIO Este parece ser apenas mais um filme de gângster que tenta fugir da violência indiscriminada e dos clichês do gênero com a ajuda de um roteiro elaborado. O diretor Peter Markle, porém, estilizou esse retrato da decadência dos valores da sociedade americana com uma direção de arte e de fotografia glamourosas, dando espaço ao seu elenco para desenvolver atuações dramaticamente consistentes.

Fátima Gigliotti

(The Last Days of Frankie the Fly, EUA, 1997) **Direção**: *Peter Markle.* **Com** *Dennis Hopper, Kiefer Sutherland, Daryl Hannah, Michael Madsen, Dayton Callie. 96 min. Alpha.*

DRAMA

A GRANDE NOITE

★★★★

A HISTÓRIA Dois irmãos vindos da Itália tentam se estabelecer na América dos anos 50 e abrem um restaurante onde são servidos pratos da melhor culinária italiana. Os negócios vão mal, pois os fregueses não reconhecem a arte de cada receita, preferindo o cardápio americanizado de um concorrente. Para evitar a falência, eles promovem a "Grande Noite" do título, durante a qual oferecem um grande banquete aos amigos.

O COMENTÁRIO Dirigido a quatro mãos pelos também atores Stanley Tucci e Campbell Scott, esta comédia dramática é uma espécie de resposta latina ao cultuado *A Festa de Babette*. O dilema entre o artesanal e o industrial é ricamente explorado na relação entre os personagens. O resultado é um filme em que lirismo e riso convivem na dose certa. Um bom elenco e a sutileza da direção e do roteiro tornam este prato irresistível.

Augusto Morante Neto

(Big Night, EUA, 1996) **Direção**: *Campbell Scott e Stanley Tucci* **Com** *Stanley Tucci, Tony Shalhoub, Minnie Driver, Ian Holm, Isabella Rossellini, Campbell Scott. 108 min. Columbia TriStar.*

Columbia TriStar

Minnie Driver e Stanley Tucci curtem a noite

Cannes

Hopper e Modine são amigos de farra

DRAMA

BLACKOUT

★★

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Em Miami, ator consagrado mergulha de cabeça em uma rotina de drogas pesadas, álcool e sexo bizarro. Desesperada com o seu estado, a namorada, Annie, aborta e sai de sua vida. Para esquecê-la, o astro decadente tem uma última noite de excessos, ao final da qual desmaia. Dezoito meses depois, em Nova York, ele está se reabilitando de seus vícios e namorando a bela e loira Susan. Mas não consegue esquecer Annie.

O COMENTÁRIO Mais uma expiação pessoal do perturbado diretor Abel Ferrara (*Vício Frenético*), pontuada por culpas e punições de conteúdo católico. O cineasta expõe suas vísceras, mas com freqüência é prolixo e auto-indulgente. O filme, que apresenta uma das melhores interpretações de Matthew Modine, marca a inexpressiva estréia como atriz da modelo Claudia Schiffer e conta com imagens poderosas. O espetáculo, porém, é extremamente desagradável.

Christian Petermann

(The Blackout, EUA, 1997) **Direção**: *Abel Ferrara.* **Com** *Matthew Modine, Dennis Hopper, Claudia Schiffer, Beatrice Dalle, Sarah Lassez. 94 min. Cannes.*

DRAMA

DR. MESMER – O FEITICEIRO

★★★

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Na Viena do século 18, uma junta médica se reúne para julgar o controvertido método do doutor Franz Anton Mesmer. Guiado por sua crença no "magnetismo animal", Mesmer desenvolveu um tratamento – contra a dor, o desequilíbrio mental e outras doenças – a partir do estímulo da força magnética que existiria em todos os seres vivos. A polêmica que cerca suas curas aumenta quando alguns pacientes reclamam da falta de resultados.

O COMENTÁRIO Esta é a história de um visionário, um homem amargurado por não saber como aplicar eficazmente sua descoberta. Ninguém melhor, portanto, do que Alan Rickman (de *Razão e Sensibilidade*) para traduzir em gestos e olhares a desarmonia em que vive o protagonista. Embora o ritmo inicial provoque alguns bocejos, a narrativa se torna vigorosa quando o doutor descobre a causa da cegueira de sua mais famosa paciente.

Suzana Uchôa Itiberê

(Canadá/Inglaterra/Alemanha, 1994) **Direção**: *Roger Spottiswoode.* **Com** *Alan Rickman, Amanda Ooms, Gillian Barge, Jan Rubes, Anna Thalbach, Simon McBurney. 106 min. Paris.*

Alan Rickman é um visionário amargo

SUSPENSE

PODER ABSOLUTO ★★★

O Oscar de direção por *Os Imperdoáveis* consagrou Clint Eastwood como um dos cineastas mais respeitados e independentes de Hollywood. Depois da delicadeza de *As Pontes de Madison*, ele transformou o romance de David Baldacci, adaptado pelo oscarizado William Goldman, em um vigoroso exercício de direção. A trama – um experiente ladrão testemunha um assassinato cometido pelo presidente dos Estados Unidos e passa a ser caçado não apenas pela polícia mas também pelos agentes do Serviço Secreto – é um louvável pretexto para Clint revisitar e enriquecer os elementos do suspense policial. Desenvolvendo uma narrativa impecável e reunindo um grande elenco, ele faz uma crítica implacável aos bastidores da política americana enquanto professa uma lição particular sobre cinema.

Fátima Gigliotti

Columbia TriStar

Clint e Ed Harris trocam idéias durante uma folga na perseguição

(Absolute Power, EUA, 1997) **Direção**: *Clint Eastwood.* **Com** *Eastwood, Gene Hackman, Ed Harris, Laura Linney, Judy Davis, Scott Glenn, Dennis Haysbert, E.G. Marshall. 120 min. Columbia TriStar.*

VIDEOlançamentos

Paris

Mãe alcoólatra dá uma lição de vida ao filho

DRAMA

JOVENS E SONHADORES

★★

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Dois irmãos são criados pela mãe alcoólatra e, unidos na alegria e na tristeza, crescem em meio à violência que impera no East Harlem, de Nova York. Quando adultos, trilham caminhos opostos: depois de perder a mãe precocemente, Lex, o irmão mais velho, se casa, tem um filho e, para sustentar a família, envolve-se com traficantes e acaba se viciando em crack; já o caçula Mick realiza o seu sonho de criança e se torna policial.

O COMENTÁRIO Os atores Nick Chinlund e Michael Raynor estrelaram no teatro este texto do diretor (estreante em cinema) Seth Zvi Rosenfeld, amigo de infância da dupla. Trata-se, porém, de uma discussão datada sobre os sonhos e frustrações dos jovens de hoje. Com participação de atores famosos (como Marisa Tomei, que está ótima na pele de uma *junkie*), o filme serve apenas de veículo para a promissora e pouco conhecida dupla de protagonistas.

Miguel Barbieri Jr.

(A Brother's Kiss, EUA, 1997) **Direção:** *Seth Zvi Rosenfeld.* **Com** *Nick Chinlund, Michael Raynor, Cathy Moriarty, Rosie Perez, Marisa Tomei, John Leguizamo, Michael Rapaport. 92 min. Paris.*

COMÉDIA

UM REFÉM DO BARULHO

★

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Dois trapalhões oportunistas são enganados em uma negociata e decidem seqüestrar o filho de um milionário para compensar o golpe. O garoto, porém, é um pestinha indomável, e ninguém acredita na hipótese de seqüestro quando ele desaparece. Até que dois perigosos seqüestradores fogem da cadeia e deixam o xerife da pequena cidade alarmado. É quando o milionário deixa os negócios de lado para finalmente procurar o filho.

O COMENTÁRIO Herdeira bastarda de *Dennis, o Pimentinha*, esta comédia infanto-juvenil investe na mesma fórmula "criança indócil lutando contra bandidos aproveitadores". Mesmo o deslocamento da história para o Velho Oeste e a caracterização acentuadamente cômica dos vilões caem no lugar-comum. O roteiro previsível tem cenas de mau gosto, e a direção de Bob Clark (*Porky's*) é pouco inspirada.

Fátima Gigliotti

(The Ransom of Red Chief, EUA, 1996) **Direção:** *Bob Clark.* **Com** *Christopher Lloyd, Michael Jeter, Haley Joel Osment, Alan Ruck, Richard Moll. 90 min. Alpha.*

Os adultos são vítimas nas mãos de um pestinha

DRAMA

DOPING

★★

A HISTÓRIA No início dos anos 60, Earl Manigault ganha o apelido de The Goat e chama a atenção por sua habilidade nas quadras de basquete do Harlem. Incentivado por um faxineiro, ele volta a estudar em uma pequena cidade do interior para chegar à faculdade. Seu sonho de se tornar um astro do esporte transforma-se em pesadelo quando se vicia em drogas leves, é denunciado por um treinador e engravida uma colega de escola.

O COMENTÁRIO O craque do basquete Kareem Abdul-Jabbar confessou em seu jogo de despedida, em 1989, que The Goat foi o maior jogador de todos os tempos. Sua biografia é levada às telas com excessiva carga dramática e explícita campanha preventiva: há 25 anos, The Goat promove anualmente um campeonato nas quadras do Harlem chamado Fuja das Drogas. Vale principalmente pela deliciosa trilha sonora com hits da Motown.

Miguel Barbieri Jr.

(Rebound, EUA, 1997) **Direção:** *Eriq LaSalle.* **Com** *Don Cheadle, James Earl Jones, Michael Beach, Loretta Devine, Ronny Cox, Eriq LaSalle, Forest Whitaker, Clarence Williams III. 115 min. Warner.*

COMÉDIA MUSICAL

ESPERANDO O SR. GUFFMAN

★★★★

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Este é um documentário falso sobre Blaine, uma cidade fictícia que está comemorando 150 anos. Para tanto, a prefeitura prepara um espetáculo musical que apresentará os principais fatos da história oficial da cidade, que se vangloria de ser a maior produtora de banquinhos do país e de também ser pioneira na visita de alienígenas (e não Roswell!). Moradores do local serão testados para o show, dirigido por um profissional da Broadway.

O COMENTÁRIO Deliciosa surpresa, que em certos momentos lembra o tom debochado de *True Stories*, de David Byrne, ao retratar as peculiaridades do interior americano. Com depoimentos de anônimos e um interlocutor invisível, o filme brinca com cacoetes da linguagem documental e obtém irresistíveis efeitos cômicos. Christopher Guest já havia feito algo semelhante no inédito *This Is Spinal Tap*, sobre um grupo de rock imaginário.

Christian Petermann

(Waiting for Guffman, EUA, 1997) **Direção:** *Christopher Guest.* **Com** *Guest, Eugene Levy, Parker Posey, Catherine O'Hara, Fred Willard, Bob Balaban, Larry Miller. 83 min. Columbia TriStar.*

Columbia TriStar

Guest é o diretor dentro e fora do filme

COMÉDIA

AUSTIN POWERS ★★★

Mike Myers é um cara legal – um adulto com espírito de moleque. Depois de conceber a dupla de adolescentes retardados Wayne e Garth, da série *Quanto Mais Idiota Melhor*, ele escreveu e produziu esta divertida sátira aos filmes de espionagem. Austin Powers é um superagente inglês congelado criogenicamente por trinta anos, que é trazido de volta em plenos anos 90 para combater o maligno Dr. Evil – seu arquiinimigo, que também passou os últimos trinta anos hibernando –, igualmente interpretado por Myers. Tudo é uma desculpa para o herói destruir cada um dos clichês que ficaram eternizados nas aventuras de James Bond – desde as bugigangas tecnológicas até o complicado plano do Dr. Evil para eliminar o agente. O melhor do filme, porém, são as confusões em que Austin se mete ao tentar se adaptar ao final do milênio – o que fica mais complicado quando ele descobre que a Londres dos anos 60, onde se pregava o amor livre e reinava o psicodelismo, não se parece nada com o mundo paranóico de hoje. Agora, fica a dúvida: quem foi que teve a infeliz idéia de dar o subtítulo "000 – Um Agente Nada Discreto" ao filme?

Roberto Sadovski

Paris

Mike Myers dança antes de hibernar

(Austin Powers: International Man of Mystery, EUA, 1997) **Direção:** *Jay Roach.* **Com** *Mike Myers, Elizabeth Hurley, Michael York, Mimi Rogers, Robert Wagner, Seth Green, Charles Napier, Carrie Fisher. 89 min. Paris.*

DRAMA

RÉU PRIMÁRIO

★★★

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Depois de ser preso por traficar drogas, o jovem Greg Yance é condenado a cinco anos de prisão. Por ser réu primário, ele tem a opção de ingressar em um programa de reabilitação em regime militar. Depois de ajudar a população de uma comunidade gravemente atingida por uma enchente, Yance volta às ruas. Não conseguindo um emprego por ser ex-presidiário, ele acaba tentado a voltar para o tráfico.

O COMENTÁRIO O ator Charles S. Dutton (*Mutação*) estréia na direção com este drama, que mistura paixão e conhecimento de causa – ele próprio é um ex-presidiário. Dutton, porém, se revela um diretor apenas correto, que não consegue extrair nada de novo de um roteiro já bastante limitado. Mesmo assim, ele é honesto com o tema e consegue arrancar boas interpretações do elenco, fazendo de *Réu Primário* um filme interessante.

Roberto Sadovski

(First Time Felon, EUA, 1997) **Direção**: *Charles S. Dutton.* **Com** *Omar Epps, Delroy Lindo, Rachel Ticotin, Treach, William Forsythe. 106 min. Warner.*

DRAMA

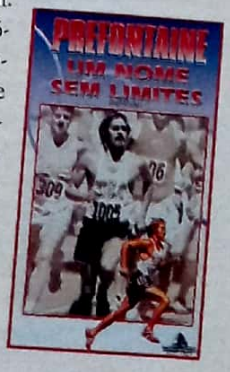
PREFONTAINE - UM NOME SEM LIMITES

★★★

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Nascido em Coos Bay, pequena cidade de Oregon, nos EUA, Steve Prefontaine torna-se um corredor de projeção nacional ao ingressar na equipe de atletismo da Universidade de Oregon. Especialista em uma das provas mais nobres, os cinco mil metros rasos, ele bate sucessivos recordes universitários e realiza o sonho de disputar a Olimpíada de Munique, em 1972. Sua rebeldia, porém, lhe traz problemas.

O COMENTÁRIO Steve James, co-diretor de *Basquete Blues*, volta ao mundo do esporte com este drama baseado em fatos verídicos e narrado em estilo semidocumental. "Entrevistas" com os próprios atores que interpretam técnicos, parentes e amigos de Prefontaine, intercaladas à ação, lembram a trajetória do atleta. Híbrido, o filme perde a força que poderia alcançar apenas como drama ou então como documentário.



Sérgio Rizzo

(Prefontaine, EUA, 1997) **Direção**: *Steve James.* **Com** *Jared Leto, R. Lee Ermey, Ed O'Neill, Amy Locane, Lindsay Crouse, Laurel Holloman, Kurtwood Smith. 106 min. Abril.*

Tommy Lee Jones deveria sair de férias com a filha (Gaby Hoffmann), mas prefere enfrentar a fúria da natureza

AÇÃO

VOLCANO

★★★

A onda de filmes-catástrofe parece mesmo ter recomeçado em Hollywood. Depois que o furacão de *Twister* estourou nas bilheterias, os estúdios logo soltaram do forno outra série de desastres como *Daylight*, *O Inferno de Dante* e o megassucesso *Titanic*, embora neste a história de amor seja mais importante do que a submersão do transatlântico. *Volcano* é mais um na fila, mas o filme de Mick Jackson vem com um diferencial. O diretor de *L.A. Story* retorna à cidade de Los Angeles e a escolhe como palco da trama que apresenta Tommy Lee Jones no papel de Mike Roark, o chefe dos Serviços de Emergência. Jones tem o poder de controlar todos os recursos da cidade no caso de um desastre. E este vem na forma, inacreditável, de lava. Avisado do acidente que praticamente derreteu dois técnicos que trabalhavam no subterrâneo, Jones interrompe seu primeiro dia de férias ao lado da filha e se reúne à equipe para investigar. Com a ajuda de uma geóloga (Anne Heche), ele descobre que, além dos habituais terremotos, os habitantes agora têm de conviver com um vulcão no meio da Wilshire Boulevard, uma das principais artérias de trânsito da cidade. As imagens da explosão são impressionantes, um frenético show de fogos e lava que esquenta até a platéia. A assumida exploração dessas imagens e da tragédia causada pela erupção é o maior mérito da produção. Em momento algum, o diretor tenta desviar a atenção para tramas paralelas, tão comuns em filmes similares. Haja fôlego: não há romance, drama familiar ou momentos de calmaria que aliviem a tensão. Para os fãs do gênero, *Volcano* é um espetáculo arrebatador.

Suzana Uchôa Itiberê

(EUA, 1997) **Direção**: *Mick Jackson.* **Com** *Tommy Lee Jones, Anne Heche, Gaby Hoffmann, Don Cheadle, Jacqueline Kim, Keith David, John Corbett, John Carroll Lynch. 103 min. Abril/Fox.*

VIDEOlançamentos

Kassovitz reinventa sua própria história

UM HERÓI MUITO DISCRETO ★★★★

DRAMA

Esta impagável comédia dramática "ensina" uma lição indispensável: como se aproveitar de um momento histórico específico, subverter os valores e de quebra se transformar em uma pessoa que não se é. O diretor e co-roteirista Jacques Audiard apresenta essa fantasia de forma instigante e com extremo bom gosto estético. Mathieu Kassovitz interpreta Albert Dehousse, um provinciano anônimo que descobre que, observando pessoas, imitando gestos, memorizando frases e fatos, é possível criar uma personalidade nova e notável. Aproveitando-se do impasse moral e factual do imediato pós-guerra na França, Dehousse se transforma, aos poucos e meticulosamente, em um herói de guerra. O diretor se coloca como um jornalista invisível, que entrevista personalidades para "dissecar" esse fenômeno, o de um herói pré-fabricado. Jean-Louis Trintignant é uma espécie de narrador, enquanto que em algumas vinhetas vê-se um quarteto de cordas interpretando a magnífica trilha de Alexandre Desplat. O filme convida o espectador a um delicioso exercício de ficção. É pena que o epílogo, na Alemanha, carregue demais no tom dramático ao resolver o impasse moral do personagem. É um pequeno porém em uma obra que reinventa a história.

Christian Petermann

(Um Héros Très Discret, França, 1996) **Direção**: *Jacques Audiard.* **Com** *Mathieu Kassovitz, Anouk Grinberg, Sandrine Kiberlain, Jean-Louis Trintignant. 105 min. Europa.*

Robert Loggia é o delegado veterano

O DIREITO DE FICAR CALADO ★★

DRAMA

A HISTÓRIA O filme descreve o primeiro dia de trabalho de uma policial, que fica de plantão em uma delegacia para fotografar e pegar as digitais dos criminosos, marginais e perdidos na noite que lá chegam. Ela conhece, entre outros, uma entregadora de pizza que matou um jovem estuprador, um senhor que cometeu eutanásia para aliviar a dor de sua mulher e uma professora demitida por estar com Aids e que corta os pulsos em protesto.

O COMENTÁRIO Este telefilme é vítima de suas boas intenções e de uma estrutura esquemática. Cada caso é apresentado quase da mesma forma, com a "vítima" descrevendo o ocorrido enquanto flashbacks explicitam a situação. Lea Thompson é a novata que os interroga. Ao lado de belos momentos, como os protagonizados por um mendigo (Christopher Lloyd), há outros que são didáticos, como o da professora (Laura San Giacomo).

Christian Petermann

(The Right to Remain Silent, EUA, 1996) **Direção**: *Hubert de la Bouiller.* **Com** *Robert Loggia, Lea Thompson, Christopher Lloyd, Amanda Plummer, Patrick Dempsey, Laura San Giacomo, Judge Reinhold, Fisher Stevens. 95 min. Alpha.*

Garotas em busca de amor e humor

HOTEL DE LOVE ★★★

COMÉDIA ROMÂNTICA

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Na adolescência, os gêmeos não idênticos Rick e Stephen se apaixonam por Melissa. Rick leva a melhor, enquanto Stephen nutre um arrebatador amor platônico pela conquista do irmão. Dez anos depois, para comemorar o aniversário de casamento dos pais, a família se reúne no Hotel de Love. Lá, os dois irmãos reencontram Melissa, que está de casamento marcado com um sujeito sem graça.

O COMENTÁRIO Esta deliciosa comédia romântica ambienta-se no psicodélico hotel do título, com seus quartos kitsch e um piano de cujo teclado saem saborosas baladas dos anos 70 e 80. Ao narrar os encontros e desencontros amorosos dos dois irmãos, o diretor estreante Craig Rosenberg conseguiu unir diálogos inteligentes a uma trama cheia de surpresas. Os fãs do sucesso *Quatro Casamentos e um Funeral* têm aqui um prato cheio.

Suzana Uchôa Itiberê

(Austrália, 1996) **Direção**: *Craig Rosenberg.* **Com** *Simon Bossell, Aden Young, Saffron Burrows, Pippa Grandison, Ray Barrett, Julia Blake. 92 min. PlayArte.*

JOVEM E INOCENTE ★★★

SUSPENSE

A HISTÓRIA Atriz famosa é assassinada em sua casa de praia, e a polícia suspeita de um jovem, visto por duas testemunhas correndo do local onde o corpo foi encontrado. Para provar sua inocência, o rapaz procura localizar o verdadeiro assassino. Uma jovem que acredita em sua versão se dispõe a ajudá-lo, mas a tarefa parece complicada demais para a dupla. Quando as esperanças estão no fim, um imprevisto traz a pista do culpado.

O COMENTÁRIO Antepenúltimo filme de Hitchcock na Inglaterra, posterior a *O Marido Era o Culpado* e anterior a *A Dama Oculta*, aproveita idéia semelhante à de *Os 39 Degraus*, só que com humor e personagens mais jovens. A cena final, que inclui um revelador plano-seqüência sobre uma pista de dança e um divertido número musical, vale sozinha o espetáculo. Hitchcock faz uma ponta como um fotógrafo em frente ao tribunal.

Sérgio Rizzo

(Young and Innocent, Inglaterra, 1937) **Direção**: *Alfred Hitchcock.* **Com** *Derrick de Marney, Nora Pilbeam, Percy Marmont, Edward Rigby, Mary Clare. 81 min. Em p&b. Reserva Especial.*

A heroína está à procura de uma pista

DAD E DAVE — OS CONQUISTADORES ★★

COMÉDIA

INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Uma família de agricultores se muda para o interior da Austrália a fim de cultivar milho. A seca, o ambiente hostil e as dificuldades criadas por um poderoso político da região, interessado em se apossar de pequenas fazendas, fazem com que a união da família seja colocada à prova. Farto das injustiças, o irreverente patriarca Rudd se candidata a um cargo eletivo para com isso defender os direitos de seus semelhantes.

O COMENTÁRIO Trata-se de uma comédia tipicamente australiana, cheia de bizarrices e personagens esquisitos. Mesmo tendo bom humor e uma interessante direção de arte, falta ao filme ritmo e diálogos menos previsíveis. O ótimo elenco, porém, chama a atenção: o filme marca a estréia no cinema da soprano Joan Sutherland e mostra a dupla Noah Taylor e Geoffrey Rush, que arrasou em *Shine – Brilhante*.

Augusto Morante Neto

(Dad and Dave On Our Selection, Austrália, 1995) **Direção**: *George Whaley.* **Com** *Leo McKern, Joan Sutherland, Geoffrey Rush, Noah Taylor, Celia Ireland, Barry Otto. 102 min. América.*

DRAMA

SAN FRANCISCO - A CIDADE DO PECADO

★★★★

A HISTÓRIA Em 1906, alguns meses antes do terremoto que atingiu São Francisco, a recatada Mary consegue um emprego de cantora no clube noturno de Blake Norton, um homem generoso e libertino. Nasce entre os dois uma paixão que ambos custam a assumir. Ao mesmo tempo em que ele resolve disputar uma eleição municipal, o milionário Burkley se interessa pelo talento de Mary e insiste em lançá-la como cantora de ópera.

O COMENTÁRIO Esta superprodução da Metro foi uma das primeiras a contar uma história que terminasse em catástrofe. O diretor saiu-se bem tanto no folhetim romântico quanto nas cenas de destruição. Além disso, tirou ótimo proveito do contraste entre Clark Gable, de estilo debochado e sedutor, e a aparente candura de Jeanette MacDonald, que canta trechos das óperas *Fausto* e *La Traviata* e a popular canção "San Francisco".

Alfredo Sternheim

(San Francisco, EUA, 1936) ***Direção:*** *W.S. Van Dyke II.* ***Com*** *Clark Gable, Jeanette MacDonald, Spencer Tracy, Jack Holt, Jessie Ralph, Ted Healy, Shirley Ross. 115 min. Em p&b. Cult & Classics.*

COMÉDIA

GIOVANI E BELLI

★★

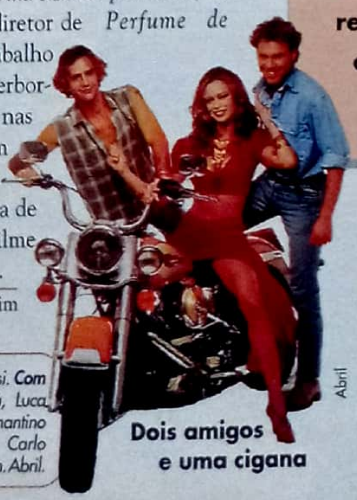
INÉDITO NO CINEMA

A HISTÓRIA Em Roma, os jovens Gino e Luca se tornam amigos. O primeiro, mais pobre, vive de expedientes e, no momento, trabalha como *stripper* em um clube de mulheres. O segundo é filho de um rico político, que é preso por envolvimento em um escândalo financeiro. Os dois rapazes vão morar juntos. Eles conhecem Zorilla, uma bela cigana que havia roubado o veículo de Luca. Ambos sentem-se atraídos pela moça.

O COMENTÁRIO Nascido em 1917, Dino Risi já não tem a mesma garra de antes. Expondo as diferenças sociais com uma história semelhante à do clássico *Uma Mulher para Dois*, de François Truffaut, o diretor de *Perfume de Mulher* oferece um trabalho frio, acomodado na verborragia do roteiro. Só nas cenas provocantes, em que explora a sensualidade e a notável beleza de Anna Falchi, é que o filme cresce em intensidade.

Alfredo Sternheim

(Itália, 1996) ***Direção:*** *Dino Risi.* ***Com*** *Anna Falchi, Edoardo Scatá, Luca Venantini, Gina Rovere, Venantino Venantini, Ciccio Ingrassia, Carlo Croccolo, Carla Cassola. 91 min. Abril.*



Abril

Dois amigos e uma cigana

CIC

Em plena guerra, soldados sérvios esperam pelo pior

DRAMA

BELA ALDEIA, BELA CHAMA

★★★★★

Emir Kusturica foi talvez o último representante do "velho" (e bom) cinema iugoslavo a alcançar projeção internacional. A geração de Srdjan Dragojevic, mais jovem, já não encontrou mais uma indústria cinematográfica no país. Na verdade, já não encontrou mais o próprio país. Prêmio da crítica na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, em 1996, *Bela Aldeia, Bela Chama* começa em 1971, quando ainda havia uma nação iugoslava: seu líder, o marechal Tito, está inaugurando as obras de um túnel ligando Belgrado a Zagreb. Uma década depois, dois garotos, um sérvio e um muçulmano, partilham experiências, entre elas o pavor de entrar nas ruínas daquele túnel, onde viveria um bicho-papão. Os amigos reaparecem em 1992, discutindo a possibilidade de uma guerra civil, e em 1994, participando dela, em lados opostos. O sérvio termina encurralado dentro do mesmo túnel, em companhia de outros soldados e de uma jornalista americana; o muçulmano, do lado de fora, aguarda com sua tropa que os inimigos saiam dali. Flashbacks reconstituem episódios na vida dos personagens. Financiado parcialmente pelo líder sérvio Radovan Karadzic (que retirou o apoio ao notar o tom de crítica do filme) e baseado em fatos verídicos descritos em reportagens do co-roteirista Vanja Bulic, *Bela Aldeia* não sonha com o fim da intolerância e a reconstrução do país e de seu cinema, mas demonstra, com fôlego invejável, que é sempre possível manter acesa a chama de filmar.

Sérgio Rizzo

(Lepa Sela, Lepo Gore, Iugoslávia, 1996) ***Direção:*** *Srdjan Dragojevic.* ***Com*** *Dragan Bjelogrlic, Nikola Kojo, Dragan Maksimovic, Velimir-Bata Zivojinovic, Zoran Cvijanovic. 123 min. Cannes.*

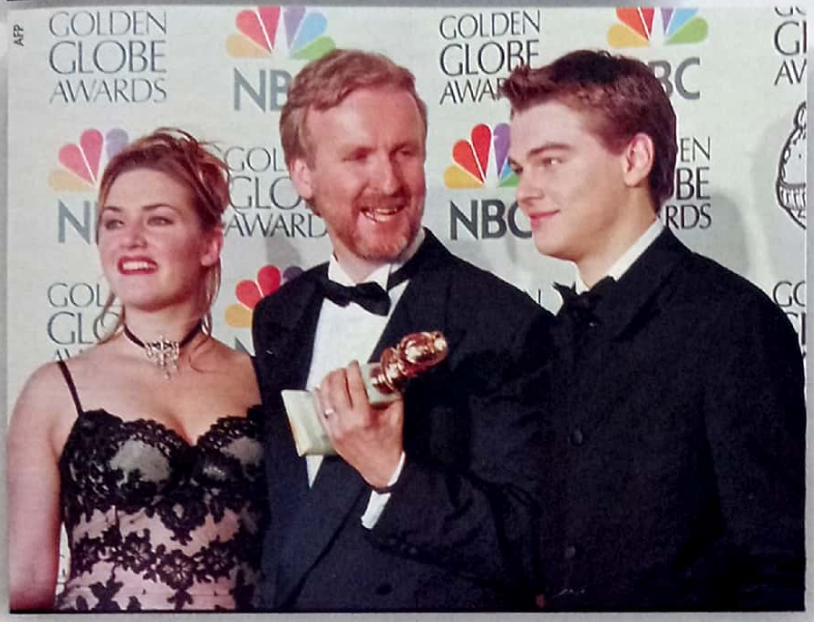
Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril/Fox	0800120-199	Europa/Carat	(011) 7295-7020
Alpha	(011) 230-0200	Paris	(011) 872-4404
Cannes	(011) 7295-7020	PlayArte	(011) 575-6996
Columbia TriStar	(011) 5505-3836	Reserva Especial	(011) 605-6101
Cult & Classics	(021) 262-5212	Warner	(011) 820-6777

ORIENT
Automático
O CORPO.
ORIENT
AUTOMATIC
21 JEWELS
A ALMA.
Automático, sim.
Tradição que nunca sai de moda.
Para quem conhece a diferença de seu mecanismo inteligente, alimentado pela energia do seu corpo.
Esportivos, casuais ou clássicos.
Dezenas de opções de designs nas diversas versões do Orient Automático.
Escolha o seu.
Para você, ou para quem você realmente ama.
Orient Automático, o único com garantia até o ano 2001.
O relógio de corpo e alma.
PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS.
CONHEÇA O AMAZONAS.
ACC-Central de Criação

mais TAKES

A premiação do Globo de Ouro consagra o romance épico de James Cameron



O vencedor: Cameron, ao lado de Kate Winslet e Leonardo DiCaprio

TITANIC na cabeça

Jack Nicholson tirou um sarro da cara de Jim Carrey, agradecendo seu prêmio pelo traseiro. O ator Ving Rhames surpreendeu uma platéia atônita quando entregou, em prantos, sua estatueta de melhor ator em filme de televisão ao veterano Jack Lemmon. E a atriz televisiva Christine Lahti demorou a chegar ao palco para receber um prêmio de melhor atriz em uma série de TV porque estava no banheiro. Mas as surpresas da premiação do Globo de Ouro, realizada em 18 de janeiro passado, em Los Angeles, acabam por aí.

Como já era de se esperar, os jornalistas que formam a Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood consagraram o épico *Titanic*, de James Cameron, como o melhor filme de 1997 na categoria drama, e Cameron como melhor diretor. Já *Melhor É Impossível*, de James L. Brooks, ficou com a estatueta de melhor filme na categoria comédia ou musical. A festa, considerada por muitos como uma prévia do Oscar, reuniu a nata do cinema e da televisão americana numa disputada premiação que a cada ano cresce em importância e respeito.

Ou quase. Foi impossível disfarçar o embaraço quando a dupla Matt Damon e Ben Affleck subiu ao palco para receber um Globo de Ouro pelo roteiro de *Gênio Indomável* – não que o filme seja ruim, muito pelo contrário. Mas seria este o "prêmio de consolação" para Curtis Hanson, que escreveu e dirigiu o excelente *Los Angeles – Cidade Proibida*, filme que acabou levando apenas a estatueta de atriz coadjuvante para Kim Basinger. Outros premiados foram Burt Reynolds (coadjuvante por *Boogie Nights*), Helen Hunt (atriz em comédia ou musical por *Melhor É Impossível*), Judi Dench (atriz em drama por *Mrs. Brown*) e Peter Fonda (ator em drama por *Ulee's Gold*), além de Jack Nicholson, irreverente como nunca, agraciado com um Globo de Ouro por sua performance em *Melhor É Impossível*. ■

ARNOLD SCHWARZENEGGER
PANCADARIA POLICIAL

Depois de ganhar zilhões de dólares para mostrar o queixo em *Batman & Robin*, Arnold Schwarzenegger colocou todas as suas energias no projeto *I Am Legend*, de Ridley Scott, que seria a terceira adaptação do romance de ficção científica escrito por Richard Matheson. Mas o preço encostou nos cem milhões de doletas e a Warner puxou a tomada. Agora, entre as dezenas de roteiros que tem para escolher, Schwarzie está de olho em *S.W.A.T.*, uma versão para a tela grande da ultraviolenta série de televisão dos anos 70. Quem leu o roteiro garante: vai ser um filmaço. A direção será de Roger Spottiswoode, responsável por *007 – O Amanhã Nunca Morre*.

Arnold: policial barra-pesada

JOHN TRAVOLTA
BALANÇANDO O ESQUELETO

Está certo que John Travolta ensaiou alguns passos de dança em *Pulp Fiction* e em *Michael*, mas já estava na hora de o astro de *Os Embalos de Sábado à Noite* voltar a se requebrar na telona com estilo. Travolta se unirá ao produtor musical Babyface para um filme que se passa na cena musical alternativa de Nova York. O astro fará um ex-dançarino que redescobre a paixão pela música e pela dança através de uma dançarina latina – a parceira de Travolta para o filme ainda não foi anunciada.

John: na pista de dança

mais TAKES

Columbia/TriStar

Courtney: a ex-bagaça se prepara para voltar às telas

COURTNEY LOVE
PRONTA PARA MAIS UMA RODADA

Todos em Hollywood já estavam pensando que a carreira da roqueira Courtney Love no cinema estaria reduzida à sua participação irretocável em *O Povo Contra Larry Flynt* – mas ela está disposta a colocar um fim na boataria. Courtney demonstrou interesse em participar de *200 Cigarettes*, que mostra um grupo de amigos a caminho de Nova York para participar da festança de ano-novo na Times Square em 1981. O filme ainda não tem data para ser iniciado, mas os atores Ben Affleck, Christina Ricci e Gaby Hoffman podem integrar o elenco. Será que é dessa vez que Courtney perde a imagem de bagaça?

QUENTIN TARANTINO
ROMÂNTICO INCURÁVEL

Nem os boatos de que sua amada Mira Sorvino estava tendo um caso com o astro Val Kilmer abalaram os planos de Natal do diretor Quentin Tarantino. Ignorando os rumores, Quentin disse que Mira e Val estão apenas se conhecendo melhor para as filmagens de thriller *At First Sight* e se mandou com a atriz para uma cabana isolada na Nova Inglaterra. Enquanto isso, o diretor de *Jackie Brown* se prepara para voltar à frente das câmeras em *Kill Shot*, o novo filme dirigido por Robert De Niro. Para garantir a namorada, ele divide a cena com – vocês já adivinharam – Mira Sorvino!

Quentin e Mira: é melhor prevenir

PRINCESA DIANA
TRIBUTO GROSSEIRO

Parece que os ingleses não estão dispostos a deixar que a Princesa Diana descanse em paz de maneira alguma. Além das bonecas, vídeos, selos e mais uma centena de traquitanas relacionadas a ela, o cineasta britânico David Puttnam anunciou a realização de uma biografia da princesa – pior ainda, ele quer chamar a atriz pornô Christina Hance para o papel principal. Para os que não se lembram, Hance personificou Diana num vídeo realizado no início da década, que mostrava a "princesa" com um amante em cenas picantes. Que baixaria...

THE BIG SHIT
CINEMA BRAZUCA HARD CORE

Um dos filmes mais bizarros já feitos no Brasil será lançado este mês. É *The Big Shit*, da diretora Renata Neves, que conta a história de um monstro formado pelo lixo atirado ao mar, e que ameaça destruir o planeta. Enquanto o caos se instaura em todo o mundo, uma comunidade de surfistas, a ilha da Espera, agradece aos céus pelo monstro, já que o clima e as ondas por lá nunca estiveram tão perfeitos. O filme mistura atores globais com cenários alucinados e desenho animado, mas o destaque fica por conta da trilha, assinada pelos Raimundos Rodolfo e Digão. *The Big Shit*, que tem um pouco mais de meia hora de duração, ainda não tem previsão de estrear nos cinemas em grande circuito.

***The Big Shit*: monstro nacional**

Divulgação

Natasha: como veio ao mundo

SPECIES 2: ORIGIN
ALIENÍGENA "DO BEM"

A ficção científica *A Experiência* apostou na beleza da beldade Natasha Henstridge, que interpretava uma alienígena que eliminava os humanos com a intenção de procriar, e se tornou um inesperado sucesso. Como em time que está ganhando não se mexe, a MGM caprichou nas cenas de nudez de Natasha em *Species 2: Origin*, que chega às telas gringas em junho. Desta vez, ela é uma alienígena "do bem", que ajuda um grupo de cientistas – os que sobreviveram ao primeiro filme – a caçar um astronauta infectado por um vírus alienígena disposto a... procriar! Será que os ETs só pensam "naquilo"?

CORRA QUE A POLÍCIA VEM AÍ
SUMIRAM COM NORDBERG!

O trio de comediantes Jim Abrahams, Jerry e David Zucker vai se reunir para produzir a terceira seqüência da bem-sucedida série *Corra que a Polícia Vem Aí*, protagonizada pelo hilário Leslie Nielsen, que interpreta o tenente Frank Drebin. Mas dessa vez Drebin estará sozinho em sua luta contra o crime: O.J. Simpson, que fazia o fiel companheiro do policial, o atrapalhado Nordberg, não fará parte do filme. O próprio Nielsen diz que, embora a decisão final seja da Paramount, ele admite que não faria o filme ao lado de O.J. – que foi julgado pela morte de sua ex-mulher e de um amigo dela, tendo sido absolvido em 1995.

LARRY HAGMAN
VIVENDO PERIGOSAMENTE

O ator Larry Hagman, mais conhecido por seu papel do inescrupuloso J.R. Ewing no novelão *Dallas*, arrebentou seis costelas após um acidente com a sua Harley Davidson. Mas isso não o impediu de voltar a trabalhar na telona: aos 66 anos, Hagman filmou suas últimas cenas para o filme *Primary Colors* – ao lado de John Travolta e Emma Thompson –, com o peito enfaixado. Detalhe: em 1995, Larry quase partiu dessa para uma melhor depois de um transplante de fígado. Vaso ruim...

Divulgação

Hagman: nada de cama

A IMAGEM DO MÊS

GLORIOSA SHARON

Chega de férias! Após um longo inverno – mais especificamente desde os fracassos *A Última Chance* e *Diabolique*, ambos de 1996 –, Sharon Stone está de volta, mais gloriosa do que nunca e em ótima forma. Ela é a protagonista da refilmagem de *Gloria*, o drama dirigido por John Cassavetes e estrelado por Gena Rowlands em 1980, desta vez comandado pelo competente Sidney Lumet. Mas não pára por aí: Sharon será vista ainda no primeiro semestre ao lado de Dustin Hoffman e Samuel L. Jackson na ficção submarina *Sphere*, e já disse "sim" para a esperada continuação de *Instinto Selvagem* pela bolada de 16 milhões de dólares. Ela merece.

SIGOUR

Tudo o que eu amo...

1 Meu marido, o diretor teatral Jim Simpson: "Jim é um homem surpreendente. Nós nos conhecemos no Festival de Teatro de Williamstown e saímos juntos por um tempo. Até que, em 1984, ele insistiu em se casar comigo – para a minha sorte. Com ele, aprendi o que é formar uma família. E isso é, hoje, o que há de mais importante para mim. Você pode ter sucesso em todas as áreas da sua vida, mas ele não vale nada se você não for capaz de criar um lar para os seus filhos".

2 Minha filha de sete anos, Charlotte: "Uma das razões pelas quais eu queria tanto ter um filho era a minha relação com Carrie Henn (*que interpretou a menina Newt em Aliens – O Resgate*). Fiquei muito ligada a ela durante as filmagens. Agora, ser mãe de Charlotte é meu trabalho mais importante. Ela é completamente destemida – quer ir sozinha de ônibus para a escola, essas coisas – e me chama de 'Sra. Preocupação', porque vivo correndo atrás dela. Eu gostaria de encorajá-la a aproveitar ao máximo as coisas boas da vida – e, quando chegar a hora, deixá-la em paz".

3 Ter 48 anos: "Quando você passa dos trinta e deixa de ser considerada um objeto sexual, começam a aparecer alguns papéis femininos muito interessantes. E, a esta altura da vida, estou disposta a tentar qualquer coisa".

4 Meu cacife: "Por causa de filmes populares como *Os Caçafantasmas* e a série *Alien*, pude conseguir papéis em dramas significativos como *A Morte e a Donzela* e *Tempestade de Gelo*. Essa é uma realização que me enche de entusiasmo".

5 Me produzir: "Vocês já viram os figurinos que fizeram para mim na versão em carne e osso de *Branca de Neve*? Eles são magníficos. Adoro me vestir e me produzir, por exemplo para ir a pré-estréias. Tenho uma equipe maravilhosa, que me faz sentir como se eu fosse uma rainha por um dia".

6 Nova York: "Fui criada no Upper East Side e não posso me imaginar vivendo em qualquer outro lugar que não Manhattan. Adoro andar nas ruas da cidade, ir ao mercado e ao tintureiro. Durante as filmagens de *Alien*^{3}, moramos em Londres por seis meses e pensamos seriamente em nos mudar para lá. Mas, quando voltamos, era feriado e estava todo mundo no Central Park, dançando, passeando e andando de skate. Ficamos tão felizes de estar aqui que nem entendíamos mais de onde tinha vindo aquela idéia de viver em Londres".

7 Meus pais: "Minha mãe é uma atriz britânica, Elizabeth Inglis. Ela sempre me ensinou a ser independente e foi uma grande influência em todas as escolhas que fiz. Meu pai, Sylvester 'Pat' Weaver (*antigo presidente da rede NBC de televisão*), foi o criador de programas como o *Today* e o *Tonight*. Ele é um sujeito muito alegre, e me ensinou a ter algum senso de humor. Os dois vivem hoje na Califórnia".

8 Gérard Depardieu, com quem trabalhei em *1492 – A Conquista do Paraíso*: "Adoro o Gérard. Ele é o melhor ator do mundo. Basta olhar nos olhos dele para esquecer tudo o que está acontecendo à sua volta".

9 Minha altura: "Ter 1m80 tem lá as suas vantagens. Para mim, é uma prova dos nove. Se eu entro na sala, um ator se levanta e imediatamente se sente constrangido, já sei que esse é um filme que eu não devo fazer".

10 Ser careca: "Adorei aparecer sem cabelo em *Alien*^{3} – de verdade. O lado ruim era o frio; minha cabeça congelava e eu tinha de usar chapéus o tempo todo. O lado bom é que qualquer roupa que você use parece moderna e arrojada. Pena que ninguém pare para olhá-las: aonde quer que você vá, está todo mundo preocupadíssimo com a sua careca".

...e

1 Meu nome de batismo: "Fui batizada Susan Alexander Weaver. Pelo meu pai, eu teria me chamado Flavia, porque ele adora história romana – meu irmão, por exemplo, se chama Trajan, em homenagem ao imperador Trajano. Quando eu era pequena, as pessoas me chamavam de Susie, mas eu odiava: havia montes de garotas chamadas Susie e Susan. Por isso durante um tempo meus pais me chamaram só de 'S'. Até que, quando eu tinha quatorze anos, encontrei o nome Sigourney no livro *O Grande Gatsby*, de F. Scot Fitzgerald. Era um personagem secundário, mas adotei o nome imediatamente. Em retrospecto, me parece um gesto corajoso".

2 Banalizar meu personagem em *Alien*: "A certa altura, ouv dizer que estavam pensando em fazer *Alien vs. Predador*. Está aí um tipo de coisa do qual eu quer a máxima distância".

3 Lugares pequenos e fechados: "Tenho fobia de elevadores. Sempre que entro em um, confiro aquele certificado que diz quando foi feita a última inspeção. E, se a portas não abrem imediatamente fico nervosa. Acho que se eu ficasse presa num elevador junto com outras pessoas até agüentaria. Mas, sozinha, teria uma reação irracional. A verdade é que sou meio claustrofóbica. Quando estávamos filmando uma cena de *Alien – A Ressurreição* em que tínhamos de nadar num cômodo inundado, constatei que esse é meu ponto fraco. Será que o Schwarzenegger tem um ponto fraco? Será que é por isso que eu ganho tão menos do que ele?".

4 Ficção científica e filmes de terror: "Odeio filmes de horror. Lembro que fiquei apavorada quando vi *Invasores*

NEY WEAVER

odeio!

de Corpos. E, ironicamente, também nunca gostei de ficção. Assisti a *2001 – Uma Odisséia no Espaço* e olhe lá. Acho a ficção científica uma coisa meio medieval, sabe como é? Não consigo levar muito a sério".

5 Minha impaciência: "Tenho raiva de ser tão impaciente. Adoraria ter a serenidade para fazer tarefas domésticas como olhar receitas ou planejar cardápios – mas entreter realmente não é meu forte".

6 Pedir desculpas o tempo todo: "Mesmo sem querer, peço desculpas para todo mundo, a toda hora. Acho que isso vem de ter 1m80 aos onze anos de idade: você está sempre trombando nas pessoas e nas coisas e dizendo 'Ops, desculpe'. Felizmente, eu sempre soube que um dia eu ainda ficaria feliz por ser tão alta".

7 Estar sempre atrás de todo mundo: "Carreira, casamento, família, não importa: eu sempre demorei mais do que os outros para chegar lá".

8 Meu antigo desprezo pelo cinema: "Eu era uma tremenda de uma esnobe no começo da minha carreira. Naquela época, eu preferiria morrer a ter de fazer um filme de ficção científica".

9 A interferência dos estúdios: "Quando estávamos fazendo *Aliens – O Resgate* a Fox pressionou James Cameron para cortar uma passagem em que a tenente Ripley, ao acordar de seu sono de décadas, descobria que sua filha na Terra já havia morrido. Esse trecho foi incluído na *Versão do Diretor*, mas o fato é que esses três minutos de material mudavam tudo no filme. Ainda sinto uma certa amargura quando penso nisso. Você se mata para compor um personagem e daí eles tiram a sua razão de ser. É um tapa na cara".

10 Insegurança: "Na verdade, sou meio insegura e apavorada. Como atriz, sempre tive de lutar contra essa falta de autoconfiança. Fiquei muito honrada, por exemplo, quando Roman Polanski me convidou para fazer *A Morte e a Donzela*. Eu mesma nunca teria tido coragem de me aproximar de um cineasta como ele. Já recusei muitos papéis por causa dessa insegurança".

Susan Granger

Cartas

ELOGIOS...

A edição de janeiro estava completíssima: não faltou absolutamente nada. Começou pela capa com Leonardo DiCaprio e Kate Winslet – dois atores em ascensão. Passou pelo perfil de Alfred Hitchcock e encerrou com o arrasa-quarteirão *Homens de Preto* em vídeo. Parabéns!

Alex Roberto
(Arujá – SP)

"Como não se apaixonar pela reportagem de *Titanic*? Se vocês tiverem uma resposta ponderável, ficarei aliviado e deixarei de pensar que tenho na minha casa uma obra-prima, na qual cada palavra é usada de maneira tão perfeita. Às vezes, a contragosto, tenho de fechá-la, mas me conforto ao ver na capa os rostos iluminados de Leonardo DiCaprio e Kate Winslet. Durmo mais tranqüilo ao saber que no próximo mês receberei mais uma raridade."

André M.M.O.
(São Paulo – SP)

A SET de janeiro foi um presente. A capa estava encantadora, a matéria sobre *Titanic*, deslumbrante, e as fotos, magníficas. Obrigada pela primeira emoção de 1998.

Divângela Matioski
(Curitiba – PR)

...E MAIS ELOGIOS

Li muitas reportagens sobre *Titanic*, mas nenhuma se compara à da SET. Primorosa, rica em detalhes e abrangente. Após a leitura, senti mais vontade de ver o filme. Nota 10 para *Titanic* e 11 para a SET.

Henrique Reis
(Belo Horizonte – MG)

☆

A edição 127 arrasou com a reportagem sobre *Titanic*. Bastidores, grandes atores, problemas, custos... Tudo foi abordado com qualidade e informação, dando o merecido destaque a essa obra-prima. James Cameron fez com que, em uma certa sessão em minha cidade, muitas pessoas aplaudissem de pé.

Érika Svícero Martins
(Botucatu – SP)

PARTE DO ELENCO

Parabéns a José Emilio Rondeau e a Roberto Sadovski pela matéria sobre *Titanic*. O resumo dessa superprodução e a sinopse dos personagens situaram o leitor e nos fizeram parecer coadjuvantes da história.

Tereza Cristiane
(Natal – RN)

A matéria sobre *Titanic*, além de completa, deu a sensação de estarmos junto ao diretor e aos atores, devido à riqueza de detalhes. O tema de *Será Que Ele É?* foi abordado de forma atualizada, e o perfil de Hitchcock estava perfeito.

Cristiano de Oliviera Souza
(Goiânia – GO)

OPINIÕES

A maioria dos críticos tende a julgar os filmes espetaculares, como *Titanic*, *Guerra nas Estrelas* e *Contato*, como se fossem unicamente comerciais, sem valor artístico. Para eles, qualquer produção americana que não seja independente é lixo. SET felizmente não tem essas idéias preconcebidas, mas basta ler um jornal e verificar que elas existem.

Max Mário Fuhlendorf
(São Caetano do Sul – SP)

☆

Emocionei-me ao ler que James Cameron preferia a morte a ver seu roteiro cortado. Cineastas como ele, que dedicam a vida às suas obras, são os responsáveis pelos grandes filmes da história.

Roberta Luciane do Nascimento
(São José do Rio Preto – SP)

PEDIDO

Vocês precisam melhorar a qualidade gráfica, principalmente das fotos. Por favor, caprichem.

Wilson Renato Bozana
(Maringá – PR)

entre leitores

Tenha Sharon Stone, Brad Pitt ou qualquer outro astro do cinema na tela do seu computador. Tenho um sistema que vai deixar você alucinado. Escreva-me.
Mariane A. Colleto
R. Judite Leite Chaves Carvalho, 52, CEP 02991-010 (São Paulo – SP)

☆

Se você quiser participar da montagem de um jornal de cinema, vídeo e *Arquivo X*, escreva-me.
Rodrigo Lara Biancalana
R. Oscar Leite, 147/52, CEP 13041-620 (Campinas – SP)

☆

Entre para o recém-formado *Jodie Foster Brazilian Fan Club*. Também trocamos materiais com admiradores de outros astistas.
Luiz Guilherme Castelo Branco
R. João Franco de Oliveira, 211, CEP 04678-100 (São Paulo – SP)

☆

Gostaria de me corresponder com pessoas que façam cinema e teatro, bem como fãs de Montgomery Clift e Vanessa Redgrave.
Alexandre Bezerra
R. Cel. José Bezerra, 1.303, CEP 59031-070 (Natal – RN)

☆

Quero me corresponder com fãs de Mel Gibson, Julia Roberts, Sandra Bullock e Macaulay Culkin.
Caissa Tomich Rodrigues
R. Diogo Galeão Noronha, 184, CEP 39800-000 (Minas Gerais – MG)

☆

Convoco todos os que são loucos por superproduções e roteiros bem dirigidos e que sonham em atuar ou dirigir. Escrevam-me para montarmos um grupo de críticos de cinema.
Paulo Sérgio dos Santos Sena
R. Teixeira de Freitas, 04, CEP 45960-000 (Medeiros Neto – BA)

☆

Vendo coleção com cerca de 1.300 cartazes (pequenos e grandes) de filmes. Todos originais da época de seu lançamento nos cinemas.
Humberto Susumu Iwashita
R. Atília Delbon Biscuola, 84, CEP 06216-300 (Osasco – SP)

Escreva para a SET, Avenida das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 867-3215 ou via Internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

ÚLTIMAS edições

Nº 128 FEVEREIRO 98
Quentin Tarantino e as 62 pessoas que fazem Hollywood ser mais legal; a estréia de *Jackie Brown* e de *Tropas Estelares*; a estrela-revelação Matt Damon em *Gênio Indomável*; em vídeo, *A Outra Face*.

Nº 127 JANEIRO 98
James Cameron e a incrível saga de *Titanic*; Pierce Brosnan em 007 – *O Amanhã Nunca Morre*; Stallone vira ator em *Cop Land*; o estranho mundo de Alfred Hitchcock; em vídeo, *Homens de Preto*.

Nº 126 DEZEMBRO 97
Os leitores elegem os melhores e os piores do cinema; Brad Pitt estrela *Sete Anos no Tibet*; Richard Gere caça Bruce Willis em *O Chacal*; a arte de Al Pacino e de Alfred Hitchcock; em vídeo, *O Mundo Perdido*.

Nº 125 NOVEMBRO 97
Marilyn Monroe é um mito imortal; 100 fatos sobre Hollywood; Demi Moore em *Até o Limite da Honra*; George Clooney é *O Pacificador*; Michael Douglas em *O Jogo*; Johnny Depp; em vídeo, *Con Air*.

Nº 124 OUTUBRO 97
Titanic e os outros grandes filmes que vêm aí; Mel Gibson em *Teoria da Conspiração*; *L.A. Confidential*; os bastidores de *Carrudos e Volcano*; Robert Altman; James Stewart; em vídeo, *Breakdown*.

Nº 123 SETEMBRO 97
Julia Roberts volta a mil em *O Casamento do Meu Melhor Amigo*; Jodie Foster em *Contato*; os ETs no cinema; *Matador em Conflito*, uma grande surpresa; Robin Williams fala sério; em vídeo, *O Paciente Inglês*.

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/8 68-3018) ou pelo telefone (011/810-4800), ao preço de R$ 7,41 por exemplar (R$ 5,70 do preço normal de capa, mais 30% para despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810-4800.

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

EDITORA AZUL

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET

REDAÇÃO

Diretor de Redação: Jorge de Souza

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editora Assistente de Arte: Denise Gerbasi
Editor: Christian Petermann
Editor Assistente: Roberto Sadovski
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboram nesta edição:
Arte: Mônica Ribeiro
Texto: Alfredo Sternheim, Augusto Morante Neto, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Francisco Marcelino, Miguel Barbieri Jr., Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê, Virginie Courtadon
Revisão: Vera Rodrigues

STAFF EDITORIAL

Direção de Jornalismo: Cynthia de Almeida
Direção de Arte: Rodolfo Tucci

Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Christina Mucci
Sistemas Editoriais: Walter Toscano

COMERCIAL

Diretor: Sérgio Fernandes
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Produto de Assinaturas: Luciene Lauriano
Assistente de Produto: Luciane Nogueira

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni

PUBLICIDADE

Diretora: Ana Serra
Supervisora: Malú Marot
Contatos Comerciais: Andréa Madrid, Marlene Araújo, Julia Farina, Marcia Braga
Coordenação/Supervisão: José Soares
Coordenador: Rafael Militello
Gerente MKT Publicitário: Cintia Mourão

SET edição 129, março de 1998, é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1592. **Assinatura:** Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus, tendo mediante sua solicitação direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido pelo índice oficial aplicável. Com a assinatura, seu nome passa a constar da lista de clientes da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção. Caso não queira constar desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume 769, Lapa, CEP 05066-900, São Paulo, SP. **Serviço ao assinante:** (011) 823-9222. **Números atrasados**: (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque). Peça ao seu jornaleiro, à distribuidora Dinap de sua cidade ou pela Caixa Postal 2505, Osasco - SP; fax (011)868-3018; telefone (011) 810-4800, das 8 às 19 horas. Pagamento pelos cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, ao preço da última edição em banca mais despesas postais. dinap.na@email.abril.com.br.

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

IVC

EDITORA AZUL / ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5.777, CEP 05479-900, Tel.: (011) 867-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05315-970, Fax: (011) 867-3300.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Tel.: (021) 532-0313, Caixa Postal 4816, Fax: (021) 532-1486 / 532-1583.

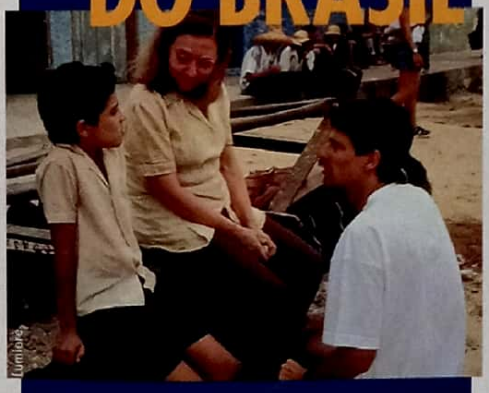
PRÓXIMAS atrações

o que você vai ver na SET de abril

ALIEN A RESSURREIÇÃO

★ **Sigourney Weaver e Winona Ryder enfrentam uma nova e terrível ameaça no quarto filme da série**

CENTRAL DO BRASIL



★ **O cinema nacional mostra sua força neste elogiado filme do mesmo diretor de *Terra Estrangeira***

EDITORA AZUL
NOSSAS PUBLICAÇÕES

INTERESSE GERAL

Terra
VIAGEM, NATUREZA E ECOLOGIA

Revista Saúde! É VITAL
PREVENÇÃO E SAÚDE

Viagem e Turismo
ROTEIROS TURÍSTICOS

ENTRETENIMENTO

contigo!
SEMANAL DE TV E NOVELAS

SHOWBIZZ
ROCK, POP E COMPORTAMENTO

SET
CINEMA E VÍDEO

Ação GAMES
VIDEOGAMES E JOGOS PARA COMPUTADOR

FEMININAS

AnaMaria
A PARCEIRA DO DIA-A-DIA DA MULHER

carícia
COMPORTAMENTO ADOLESCENTE

BOA FORMA
BELEZA, FITNESS E SAÚDE

HORÓSCOPO
A REVISTA DOS ASTROS

ESPORTIVAS

FLUIR
SURF É FLUIR

NOSSOS REPRESENTANTES

Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba , Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.: (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed. Bacarat - conj. 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel.: (061) 223-21347/321 - 0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Te.: (019) 233-7175 - Fax: (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tel.: (085) 254-1666/6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tel.: (o31) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel.: (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - Al. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax: (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianópolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

Tocantins

O Eterno Guerreiro

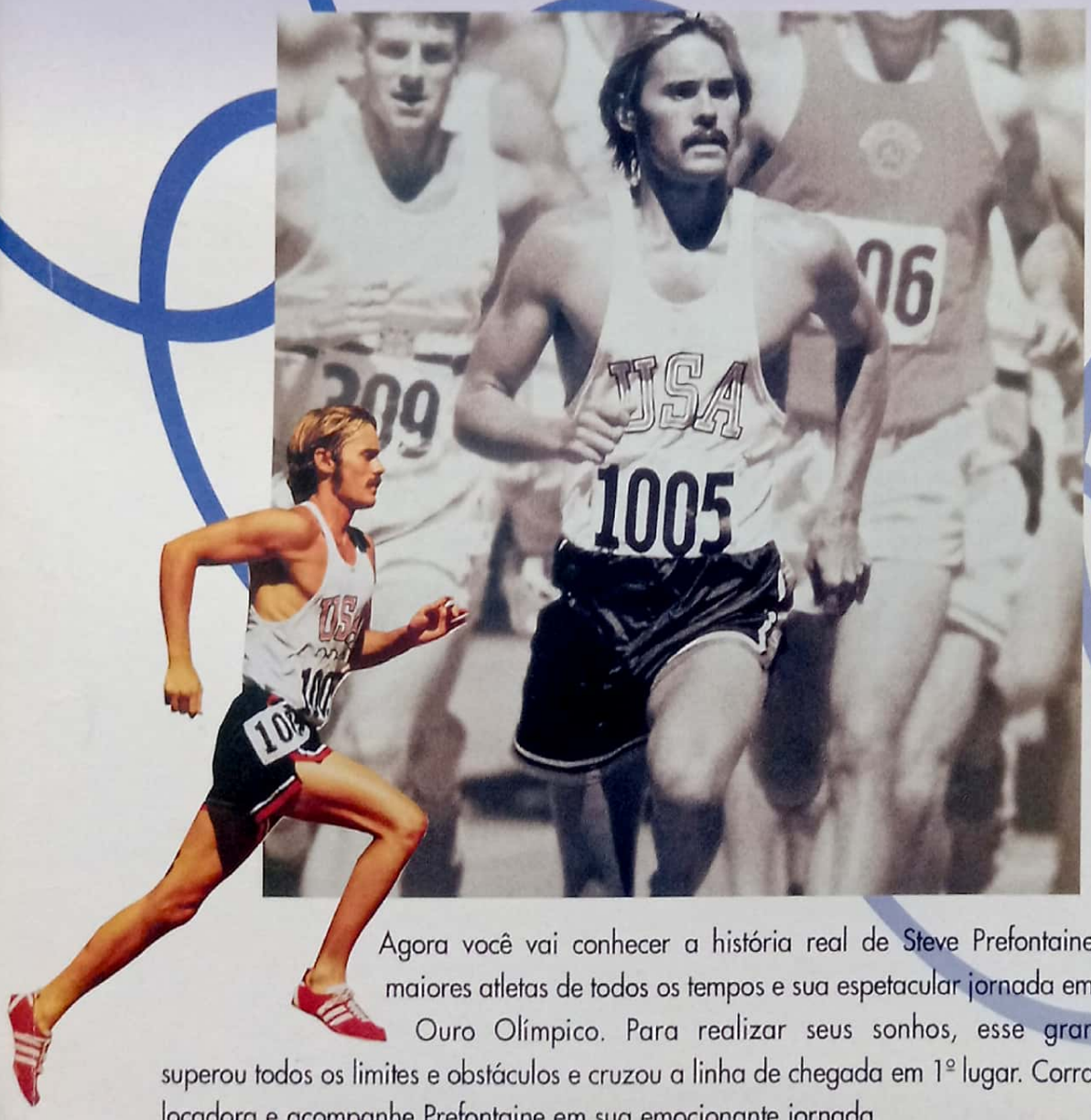
O filme mais conhecido de Toshiro Mifune continua sendo *Os Sete Samurais* (foto). É a consagração de sua parceria com o cineasta Akira Kurosawa, que o transformou no mais famoso ator nipônico de todos os tempos. Juntos, realizaram ainda obras-primas como *Rashomon* e *Yojimbo*. Mifune construiu a imagem perfeita do guerreiro medieval. Como um dos samurais, ele pôde explorar sua forte presença física e seu rosto expressivo, características que o destacaram também em dramas de guerra (*Inferno no Pacífico*) e comédias (*1941*). Na última véspera de Natal, porém, o ator deixou o vale dos vivos para ocupar o monte de Narayama, o templo dos cidadãos eternos. Com ele, calou-se uma voz heróica, que fez dos anos de ouro do cinema japonês um período fértil da cultura mundial. Praticamente recluso desde 1993, quando sofreu um infarto, Mifune partiu em silêncio. O mundo se curva, reverente, diante de um legado de mais de 160 filmes.

PARA ALCANÇAR UM SONHO, ELE SUPEROU TODOS SEUS LIMITES.

PREFONTAINE

UM NOME SEM LIMITES

(Prefontaine)



© Hollywood Pictures Company

Agora você vai conhecer a história real de Steve Prefontaine, um dos maiores atletas de todos os tempos e sua espetacular jornada em busca do Ouro Olímpico. Para realizar seus sonhos, esse grande ídolo superou todos os limites e obstáculos e cruzou a linha de chegada em 1º lugar. Corra para sua locadora e acompanhe Prefontaine em sua emocionante jornada.

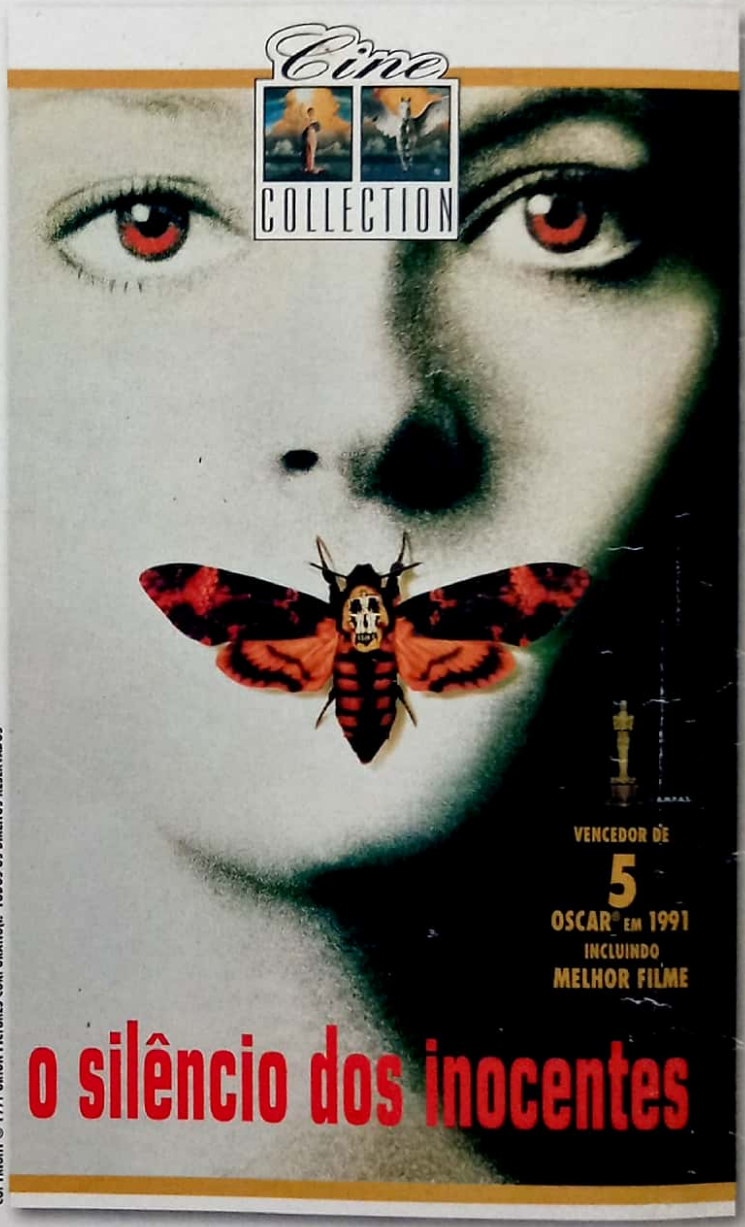
JÁ NA SUA LOCADORA

abril vídeo

Leve dois grandes vencedores do Oscar® para casa.

Não perca a oportunidade de ter em casa estes dois grandiosos momentos do cinema, em suas versões originais completas, num lançamento Columbia TriStar Cine Collection. E o melhor de tudo, com uma qualidade que não está no gibi. Nem em jornal nenhum.

• Cinema Paradiso é o filme-referência para os amantes do cinema. Com uma história divertida e comovente, que sustenta a emoção à flor-da-pele em todos os momentos, o filme tem uma trilha sonora encantadora de Ennio Morricone que é uma obra-prima à parte.



• O Silêncio dos Inocentes levou para o topo Anthony Hopkins, com sua interpretação magistral de Hannibal "Canibal" Lecter, e Jodie Foster, em seu melhor momento no cinema até hoje. Por seus papéis, ambos foram vencedores do Oscar® de Melhor Ator e Melhor Atriz.

A partir de 26 de março, nas melhores videolocadoras, lojas e supermercados.

Reserve já a sua fita.